

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO E DOUTORADO)

AMANDA REGINA BUGHI

**LETRAMENTO ESCOLAR: A ARGUMENTAÇÃO ESCRITA DE
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

MARINGÁ - PR
2020

AMANDA REGINA BUGHI

**LETRAMENTO ESCOLAR: A ARGUMENTAÇÃO ESCRITA DE
ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem de Línguas.
Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Neiva Maria Jung

Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

- B931I Bughi, Amanda Regina
Letramento escolar: a argumentação escrita de alunos do ensino médio /
Amanda Regina Bughi.– Maringá: UEM, 2020.
xiii, 160 f.
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de
Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação; área de
concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Ensino e
Aprendizagem de Línguas.
Orientadora: Profa. Dra. Neiva Maria Jung;
Banca examinadora: Profa. Dra. Cristiane Carneiro Capristano, Profa.
Dra. Clara Zeni Camargo Dornelles.
- Bibliografia
1. Letramento. 2. Dialogismo. 3. Argumentação. 4. Ensino Médio. I. Título.
II. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Programa de Pós-Graduação

CDD 20. ed. 418.07

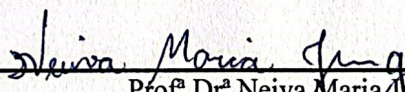
AMANDA REGINA BUGHI

LETRAMENTO ESCOLAR: A ARGUMENTAÇÃO ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MEDIO.

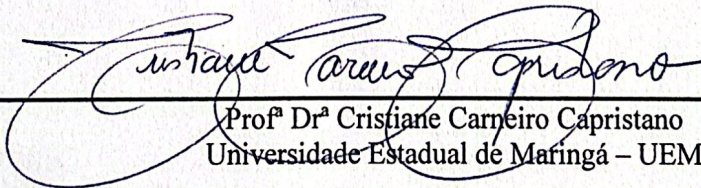
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Linguísticos**.

Aprovada em 06 de março de 2020.

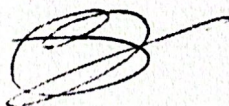
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Neiva Maria Jung
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Profª Drª Cristiane Carneiro Capristano
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Profª Drª Clara Zeni Camargo Dorneles
Membro Convidado (Unipampa - Bagé -RS)

*Dedico este trabalho aos meus pais, pelo
apoio de toda a vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, pelo dom da vida.

Aos meus pais, Ademir e Edna, pelo apoio, incentivo e amor incondicional.

À professora Neiva, que acreditou em mim e oportunizou que eu realizasse um dos sonhos de minha vida. Agradeço as orientações, leituras e o apoio necessário durante todo o percurso. O caminho não é fácil, mas certamente chego neste ponto muito melhor do que quando comecei.

Ao Thiago, amigo de toda a vida, obrigada por estar ao meu lado em mais esta etapa.

À Iasmim, companheira dessa jornada, por termos dividido dúvidas, compartilhado emoções, crescendo juntas durante o processo.

À Giselli, pelo acolhimento, generosidade e disposição em me ajudar sempre que precisei.

Aos colegas do grupo de pesquisa LEIAM, pelas leituras, sugestões e conhecimentos compartilhados, agradeço especialmente ao Rafael pelas interlocuções, indicações de material e apontamentos que contribuíram imensamente para este trabalho.

Às professoras, Cristiane Carneiro Capristano e Clara Zeni Camargo Dornelles, por aceitarem participar das bancas de qualificação e defesa e pelas valiosas contribuições.

Aos professores do PLE, especialmente aqueles que ministraram as disciplinas que cursei. Muitos ensinamentos levarei para a minha prática profissional, outros para a vida.

Ao diretor da escola, que permitiu que eu realizasse a pesquisa e aos meus queridos alunos do segundo ano, pela participação.

Agradeço à universidade e às pessoas que nela trabalham, num esforço diário de manter a qualidade e credibilidade dessa instituição de ensino.

*Somos educadores, temos de escutar nossos alunos não para obedecer a seus desejos, mas
para organizar sua busca do conhecimento.*
(Madalena Freire, 2003)

RESUMO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, insere-se na área da Linguística Aplicada (LA), na linha de pesquisa de Ensino-aprendizagem de línguas (PLE/UEM), mais especificamente de língua portuguesa na Educação Básica e tem como foco a argumentação na escrita escolar. Trata-se de uma pesquisa-ação desenvolvida com alunos do segundo ano do Ensino Médio de um colégio estadual do campo no interior do Paraná. O objetivo central foi compreender como alunos constroem a argumentação em gêneros discursivos escolarizados, nos textos resultantes de um projeto de letramento, visando: a) analisar como, por meio de argumentos, negociam vozes sociais com práticas escolares propostas pelo Projeto de Letramento; e b) identificar como estabelecem diálogos com interlocutor(es). Em relação aos procedimentos metodológicos, a pesquisa constitui-se como uma pesquisa-ação realizada dentro da perspectiva ontológica da etnografia da linguagem (GARCEZ; SCHULZ, 2015) que reconhece a centralidade dos sujeitos em práticas letradas escolares. Quanto aos posicionamentos epistemológicos, fundamenta-se nos Estudos do Letramento (KLEIMAN; ASSIS, 2016; STREET, 2014, 2003), buscando conceitos em Street (2003, 2006, 2014), Lillis (2003), Kleiman (2008, 2010, 2016) para propor o projeto de letramento e nas teorias do Círculo de Bakhtin para compreender as atitudes responsivas dos alunos em suas produções textuais. Foram desenvolvidas duas unidades no projeto de letramento, sendo a unidade 1 intitulada “O lugar onde vivo” e a unidade 2 “Trabalho”. Por meio de leituras de textos de diversos gêneros, atividades, discussões em sala, os alunos produziram, respectivo a cada unidade, uma carta de reclamação e um artigo de opinião. Como resultados, após a análise dos dados feita com base no projeto, nas aulas gravadas e nas produções escritas dos alunos, observou-se que eles obtiveram um avanço na escrita, conseguindo apresentar argumentos para negociarem com discursos presentes nos textos de apoio e trazendo discursos da comunidade, posicionando-se também em relação aos interlocutores previstos nos comandos de produção. Os alunos conseguiram argumentar ao responder às práticas de linguagem propostas pelo PL, por meio de um trabalho com gêneros discursivos, ou seja, tinham o que dizer e argumentaram em práticas letradas escolares articuladas com demandas locais. Em termos conclusivos, observo que o projeto de letramento colaborou para o desenvolvimento de práticas pedagógicas na escola que promovem a participação social e o protagonismo dos alunos, por meio de (re)posicionamentos em práticas de letramento escolares. Ressalto a importância de pôr em relevo o contexto local e o caráter agentivo dos alunos com a escrita. Espero que esse tipo de prática possibilite substituir o discurso sobre o *déficit* e a crise da escrita existentes na esfera escolar por uma perspectiva que toma os letramentos como práticas letradas situadas socioculturalmente. Outro ponto constatado de forma relevante é o fato de, por meio da pesquisa-ação, o professor poder repensar em suas ações e transformar sua prática pedagógica por meio da reflexão na ação.

Palavras-chave: Letramento. Dialogismo. Argumentação. Ensino Médio.

ABSTRACT

The present study, of qualitative nature, inserted in the area of Applied Linguistics (LA), in studies about teaching and learning of languages (PLE / UEM), specially, in portuguese language - in Basic Education and focuses on the argumentation in school writing . This is an action research developed with students of the second year of high school at a public school in Paraná. The main objective was understand how students construct an argument in schooled discourse genres, in the texts applicable to a Literacy Project, aiming: a) analyze how, through arguments, students negotiate social voices with school practices applied by the literacy project; b) identify how the students establish dialogues with interlocutor. Regarding methodological procedures, a research carried out as a research-action within the ontological perspective of language ethnography (GARCEZ; SCHULZ, 2015) that recognizes the centrality of exams in school literacy practices. As for the epistemological positions, founded on Literacy Studies (KLEIMAN; ASSIS, 2016; STREET, 2014, 2003), looking for concepts in Street (2003, 2006, 2014), Lillis (2003), Kleiman (2008, 2010, 2016) for propose the Bakhtin Circle's literature and theories project to understand how students' responsive attitudes in their textual productions. Two units were developed in the literacy project, unit 1 entitled “The place where I live” and unit 2 “Work”. Through readings of texts of different genres, activities, classroom discussions, the students produced, respectively for each unit, a letter of complaint and an opinion article. As a result, after analyzing the data based on the project, the recorded classes and the written productions of the students, it was observed that they achieved a advance in writing, managing to present arguments to negotiate with speeches present in the supporting texts and bringing speeches of the community, positioning itself also in relation to the interlocutors provided for in the production commands. The students were able to argue when responding to the language practices proposed by the PL, through work with discursive genres, that is, they had what to say and argued in school literate practices articulated with local demands. In conclusive terms, I note that the literacy project collaborated to the development of pedagogical practices at school that promote social participation and the protagonism of students, through (re) positions in school literacy practices. I emphasize the importance of highlighting the local context and the students' active character with writing. I hope that this type of practice will make it possible to replace the discourse on the deficit and crisis of writing existing in the school with a perspective that takes literacies as literate practices situated in sociocultural terms. Another point that has been found to be relevant is the fact that, through action research, the teacher can rethink his actions and transform his pedagogical practice through reflection in action.

Keywords: Literacy. Dialogism. Argumentation. High School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Etapas do ciclo da Pesquisa-Ação.....	48
Figura 2: Imagem do distrito por satélite do <i>Google Earth</i>	51
Figura 3: Fotografia da fachada da escola	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Síntese dos elementos caracterizadores de um Projeto de Letramento	33
Quadro 2- Tipos de argumentos	58
Quadro 3- Principais problemas trazidos pelos moradores na entrevista.....	70
Quadro 4- Conteúdos ministrados na unidade 1.....	71
Quadro 5- Leitura analítica do artigo de opinião Cavaleiros da cana X mecanização.....	75
Quadro 6- Conteúdos ministrados na unidade 2.....	77
Quadro 7- Estrutura da carta de reclamação.....	81
Quadro 8- Tipos de argumento encontrados nas cartas de reclamação.....	82
Quadro 9- Argumentos de causa e consequência	82
Quadro 10- Argumentos do senso comum	85
Quadro 11- Argumentos de exemplificação	86
Quadro 12- Argumentos de prova	87
Quadro 13- Tipos de argumentos encontrados no artigo de opinião	91
Quadro 14- Senso comum 1: Necessidade de qualificação	92
Quadro 15- Senso comum 2: Usina como maior fonte de geração de empregos.....	94
Quadro 16- Argumentos de prova	95
Quadro 17- Argumentos de exemplificação	96
Quadro 18- Argumentos de causa e consequência	97
Quadro 19- Argumentos vivenciais.....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

COPEP: Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

DOE: Diário Oficial do Estado

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LEIAM: Leitura, Etnografia, Interação, Aprendizagem e Multilinguismo

NEL: Novos Estudos do Letramento

NRE: Núcleo Regional de Educação

PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais

PDE: Programa de Desenvolvimento Educacional

PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PISA: Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

PL: Projeto de Letramento

ProfLetras: Programa de Mestrado Profissional em Letras

SEED: Secretaria de Estado da Educação do Paraná

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 ESCRITA ESCOLAR: LETRAMENTO E DIALOGISMO DO CÍRCULO DE BAKHTIN	26
1.1 Estudos do Letramento e letramento escolar: uma equação mutável.....	26
1.2 Dialogismo: vozes sociais e interlocução.....	34
2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	43
2.1 Natureza da pesquisa: etnografia da linguagem.....	43
2.2 Pesquisa-ação	46
2.3 A comunidade	49
2.3.1 O distrito.....	50
2.3.2 O colégio	52
2.4 Interlocutores.....	54
2.5 A professora-pesquisadora	55
2.6 Procedimentos para geração e análise de dados.....	56
2.7 Ética.....	59
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO DE LETRAMENTO: VOZES E INTERLOCUTORES.....	61
3.1. PLANEJANDO uma melhoria da prática: Projeto de Letramento	61
3.2 AGINDO para implantar a melhora planejada: desenvolvimento do projeto de letramento.....	66
3.3 Monitorando e DESCREVENDO os efeitos da ação: Análise das produções	78
3.3.1 Análise da Carta de Reclamação.....	79
3.3.2 Análise dos Artigos de Opinião	90
3.4 AVALIANDO os efeitos da ação: Discussão dos resultados.....	101
CONCLUSÃO.....	104
REFERÊNCIAS	109
ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.....	115
ANEXO II – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA EMITIDA PELO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO	118
APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES.....	119
APÊNDICE II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES	121

APÊNDICE III – PROJETO DE LETRAMENTO - UNIDADE 1: O LUGAR ONDE VIVO	123
APÊNDICE IV – PROJETO DE LETRAMENTO – UNIDADE 2: TRABALHO	135
APÊNDICE V: PRODUÇÃO DOS ALUNOS	152

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada com alunos do segundo ano do Ensino Médio, do período noturno, de um Colégio Estadual do Campo na região Noroeste do Paraná. Como professora de Língua Portuguesa nesse colégio, observei certa dificuldade da maioria dos alunos em relação à escrita de textos argumentativos e, preocupada com tal situação, me propus, para este estudo, desenvolver uma prática pedagógica que visasse a escrita como prática social – por meio de um Projeto de Letramento (doravante PL).

Posiciono-me, nesta pesquisa, como professora-pesquisadora, propondo a união da teoria e prática como forma de construção conjunta de conhecimento. Este trabalho permitiu que eu, além de responder aos objetivos propostos, pesquisasse, refletisse e me constituísse em um espaço de análise crítica e permanente de minha prática docente.

O objeto desta pesquisa - argumentação dos alunos em seus textos escolares - se delineou em minha própria prática docente, mas não resultou de uma problemática isolada na minha prática. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) mostraram que, no ano de 2019, 143 mil participantes zeraram na redação do ENEM e os principais problemas apresentados foram: fuga do tema; cópia do texto motivador; não atendimento ao tipo textual e texto insuficiente. Além disso, os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) mostram que o Brasil faz parte de um grupo de países em que mais de 50% dos estudantes têm dificuldade para usar a leitura como meio de adquirir conhecimento em outras áreas.

Mediante esses dados e reconhecendo o que afirma Street (2014), de que avaliações em larga escala são novas formas de governança global, os questionamentos que trago são os seguintes: as propostas de redação do ENEM solicitaram que os alunos escrevessem sobre o quê, a partir de que lugares sociais e para quem? Esses alunos que zeraram tinham o que dizer sobre o tema? Eles conseguiram reconhecer de onde foram retirados os textos de apoio e ou as vozes sociais veiculadas pela própria proposta? Ou a escrita foi concebida como meio de avaliação - uma redação, conforme diferenciou Geraldi (1995), - na qual o aluno não tinha o que dizer, não reconheceu para quem dizer e, portanto, ficou difícil, para ele, o próprio ato do dizer. Em termos da avaliação da leitura pelo PISA, pergunto, também, se a leitura é uma habilidade neutra ou lemos e elaboramos modos culturais de interagir com textos escritos, em práticas letradas, portanto, alunos precisariam ter modos culturais de ler os textos da avaliação para obterem bons resultados.

Na perspectiva dos letramentos, a escrita e a leitura constituem atividades ou tarefas do dia-a-dia, portanto, práticas de letramento ou letramentos que, muitas vezes, são ou estão invisíveis para as próprias pessoas que fazem uso deles. Estamos cercados por diversos gêneros das mais diversas esferas, que lemos e ou escrevemos, ou os quais discutimos, construindo, assim, padrões de interação com textos escritos (STREET, 2014). O letramento escolar é, muitas vezes, reconhecido como o único letramento e a escrita como uma tecnologia que se aprende apenas na escola. Trata-se, segundo Street (2014), de um modelo autônomo de letramento em que ocorre a pedagogização do tempo e espaço escolares e um processo de objetificação da língua que leva o aluno a não se reconhecer na língua trabalhada na escola.

Com a adoção desse modelo, grande parte dos alunos têm dificuldades com a produção de textos escritos na escola, sobretudo, os argumentativos, no que diz respeito a terem o que dizer, defenderem um ponto de vista, apresentarem argumentos e produzirem um texto com coesão e coerência de ideias. Como muitas vezes não se reconhecem na língua que estudam, fica muito difícil a responsividade nessa língua.

O reverso dessa dificuldade dos alunos é a forma como professores, planejadores e pesquisadores analisam dados referentes à produção escolar na escola. Almeida (2013) reflete, por exemplo, que muitas pesquisas buscam responder quais as dificuldades no processo de elaboração de um texto e ressalta que o termo dificuldade (ou associações negativas à redação) é consideravelmente superior ao termo facilidade, no que tange à produção de redações. Propõe então reelaborar a pergunta, ressaltando os aspectos positivos e trazendo os participantes para dentro do processo de produção textual, tornando-os parte dele.

Utiliza, para tanto, a vivência dos participantes para a geração de temas, procurando relacionar as experiências vividas com o contexto social, a fim de realizar análises e aprofundar os temas, cujo resultado seria o pensamento crítico sobre as suas realidades. Defende que o mais importante, antes de tudo, para a formação dos alunos, seria o posicionamento dos indivíduos como cidadãos críticos de si, sendo que leitura e escrita podem representar o início de todo o desenvolvimento educacional, pois, para o entendimento de qualquer disciplina, é necessário ler, interpretar e escrever.

Essa “cultura do *déficit*” por parte dos professores e dos próprios alunos também está na universidade, segundo Marinho (2010), onde professores consideram que alunos chegam à graduação com incapacidade de compreensão dos textos e falta de clareza ou dificuldade em “colocar no papel” as ideias, quando o foco é a escrita. Trata-se de concepções de leitura e escrita como duas habilidades neutras, mas que levaram membros da comunidade acadêmica de Marinho a sentir a necessidade de buscar estratégias ou procedimentos capazes de levar os

estudantes a interrogar as suas próprias representações e as suas experiências com a leitura e a escrita, reconhecendo tratar-se de um letramento específico, no caso acadêmico. Por esta perspectiva, torna-se necessário conduzir os alunos a compreender as práticas de letramentos das quais participam, o modo como se constituem essas práticas, repensar os dispositivos que refletem relações de poder e as noções de pessoalidade e identidades constituintes dessas práticas (STREET, 2010).

Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa no Brasil, há, segundo Passareli (2012), alunos que continuam caracterizados por terem um baixo desempenho linguístico e professores que se sentem impotentes por não conseguirem lidar com os conteúdos. A referida pesquisadora ainda lança o seguinte questionamento: “Por que o aluno não se sente à vontade para escrever textos?” E as respostas que apresenta são: “(i) o sujeito não tem repertório para desenvolver o tema sobre o qual tem de escrever; (ii) o sujeito não domina os procedimentos do processo de escrita”.

Trata-se de um olhar centrado, muitas vezes, em competências e habilidades individuais do aluno, sem uma análise da produção textual escolar como um processo de escrita por meio do qual o aluno se constitui e dialoga com várias vozes sociais (BAKHTIN, 2006), como a do interlocutor professor - que geralmente é reconhecido como interlocutor imediato e avaliador do texto (BELOTI; JUNG, 2017) e como representante da instituição, interlocutor superior -, das condições de produção, dos textos apresentados nas condições de produção, vozes das práticas cotidianas, dentre outras possíveis vozes sociais.

Tendo essa perspectiva do dialogismo do Círculo de Bakhtin no horizonte e, ao encontro do que afirma Bunzen (2010), compreendo a instituição “escola” como espaço histórico e sociocultural, ou uma esfera da atividade humana e de circulação de discursos, que contêm um conjunto heterogêneo de práticas sociais que ocorrem num dado tempo/espaço. Mantenho o termo letramento escolar no título da dissertação, pois parto de um conceito de letramentos no plural (STREET, 2010, 2014; KLEIMAN; ASSIS, 2016) e de escola como espaço histórico e sociocultural para o qual propomos trazer textos e reflexões, buscando levar os alunos a se posicionarem socialmente - argumentar - mediante o reconhecimento de vozes sociais e interlocutores previstos para essas produções.

Formulo, assim, para este trabalho, a seguinte pergunta de pesquisa: como alunos ressignificam a argumentação e as práticas de escrita escolares, por meio de um projeto de letramento? Visto a necessidade de uma proposta de intervenção na sala de aula que contribua para que alunos se sintam autorizados a se posicionar e consequentemente melhorarem a produção textual, elegi o procedimento metodológico projeto de letramento (KLEIMAN,

2010), como alternativa para práticas didáticas de modos de participação discente na escrita de gêneros discursivos da tipologia do argumentar. Assim, este estudo pretende compreender como alunos constroem a argumentação em gêneros discursivos escolarizados, em textos resultantes de um projeto de letramento, visando: a) analisar como, por meio de argumentos, negociam vozes sociais em práticas escolares propostas pelo projeto de letramento; b) identificar como estabelecem diálogos com interlocutor(es).

Busco estabelecer a relação do sujeito com a argumentação, por meio de práticas pedagógicas constituídas via gêneros discursivos articulados com práticas sociais locais, procurando trazer contribuições para produções escritas escolares, considerando as práticas como situadas, locais, contemplando sujeitos com suas histórias, crenças e identidades, as quais serão negociadas nesses textos. Utilizo, nesta dissertação, a denominação de gênero discursivo, pois, centro-me, sobretudo, no estudo das situações de produção dos enunciados em seus aspectos sócio-históricos, tendo Bakhtin como autor de referência. Seleciono os aspectos da materialidade linguística determinados pelos parâmetros da situação de enunciação, sem a pretensão de esgotar a análise dos aspectos linguísticos ou textuais.

Encaminhar o ensino da produção escrita na perspectiva das práticas de letramento implica rever abordagens teóricas e metodológicas que possam subsidiar o processo de ensino e aprendizagem. Esse enfoque socialmente contextualizado contribui para que os alunos ganhem maior autonomia e aprendam a agir como cidadãos criticamente engajados na sociedade em que estão inseridos, portanto, ações ancoradas em PL são significativas porque estão alinhadas com a real dinâmica da vida social.

Optar por trabalhar com o PL é atentar para as necessidades e os interesses dos alunos, nesse sentido, é preciso haver sensibilidade à seleção dos conhecimentos e das práticas a serem abordadas, primando pelo significado local, a fim de que, na aprendizagem dos conhecimentos escolares, os indivíduos possam entendê-los e posicionar-se frente às questões que pautam o mundo, em vez de somente reproduzi-los.

Em termos de justificativas deste estudo, pretendo contribuir em primeiro lugar para o desenvolvimento de aprendizagens significativas de alunos, em especial, os socialmente mais vulneráveis, cujo acesso ao mundo da escrita encontra, muitas vezes, múltiplos obstáculos. Todos os alunos têm o que dizer na escola, mas precisamos ter práticas nela que "deem ouvidos" (ALTENHOFEN, 2013) ou possibilitem essa fala e escrita do aluno.

A segunda contribuição está relacionada à formação de professores. Tivemos avanços nas últimas duas décadas em relação à criação de programas em nível superior para a formação docente. Temos, atualmente, programas de pós-graduação que ofertam mestrados e doutorados

acadêmicos e mestrados profissionais, como o ProfLetras, que visa à capacitação de professores para o exercício da docência, realizando pesquisas e trabalhos de intervenção em sala de aula. No estado do Paraná, tivemos também o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), que foi criado em 2004 e regulamentado em 2010, como uma política pública que compôs o plano de carreira do servidor do quadro próprio do magistério e estabeleceu o diálogo entre os professores do ensino superior e os da educação básica, por meio de atividades teórico-práticas orientadas. Este programa teve como resultado a produção de conhecimento e mudanças na prática escolar do professor, porém, em 2018 foi reformulado e na sequência finalizado.

O que reconhecemos como problemático é a nossa formação continuada. Os cursos de formação continuada¹, atualmente, no Paraná, são realizados em seis dias distribuídos ao longo do ano letivo. São ministrados pela própria equipe pedagógica do colégio, seguindo um material criado e disponibilizado pela SEED, para toda a rede pública paranaense. São cursos que se constituem em ações fragmentadas e desconsideram a realidade local. Precisamos, e aqui reivindico no papel de docente, que os momentos de formação continuada dentro das escolas proporcionem cursos por disciplina ou áreas do conhecimento, buscando sempre aliar teoria e prática docente. Nesse sentido, a contribuição aqui é o PL que possibilita ao professor, ou professor em formação, aliar teoria e prática, partindo das necessidades dos alunos para levá-los a se apropriar da escrita para se posicionarem discursivamente em relação a questões que os constituem e que constituem também os muitos outros.

O PL é uma organização didática especial capaz de originar novos sentidos ao trabalho com as diferentes linguagens na escola, “favorecendo a formação de sujeitos capazes de se apoderar da escrita para atuarem discursivamente nas diversas esferas sociais” (SANTOS, 2012). Visando a construção identitária, valoriza-se a parceria entre professores e alunos, estimulando-os à ação coletiva, o que favorece o protagonismo, a agência crítica e política, o empoderamento e a emancipação desses sujeitos, à medida que aprendem a refletir nas e sobre as ações realizadas. Vistos por esse viés, os projetos configuram-se como uma proposta metodológica vinculada a uma nova visão de cultura escolar, que se abre à mobilização social, à intersubjetividade, ao dialogismo e à reflexividade, características inerentes a um novo e necessário olhar sobre as práticas educativas (SANTOS, 2012, p.103).

Nesse tipo de aprendizagem horizontal, o papel do professor é o de atuar em parceria com os alunos, construindo conhecimento. Ambos aprendem e ensinam, ou seja, são sujeitos ativos no processo de produzir conhecimentos que permitam compreender fatos da realidade

¹ Sobre formação continuada, consultar Imbernón, 2010.

vivenciada por todos. Opondo-se ao ensino tradicional “nesse dispositivo didático, a leitura e a escrita são instrumentos para que outras ações se realizem: ações sociais que ultrapassam os muros da escola” (SOUZA, 2017, p.176). O trabalho com projetos impõe uma forma de aprender que deve ser entendida, não como um conteúdo a ser transmitido, mas como algo a ser (re)construído, (re)contextualizado. A aprendizagem funciona, então, como uma forma de construção do conhecimento que se instaura a partir de um processo dialético (relação do passado-presente-futuro; individual-coletivo; local-global), algo que se constrói num espaço de movimento (OLIVEIRA; TINOCO; SANTOS, 2014, p. 49).

Em relação à produção acadêmica, foi realizada uma busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com as palavras-chave “Letramento e argumentação”, no período que compreende 2013 a 2019, com a aplicação de filtros na grande área: Linguística, Letras e Artes; área do conhecimento: Linguística Aplicada e área de avaliação: Letras e Linguística. O filtro selecionou 187 pesquisas, dos quais foram lidos título, palavras-chave e resumos, o que levou à seleção de 11 trabalhos de professores-pesquisadores que elaboraram projetos de pesquisa, trazendo a argumentação para uma prática social e a projetos de letramento. Trago aqui alguns trabalhos que dialogam com esta dissertação: 8 dissertações, sendo 7 delas do programa de mestrado profissional e 1 do acadêmico, e 3 teses.

Seguindo a ordem da apresentação das dissertações e, na sequência, das teses, apresento a pesquisa de mestrado de Franco (2015), desenvolvida sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Izabel Magalhães, do curso de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade Federal do Ceará (UFC), intitulada *A educação dialógica no ensino de produção de textos em língua portuguesa*, que teve como objetivo desenvolver o letramento crítico, por meio da aplicação de uma sequência didática, em uma turma de 8º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Fortaleza. Utilizou o material da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, que trabalha com o gênero discursivo artigo de opinião, analisando a primeira e a última versão produzida por quinze alunos, com objetivo de observar se, a partir sequência didática, os alunos conseguiam assumir uma posição atuante socialmente. Como resultado da análise, apresentou o avanço de dez alunos no que dizia respeito às quatro categorias analisadas (estrutura genérica, intertextualidade, interdiscursividade, expectativa da professora x desempenho dos alunos).

Souza (2015) desenvolveu a dissertação intitulada *O uso do celular na escola: a implementação de um projeto de letramento nos anos finais do ensino fundamental*, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Rodrigues Alves Diniz, do Mestrado Profissional em Letras

(ProfLetras), da UFMG. Propôs e investigou a implementação de um PL (KLEIMAN, 2002), concebendo a linguagem como prática interacional e tomou como base estudos de autores como Bakhtin (2006), Kleiman (2010), Geraldi (2002) e Tinoco (2009). A proposta foi direcionada, especificamente, a alunos do 8º ano de uma escola municipal de Brumadinho, MG, os quais perceberam o surgimento de uma questão polêmica em torno do uso celular na escola, que deu origem ao projeto de letramento focalizado na pesquisa. As análises do projeto indicaram que este se consolidou como potencial ao ensino da escrita, por mobilizar os estudantes a escreverem com uma finalidade específica, a partir de interesses próprios.

Ferreira (2015), em sua dissertação intitulada *Produção de textos escritos no ensino fundamental: o ensino-aprendizagem do artigo de opinião*, sob orientação do Prof. Dr. Gerson Rodrigues da Silva, do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, buscou discutir e analisar o desenvolvimento da escrita argumentativa com alunos da escola pública, resgatando a funcionalidade social e comunicativa do gênero artigo de opinião, ao propor a realização de um trabalho sistemático de ensino-aprendizagem da escrita do gênero em sala de aula, por meio de uma sequência didática, fundamentada na teoria de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), numa pesquisa-ação. Tendo como ponto central as capacidades de linguagem necessárias à escrita do artigo de opinião, o pesquisador verificou a produção textual dos alunos em dois momentos: o primeiro de caráter investigativo, mediante avaliação das capacidades a serem abordadas durante a intervenção; o segundo, de caráter avaliativo, em que se verificou a apropriação do gênero após a sequência didática. Os resultados revelaram que, após a realização da pesquisa, os alunos passaram a considerar o contexto de produção do gênero, havendo progressos quanto ao uso da tipologia argumentativa e das operações argumentativas de justificação, refutação e negociação.

A dissertação de Ferreira (2015), intitulada *Argumentação em artigo de opinião: uma proposta metodológica para o ensino da produção textual*, com orientação do Prof. Dr. Marcos Bispo dos Santos- do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade do Estado da Bahia, desenvolveu o uso de estratégias argumentativas ao produzir um artigo de opinião. Para realizar a proposta de intervenção, o pesquisador fez uma avaliação diagnóstica discursiva para identificar os problemas mais comuns a serem trabalhados nos módulos seguintes. No decorrer da proposta, foram realizadas atividades que ajudaram os alunos a produzir um artigo de opinião sobre o tema - Redução da maioria penal. Após a atividade de reescrita da produção inicial, no final da proposta, foi proposto aos alunos a realização de uma produção final para avaliar as aprendizagens alcançadas com o desenvolvimento da

proposta de intervenção. Ao final, os resultados mostraram que, após aplicação das atividades, uma grande parte dos alunos conseguiu um melhor desempenho ao produzir um texto escrito.

Freitas (2015), na dissertação intitulada *Produção escrita: o artigo de opinião no desenvolvimento da capacidade argumentativa no 9º ano*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Jaciara Josefa Gomes, do ProfLetras da Universidade de Pernambuco – UPE, realizou uma pesquisa-ação com os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, estadual, localizada no município de Garanhuns – PE. O objetivo geral foi investigar como desenvolver habilidades de escrita do texto argumentativo, a partir de um gênero textual específico – o artigo de opinião – e da realização de uma proposta teórico-metodológica – a sequência didática. Observou-se que as atividades de produção de texto, quando dissociadas das situações concretas de uso da língua, levaram os estudantes à não utilização das estratégias sociodiscursivas recorrentes em textos argumentativos. Em contrapartida, após a apresentação de tais estratégias e da contextualização das produções, foi possível observar a utilização de elementos sociodiscursivos comuns no texto argumentativo tais como: função persuasiva, contexto de produção, sujeitos envolvidos, orientação discursiva direcionada, entre outros. Além disso, foi comprovado que, após a vivência da sequência didática, os estudantes, embora ainda pouco organizados, conseguiram, em boa parte, desfragmentar os argumentos pelo uso de encadeamentos argumentativos completos e ainda fizeram uso adequado de elementos modalizadores que trouxeram força argumentativa aos enunciados.

Silva (2015), na dissertação *Letramento escolar: da oralidade letrada à produção escrita argumentativa*, realizada sob orientação da Prof. Ana Lúcia de Campo Almeida do ProfLetras – Universidade Estadual de Londrina (UEL), realizou uma pesquisa-ação, com o objetivo de investigar de que modo a realização de diversas práticas significativas de letramento que antecedem e acompanham a produção do gênero discursivo “debate” pode contribuir para a promoção e a construção da oralidade letrada e, também, para o desenvolvimento da capacidade de produzir o gênero discursivo artigo de opinião. Essa pesquisa foi realizada junto aos alunos do 8º Ano de uma instituição de ensino da rede pública. Os referenciais teóricos estão vinculados à concepção sociointeracionista da linguagem (BAKHTIN, 2003), aos novos estudos de letramento (STREET, 2014; KLEIMAN, 1995; SOARES, 1999), aos estudos sobre oralidade e escrita (MARCUSCHI, 2005; KOCH, 2011). Após a efetivação de um conjunto de práticas de letramento envolvendo atividades de leitura, oralidade e escrita, sobre um tema de interesse dos alunos, pesquisado em diversos gêneros do discurso publicados em vários suportes, foi possível aprimorar a competência linguístico-discursiva, tanto na produção quanto na recepção de textos argumentativos orais e escritos.

Oliveira (2017), na dissertação *Argumentação via projeto de letramento*, em sob orientação da Prof.^a Dr.^a Glícia M. Azevedo de M. Tinoco do (ProfLetras) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, visou ressignificar práticas de leitura e escrita de textos argumentativos, buscando romper com o ensino tradicional de Língua Portuguesa. Tem como eixo condutor o interesse de um grupo de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de se preparar para o processo seletivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Teórica e metodologicamente, fundamentou o projeto de intervenção em três aportes centrais: a concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN [1952-1953] 2011; [1929] 2009); os estudos de letramento (KLEIMAN, 1995; STREET [1995] 2014) e a Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2011). Os dados foram gerados ao longo do ano letivo de 2015, por meio de um projeto de letramento (KLEIMAN, 2000), entendido como modelo didático (TINOCO, 2008). Nesse processo, foram escritos (e reescritos) textos de diversos gêneros, tais como: cartas, convites, artigos de opinião. A análise dos dados demonstrou que essas práticas de escrita, desenvolvidas de forma colaborativa, prepararam os estudantes para o enfrentamento do Exame de Seleção do IFRN, razão por que houve uma significativa conquista de vagas no grupo. Outro ganho, foi a compreensão de que argumentar é uma técnica crucial para demandas cotidianas e, por isso, saber argumentar subsidia o cidadão a responder, com mais autonomia, às problemáticas que a vida em sociedade nos impõe.

Ribeiro (2015), em *Projetos De Letramento: uma proposta para a ressignificação da produção escrita na escola*, orientado pela Prof.^a Dr.^a Kelly Cristiane Henschel Pobbe da Carvalho Faculdade de Ciências e Letras de Assis - da Universidade Estadual Paulista, propôs uma análise a respeito da produção textual escrita no ambiente escolar, em atividades desenvolvidas sob o enfoque de projetos de letramento, como uma proposta para a ressignificação da prática de produção textual escrita na escola. O objetivo deste trabalho foi apresentar uma reflexão sobre a inserção dessa prática no contexto escolar, com um grupo de alunos de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública paulista. Nesse contexto, buscou investigar formas alternativas para aproximar, o máximo possível, os alunos de situações autênticas de comunicação social escrita, fugindo de modelos didáticos de produção que não tivessem vinculação com o mundo social. Ao emergir a necessidade por determinado gênero, os alunos sentiram-se mais motivados e responsabilizados para saberem como os textos que estavam produzindo funcionam em sociedade.

Melo (2009), na tese intitulada *Letramento e apropriação do gênero textual carta de reclamação no contexto da educação de jovens e adultos*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Elias Soares,

teve como objetivo investigar a apropriação do gênero textual carta de reclamação, por alunos dos 3º e 4º blocos da Educação de Jovens e Adultos em duas escolas públicas municipais de Teresina-PI, procurando verificar quais elementos do gênero textual em estudo os alunos aprendem por meio de atividades estruturadas para este fim. Investigou, também, a influência que os eventos de letramento exercem sobre a apropriação da escrita. Sobre a relação entre os eventos de letramento dos quais os sujeitos participam e a apropriação da escrita, constatou que, quanto mais significativa a participação dos sujeitos em eventos de letramento nas suas variadas rotinas comunicativas, mais fluência eles demonstraram na construção do gênero textual em estudo.

Tinoco (2008), na tese *Projetos de letramento: ação e formação de professores de língua materna*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Angela B. Kleiman do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, realizou uma pesquisa-ação de vertente etnográfica que se insere no campo da Linguística Aplicada. Teve por objeto os projetos de letramento, entendidos como um modelo didático articulador dos estudos do letramento, da pedagogia de projetos e do aporte metodológico da pedagogia crítica. Seu objetivo geral foi depreender princípios de ressignificação do ensino de escrita, compreendendo como o desenvolvimento de projetos de letramento contribui para a formação de professores e para a ressignificação do ensino da modalidade escrita de língua materna. Para acompanhar o processo dialético entre ação e formação docente, usou a estratégia de correlacionar os objetivos de uma disciplina acadêmica (Estágio Supervisionado I) a um concurso que focalizava ações entre professores, estudantes e membros da comunidade do entorno para o reconhecimento e a valorização de patrimônios da cultura local (Concurso Nacional Tesouros do Brasil). A análise dos dispositivos didáticos que parametrizaram os eventos de cada projeto permitiu a verificação de um princípio estruturante – a prática social – e quatro categorias constituintes desse princípio: a interatividade e a dialogicidade; a situação social e suas pluralidades; a agência social; a pluralidade cultural.

Aquino (2018), na tese intitulada *Ensino de argumentação em eventos de letramento*, sob orientação da Profa. Dra. Glícia Azevedo Tinoco do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PpgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), contextualizou sua pesquisa, inicialmente, com base em inquietações quanto às eleições municipais de 2016 e, como problemática social situada, a falta de água potável no município. O objetivo geral era ressignificar o ensino da argumentação por meio de eventos de letramento. Trouxe à baila a perspectiva social dos Estudos de Letramento (KLEIMAN, 1995); os projetos de letramento (TINOCO, 2008); os conceitos de práticas de letramento (STREET [1995] 2014)

e de eventos de letramento (HAMILTON, 2000); a noção de rede de atividades (OLIVEIRA; TINOCO; SANTOS, 2011); o que pode ser entendido como agência social e agentes de letramento (KLEIMAN, 2006; FERNANDES, 2015). Colocou em destaque dois eventos de letramento: um debate regrado e uma mesa-redonda. Ela identificou um conjunto de habilidades ligadas à competência da argumentação. Chegou ao resultado de que o ensino de argumentação por meio de eventos de letramento é algo viável e significativo que se justifica pelo fato de a argumentação ser tomada como um processo interacional. Dessa forma, os discentes aprendem a argumentar vivenciando a argumentação por meio de práticas sociais situadas, ou seja, aprendem a argumentar, argumentando.

Pelo estado da arte apresentado, foi possível observar que as contribuições desses trabalhos são muito significativas, e que diversos professores, principalmente, por meio do mestrado profissional (ProfLetras), tiveram a oportunidade de desenvolver pesquisas que vão de encontro a responder suas inquietações e melhorar a relação dos alunos com a escrita. Mesmo com diferentes encaminhamentos, todos estes resultados se articulam com o contexto de pesquisa desta dissertação e têm em comum o fato de entender a escrita como prática social. Além disso, as convergências se dão em relação às bases teóricas escolhidas para nortear as pesquisas, que se fundamentam nos estudos de Bakhtin, Street e Kleiman. É possível verificar que, assim como eu, muitos professores querem mudar o discurso do *déficit* presente na sociedade atual. A contribuição inédita deste trabalho é observar como meus alunos e eu nos (re)constituímos em uma escola do campo do interior do Paraná, um local com suas particularidades voltadas para uma usina de cana-de-açúcar, conforme apresento no Capítulo II deste trabalho. Proponho um novo olhar - um olhar escolarizado para práticas cotidianas - tendo em vista provocar esses alunos para se posicionarem nos gêneros solicitados, por meio de um PL.

Para dar conta dos objetivos propostos para este trabalho, organizo esta dissertação em três capítulos. No capítulo I, apresento as bases teóricas centrais que nortearam este trabalho, a saber letramento e dialogismo. No capítulo II, descrevo os procedimentos metodológicos e instrumentos de pesquisa que foram utilizados na produção desta dissertação, contemplando a natureza da pesquisa, o contexto e seus interlocutores. Descrevo os passos adotados para realizar a pesquisa-ação e os instrumentos utilizados para a geração de registros, exemplifico os passos que utilizei para a análise e finalizo com algumas considerações éticas. No capítulo III, apresento uma análise do material gerado por meio do desenvolvimento do PL, que consiste em produções escritas pelos alunos dos gêneros carta de reclamação e artigo de opinião. Faço um levantamento e uma análise, primeiramente, em relação à estrutura composicional, depois

aos tipos de argumentos e como eles refletem vozes sociais presentes nos discursos dos alunos e como se dirigem ao(s) interlocutor(es). Finalizo esta dissertação, com a conclusão, trazendo uma reflexão a respeito dos resultados deste trabalho.

CAPÍTULO I

ESCRITA ESCOLAR: LETRAMENTO E DIALOGISMO DO CÍRCULO DE BAKHTIN

O primeiro capítulo traz uma apresentação e discussão a respeito das bases teóricas que subsidiaram este trabalho, articulando letramentos sociais com pressupostos dialógicos do círculo de Bakhtin. Letramentos sociais porque entendo os usos da escrita como culturalmente situados e constituídos, ou seja, os sujeitos levam padrões de interação com a escrita para atuar em eventos de letramento. Situo essa discussão nas seções 1.1, apresentando o que são os Novos Estudos do Letramento, propostos por Street, e trago essa discussão para o âmbito do letramento escolar, porque propondo um projeto de letramento. Na seção 1.2, trago a concepção dialógica de linguagem abordando os conceitos de discurso, vozes e interlocutores.

1.1 Estudos do Letramento e letramento escolar: uma equação mutável

Os Novos Estudos do Letramento (*New Literacy Studies*) surgem no final da década de 1970 e início de 1980 e compreendem o letramento como práticas organizadas social e culturalmente, desenvolvendo estudos que focam muito mais o lado social e cultural do letramento do que seu lado cognitivo.

Street (2003) define “letramento autônomo” como um modelo de letramento que desconsidera o contexto social, pois está centrado no desenvolvimento de habilidades e fundamentado em noções de neutralidade e universalidade do conhecimento. Nesse modelo, baseado em uma ideologia de escolarização (COOK-GUMPERZ, 1991), o letramento, por si mesmo, é capaz de produzir efeitos sobre práticas cognitivas e sociais, sendo desnecessário considerar as condições sociais, culturais e econômicas inerentes à vida social. Dessa forma, considera o letramento autônomo como “focado em um ponto de vista particular em que o letramento domina e marginaliza os outros” (STREET, 2003, p. 78).

Para desafiar esse modelo de letramento autônomo, Street propõe o modelo de letramento ideológico, segundo o qual, na prática, o letramento varia de um contexto a outro. Esse modelo compreende letramento como uma prática social e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra. De acordo com Street (2003), o engajamento com a escrita é sempre um ato social desde o início. As formas pelas quais professores e seus alunos interagem configuram práticas sociais que afetam, por exemplo, a natureza da alfabetização (STREET, 2003, p.78). O modelo ideológico de pensamento entende as práticas como situadas social e

historicamente, fluídas, múltiplas e relacionadas, desconstruindo, assim, a divisão entre sociedades orais e letradas. O letramento faz parte da vida das pessoas, independente delas lerem e/ou escreverem muito, constitui domínios da vida (BARTON; HAMILTON, 2004).

De acordo com Torquato (2013), os Novos Estudos do Letramento (doravante NEL) foram criados para se contraporem a estudos do letramento que consideravam uma divisão da escrita entre letrados e iletrados. Inaugura-se, portanto, uma vertente sociocultural, considerando as práticas sociais plurais e heterogêneas vinculadas às estruturas de poder das sociedades. Deste modo, o termo ‘letramento’, dentro dos NEL, reporta-se aos usos sociais da escrita. Sujeitos não alfabetizados, isto é, que não dominam o código escrito, também são considerados letrados em certas práticas sociais, na perspectiva dos NEL, desde que participem de práticas sociais que, direta ou indiretamente, envolvam a escrita. O foco não está no domínio do código, mas na manipulação dele ou mesmo na relação que os sujeitos mantêm com ele, ainda que não dominem a escrita como tecnologia.

Street (2006) afirma que o letramento não é único e compacto, mas difere de acordo com regiões, culturas e contextos sociais, por isso, utiliza a nomenclatura práticas de letramento para reconhecer a multiplicidade de letramentos que estão ligados a contextos culturais específicos, relações de poder e ideologia. Nessa perspectiva, o pesquisador não fala em ‘letramento’, mas sim em ‘letramentos’, que se constituem em um conjunto de práticas sociais que podem ser inferidas a partir de eventos mediados por textos escritos (BARTON e HAMILTON, 2004, p.114).

No mesmo artigo, Barton e Hamilton (2004) defendem que, dentro de uma mesma cultura, há diferentes letramentos associados aos múltiplos domínios da vida. Todavia, para reconhecer letramentos, como o cinematográfico, computacional, acadêmico, escolar, do trabalho, etc. É preciso reconhecer e analisar modos de interação em práticas situadas desses domínios. Definir aprioristicamente resultou em uma proliferação de definições de letramentos que não necessariamente revelam modos como participantes se engajam nesses letramentos.

O conceito de letramento está imbricado, portanto, com modos culturais de interação com a escrita e com a dimensão das estruturas de poder subjacentes ao letramento como prática social. O ponto de partida para definir um letramento é examinar diferentes práticas inseridas em certos domínios, como a igreja, família, procurando reconhecer como são também moldadas pelas instituições sociais e relações de poder, como práticas religiosas por exemplo (JUNG, SEMECHECHEM, 2009).

Barton e Hamilton (2004) ressaltam que muitas de nossas atividades estão ligadas a instituições sociais, nas quais o letramento se situa hierarquicamente, muitas vezes

desconsiderando a experiência cultural e linguística da vida e da comunidade ou se articulando à vida local. Por fim, o próprio letramento está ligado a conceitos de controle e poder, portanto, é importante reconhecer como isso está construído localmente, uma vez que uma das contribuições do NEL é o reconhecimento da agência, ou seja, as pessoas fazem algo com os letramentos dos quais participam.

Trazendo essa discussão para o letramento escolar e acadêmico, Zavala (2010), ao realizar pesquisas em uma universidade Peruana, com falantes de quéchua, afirma que as dificuldades com a produção e recepção do texto não se resumem a aspectos linguísticos, mas sim, à falta de familiaridade com o texto acadêmico. Esse problema não é resolvido apenas com explicações, pois a pessoa se torna letrada em tal meio quando também interage com outros membros. Leitura e escrita estão, portanto, enraizadas em práticas sociais e são adquiridas como parte da identidade das pessoas.

Dentro dessa visão, o letramento escolar é só uma forma de usar a linguagem como parte de uma prática social que ganhou legitimidade por razões ideológicas que se enquadram em relações de poder. Como consequência, as crianças de contextos minoritários, que aprendem a usar a linguagem de maneiras diferentes daquelas que se ensinam na escola, estão em desvantagem quando devem adquirir o tipo de discurso expositivo e ensaístico que caracteriza o letramento escolar. (ZAVALA, 2010, p. 73)

A legitimação do letramento escolar como único muitas vezes, imposto socialmente e legitimado pelo discurso dominante, também foi problematizado por Street (2014), que questionou por que uma variedade particular de letramentos passou a ser vista e reproduzida como padrão. Brian Street e Joanna Street (2014)², realizaram uma pesquisa etnográfica em uma escola situada em um bairro de classe média alta de uma metrópole nos Estados Unidos, na qual havia muita pobreza e desigualdade social. Como resposta, apresentaram que o letramento foi vinculado à pedagogia, passando a ser praticado dentro de um quadro de ensino e escolarização, tendo adquirido, dessa forma, autoridade em relação a outras práticas. Nesse contexto, as concepções dominantes de letramento marginalizaram outras e controlavam aspectos da linguagem e pensamento por meio da pedagogização do letramento.

Com isso queremos dizer que letramento ficou associado às noções educacionais de Ensino e Aprendizagem e aquilo que professores e alunos fazem nas escolas, em detrimento dos vários outros usos e significados de

² Esta referência encontra-se no quinto capítulo do livro: STREET, Brian V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014, escrito em parceria com Joanna Street.

letramento evidenciados na literatura etnográfica comparativa. (STREET; STREET, 2014, p. 122)

Os referidos pesquisadores reconheceram a construção e interiorização do letramento “autônomo” nessa escola e comunidade, por meios que definiram e ilustraram com dados da pesquisa como processos de pedagogização e que consistiam das seguintes ações: distanciamento do sujeito de sua língua, tratando a língua como uma “coisa” (objetificação da língua); imposição tanto ao professor quanto ao aluno de regras e exigências externas do uso da língua; apresentação da leitura e escrita como neutras e não dotadas de ideologia; concepção de escrita como superior à oralidade, e, portanto, quem não domina tal tecnologia, visto como inferior. Em síntese, há uma separação entre o espaço físico institucional escolar e o espaço cotidiano. Trata-se de um espaço - o escolar - em que todos os envolvidos estão “confirmando relações de hierarquia, autoridade e controle.” (p.130)

Dentro da escola, a associação da aquisição do letramento com o desenvolvimento pela criança de identidades e posições sociais específicas; o privilegiamento da língua escrita sobre a oral; a interpretação da consciência ‘metalinguística’ em termos de práticas letradas específicas e terminologia gramatical; a neutralização e objetificação da língua que disfarçam seu caráter social e ideológico - tudo isso tem de ser entendido como processos essencialmente sociais: eles contribuem para a construção de um tipo particular de cidadão, um tipo particular de identidade e um conceito particular de nação. [...] Esse fortalecimento do letramento escolarizado na comunidade contribui, junto com o da própria escola, para a construção da identidade e da personalidade do moderno estado-nação. (STREET, STREET 2014, p. 144)

Destacam, assim, esses processos e valores sociais por meio dos quais o letramento era construído na escola e na comunidade e por meio dele a construção da identidade e da personalidade do moderno estado-nação, ou melhor, um conceito particular de nação, disseminado na corrente social dominante no Estados Unidos da década de 1990. São processos e valores sociais que diferiam daqueles evidenciados por etnografias do letramento realizadas no "Terceiro Mundo" e, por isso, os autores reiteram a necessidade de realização de "[...] mais pesquisas focadas no letramento na comunidade - neste sentido mais amplo - e nas implicações ideológicas e não tanto educacionais das práticas comunicativas em que ele se insere." (p. 144)

Street (2014) apresenta o modelo ideológico de letramento e discute que os aspectos cognitivos da leitura e escrita estão e são encapsulados em culturas e estruturas de poder, indicando que as práticas letradas são aspectos da cultura e das estruturas de poder.

Uma abordagem que vê o letramento como prática social crítica tornaria explícitas desde o início os pressupostos e as relações de poder em que tais

modelos de letramento se fundam. Em contraste com o argumento de que os aprendizes não estão `prontos` para essa interpretação crítica enquanto não atingirem estágios ou níveis mais altos, eu afirmaria que os professores têm a obrigação social de fazê-lo. Isso só é possível com a premissa de que professores habilitados podem facilitar as perspectivas críticas em linguagens apropriadas e formas comunicativas com a mesma rapidez que os tradicionalistas conseguem ensinar gêneros, níveis, conteúdos e habilidades dentro de um conceito conservador do conhecimento. A introdução da Consciência Linguística Crítica e do letramento como prática social pode, acredito, facilitar o processo. Introduzi-los na sala de aula não é um luxo, mas uma necessidade. (STREET, 2014, p.155)

Nesse sentido, Street apresenta o letramento escolar como um processo em que leitura e escrita acontecem dentro de um contexto social e defende que o foco seja a aprendizagem dos alunos efetivamente, reconhecendo sua agentividade.

É visível, portanto, a necessidade de a escola reconhecer a pedagogização do letramento, por meio de modelos autônomos de letramento, e refletir sobre modelos alternativos de letramento que considerem a transculturalidade, ou seja, que valorizem também a oralidade e modos culturais de interação com textos escritos que alunos já utilizam como parte essencial dos eventos de letramento, bem como as experiências e os saberes de alunos e suas famílias cuja formação cultural muitas vezes não está centrada naquilo que se reconhece como a “cultura”, no caso uma cultura dominante.

De fato, o modelo ideológico de letramento, descrito por Street (1984), ao levar em conta as situações sociais em que os textos são lidos e produzidos, assim como os valores e as representações a eles atribuídos, acaba destacando os aspectos socioculturais e históricos das práticas de uso da língua escrita e mostrando a necessidade de estudá-las a partir da reconstrução da história e das culturas locais. Seriam os contextos em que as práticas são mobilizadas os que nos mostram as diversas orientações de uso da linguagem, segundo as demandas, objetivos, metas de leitura e escrita das diversas situações de comunicação, assim como das relações, objetivos e necessidades dos participantes dessas situações. (KLEIMAN, 2008, p. 491)

Kleiman (2010) e outros integrantes do grupo de pesquisa “Letramento do professor” apresentam e discutem que os modos de inserção no mundo da escrita de grupos brasileiros, cujo acesso aos bens culturais se dá por meio da escolarização, culminam, muitas vezes, no fracasso e na exclusão. Defendem que o tornar-se letrado é um processo identitário e, como o Brasil é um país de múltiplas culturas, a inserção na cultura escrita dominante acaba resultando muitas vezes em um processo de aculturação. Portanto, Kleiman (2010, p. 376) define que “a concepção identitária do letramento se opõe a uma concepção instrumental, funcional da escrita,

que se centra geralmente nas capacidades individuais de uso da língua escrita em cotejo com uma norma universal do que é ser letrado”.

Levar em conta uma perspectiva identitária, de acordo com Kleiman (2010), é considerar as trajetórias dos sujeitos em suas comunidades de origem, o esforço que fazem para acompanhar a perspectiva da escola, que tende a apoiar práticas de letramento dominantes. É necessário sugerir práticas e atividades que, de fato, visem ao desenvolvimento do letramento do aluno, entendido como o conjunto de práticas sociais nas quais a escrita tem um papel relevante no processo de interpretação e compreensão dos textos orais ou escritos circulantes na vida social.

Para a pesquisadora (2010, p. 377), “o elemento-chave é a escrita para a vida social”. A escrita deve ser contextualizada e recontextualizada de acordo com as práticas sociais das quais os alunos participam fora da escola e “a dificuldade de implementar, em atividades didáticas, uma concepção da escrita para a vida social reside no fato de ela ir de encontro à concepção tradicional de ensino da escrita, que, afinal de contas, reflete a história social e cultural da instituição escolar” (KLEIMAN, 2010, p. 381).

Para que alunos consigam atribuir sentido aos objetos de ensino, precisa ser levado em conta “a situação sócio-histórica e cultural do aluno, sua época, suas necessidades, as exigências da sociedade, os papéis que se espera possa desempenhar, os novos instrumentos e tecnologias que se deseja que saiba usar.” (KLEIMAN, 2010, p. 382).

Essas pesquisas nos mostram a necessidade de ruptura com os pressupostos do currículo tradicional a fim de promover, também na escola, experiências de acesso, circulação e dinamização das práticas de letramento para a vida social, experiências híbridas quanto aos valores locais e aqueles universais valorizados e legitimados pela escola. A ausência de recursos econômicos que ainda perpassa o ensino público cria condições de desigualdade de acesso à cultura letrada. Há outros obstáculos a esse acesso, decorrentes de enfoques que não levam em conta a heterogeneidade de experiências dos alunos. Os estudos do letramento nos permitem observar outros modos de acesso e distribuição dos bens culturais, de trajetórias de formação, de inserção nas práticas culturais hegemônicas, que culminam na apropriação das práticas de letramento que interessam ao grupo, na equalização das oportunidades de acesso a essa cultura, na autoafirmação e autorização dos sujeitos que seguem essas trajetórias singulares de letramento (KLEIMAN, 2010, p. 394).

Nesses termos, a pesquisadora e o seu grupo de pesquisa propõem trabalhar com PL para a constituição de uma nova cultura de ensino e de aprendizagem. Essa proposta consiste em o professor partir de questões específicas do contexto escolar, dos problemas e/ou situações diversas de interesse dos alunos, para mobilizá-los a agir no mundo, ‘via’ gêneros.

Bragança e Baltar (2016), no artigo *Novos Estudos do Letramento: Conceitos, Implicações Metodológicas e Silenciamentos*, mostram que os PL se constituem em uma possibilidade de horizontalização das práticas de letramento, na medida em que os sujeitos, a fim de realizar as mais diversas ações para a execução dos projetos, teriam que participar de diferentes ‘eventos’ de letramento, não necessariamente aqueles já praticados nos grupos socioculturais de que fazem parte. Por isso, a escola não lidaria apenas com as práticas de letramento hegemônicas ou mais prestigiadas, bem como não agiria para promover ‘acesso’ ao que é dominante, pressupondo um movimento em direção às práticas de letramento hegemônicas.

As instituições formais de ensino colocariam, assim, sob constante escrutínio o que é familiar e o que é estranho aos estudantes. Kleiman (2016) afirma que projeto de letramento não substitui os eixos temáticos nem os conteúdos relevantes no trabalho escolar. Ele é um eixo estruturador das atividades em sala de aula, que permite ressignificar temas e conteúdos no contexto, em consequência de sua valoração pela turma. O PL é organizado em etapas que vão desde a observação da necessidade de aprendizagem e dos interesses da turma até sua aplicação:

Temos, então, que em um projeto de letramento, o tema surge da observação por parte da professora do que interessava à turma (comparável, diríamos, à observação de cunho etnográfico, na grande maioria das pesquisas sobre o letramento); os objetivos e conteúdos são aqueles do currículo escolar; os planos de atividades visam ao letramento do aluno e, finalmente; a dinâmica de atividades – inclusive as analíticas de objetificação da língua para fins de reflexão – são determinadas pelo desenvolvimento do projeto, que pode assumir novos ritmos e caminhos em todo momento, segundo os interesses do aluno e da comunidade escolar. É importante ressaltar, no entanto, que a flexibilidade não é sinônimo de ausência de planejamento. (KLEIMAN, 2010, p. 383)

O cerne de um PL seria um tema, a ser definido a partir de uma observação participante, como Kleiman recomenda, e, a partir desse tema, a definição de objetivos e conteúdos que seriam os do currículo escolar, planos de atividades, atividades analíticas sobre a língua, enfim, a autora reafirma a presença de uma certa flexibilidade no PL, o que não significaria falta de planejamento. Félix e Zironi (2014) elaboraram um quadro em que descrevem os principais elementos caracterizadores de um projeto de letramento que consideram leitura e escrita como prática social e o aluno como sujeito do conhecimento.

Quadro 1- Síntese dos elementos caracterizadores de um Projeto de Letramento

Instrumentos de trabalho docente	Elementos caracterizadores	Função organizadora
PROJETO DE LETRAMENTO	• Aulas- centradas nos alunos; • Desenvolvimento de tarefas; • Resolução de problemas; • Interação entre agentes; • Aluno como sujeito do conhecimento; • Leitura e escrita como prática social; • Atividades contextualizadas; • Desterritorialização dos lugares de aprendizagem; • Tempo escolar; • Distribuição de tarefas; • Inserção em uma rede de comunicação; • Instrumentos e materiais simbólicos.	Através desse conjunto de elementos, os PL são capazes de promover um ensino que venha considerar os interesses dos alunos (em relação à sociedade ou a aspectos de sua própria aprendizagem). Com esse objetivo, os PL podem trazer uma aproximação de diferentes áreas do conhecimento, além de “transformar objetos circulares como ‘escrever para aprender a escrever’ e ‘ler para aprender a ler’ em ler para compreender e aprender aquilo que foi relevante para o desenvolvimento e a realização do projeto. (KLEIMAN, 2000 <i>apud</i> TINOCO, 2008, p. 162)

Fonte: (FÉLIX; ZIRONDI, 2014, p.514)

É possível perceber, por meio do Quadro 1, que os elementos que caracterizam o PL constituem-se, portanto, em elementos de dinamização da aula, permitindo o protagonismo do aluno, engajando em práticas que envolvam resolução de problemas, nas quais a interação ocorra entre agentes que se sentem participantes ativos na construção de conhecimento, constituindo-se assim todos – professores e alunos - como sujeito do conhecimento. Nesse sentido, a leitura e escrita como prática social, com atividades contextualizadas que leve à desterritorialização dos lugares de aprendizagem, com ressignificação do tempo escolar e dos modos de participação por meio da distribuição de tarefas, levando o aluno ao reconhecimento de sua inserção em uma rede de comunicação, no sentido do dialogismo do Círculo de Bakhtin e dos instrumentos e materiais simbólicos.

Nesse sentido, evidencia-se o caráter potencial do PL para subsidiar a formação de sujeitos que atuem como protagonistas de sua aprendizagem, que reconheçam seus lugares de fala, saberes e culturas locais, assim como relações de poder presentes em práticas letradas. É importante destacar que, nos projetos de letramento, as possibilidades de formação cidadã são potencializadas porque é capaz de promover um ensino que considera os interesses dos alunos.

Nesta seção, apresentei o letramento escolar como um processo em que leitura e escrita acontecem dentro de um contexto social e para que se realize dessa forma, proponho trabalhar com o PL que possibilita uma atitude do professor como agente de letramento por meio de um trabalho mediado por projetos culturalmente situados. Na próxima seção discorro sobre os conceitos de vozes sociais e interlocutor que posteriormente, na análise, mostrarão que é por meio dos enunciados que podemos observar as relações sociais e as ideologias produzidas na interação.

1.2 Dialogismo: vozes sociais e interlocução

Nesta seção, discutirei como a teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin pode contribuir com práticas de escrita em sala de aula. A argumentação, concebida como um ato que envolve convencimento, no dialogismo se constitui como um (re)agir dentro de uma cadeia enunciativa. O enfoque será dado aos conceitos de vozes sociais e interlocutor.

Bakhtin defende que os signos vão se materializar efetivamente na linguagem, e que a palavra está diretamente ligada à sua função social, por isso, deveria ser vista como uma realidade definidora da própria condição humana. Seu foco está no relacionamento entre os sujeitos, definindo palavra como fenômeno ideológico que carrega valores culturais que serão sempre os indicadores mais sensíveis das transformações sociais. De acordo com Faraco (2009, p.49), “para todos os integrantes do círculo de Bakhtin os signos são intrinsecamente sociais, isto é, são criados e interpretados no interior de complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social”.

Em diálogo com Bakhtin, Garcez (2010) apresenta três asserções acerca do princípio dialógico do discurso. Para ele, é dialógico porque: a) a enunciação tem uma orientação social, é orientada para o outro e é por ele determinada; b) porque sua compreensão depende de formulação ativa de resposta; e c) porque é essencialmente polifônico.

A análise dialógica coaduna com os preceitos ontológicos utilizados neste trabalho, que partem da escrita como prática social, levando em consideração que, quem escreve é um sujeito socialmente constituído de seus valores, crenças, e seus discursos são perpassados por vozes ou línguas sociais. Essas vozes sociais, assim como os padrões de interação com textos escritos (STREET, 2014), são construções culturais e ideológicas.

A noção de enunciado e sua perspectiva dialógica nos leva, assim, ao conceito bakhtiniano de discurso, entendendo “a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima

e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso.” (BAKHTIN, 2008, p. 207). Estudar a linguagem significa, na perspectiva bakhtiniana, direcionar o olhar para o(s) sentido(s) do discurso produzido numa situação única de enunciação.

Nessa abordagem, o conceito de vozes sociais está relacionado a diferentes posicionamentos, pontos de vista, posturas ideológicas, pois, “a língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN, 2006, p. 125). Todo evento comunicativo é regido por múltiplos discursos, a enunciação nunca é realizada de forma isolada, pois é sempre resposta a discursos anteriores. Nas palavras de Bakhtin:

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o ‘fundo perceptivo’, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra. É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante. (BAKHTIN, 2006, p. 151).

Garcez (2010) ressalta que o discurso sempre está impregnado de vozes, que interagem com discursos com os quais têm alguma ligação. De acordo com Bubnova (2011), o homem encontra-se em permanente interação com seus semelhantes mediante a linguagem entendida como ato ético, como ação, como comunicação dinâmica, como energia. Ainda de acordo com a autora, a realidade da linguagem como ação na versão bakhtiniana é a de pluralidade de linguagens sociais e de discursos ideológicos que constituem um meio dinâmico da heteroglossia (pluridiscursividade) e remete à oralidade.

De acordo com Bakhtin (1979), a palavra existe sob três aspectos para o locutor: 1) em forma de palavra neutra, que não pertence a ninguém; 2) palavra do outro, que é o discurso que o autor representa; 3) palavra minha, que ocorre quando a interação discursiva já está impregnada na minha palavra.

É na obra “O discurso no romance” que, de acordo com Faraco (2009, p. 56), “Bakhtin introduz a expressão vozes sociais ou línguas sociais, entendendo-as como complexos semióticos-axiológicos com os quais determinado grupo humano diz o mundo” e mostra uma linguagem regida pelas axiologias sociais, pelos índices sociais de valor. De acordo com Santos e Filho (2014, p. 304), “essa pluralidade de vozes e linguagens refrata a intenção do autor pelo

fato de não haver apenas uma intenção, mas a do autor, a da personagem e ainda aquelas relativas às muitas outras vozes sociais que perpassam as duas primeiras”.

A estratificação da linguagem, nesse sentido, se constrói a partir de relações dialógicas entre diversas vozes sociais, que são empreendidas por sujeitos históricos e expressam diferentes horizontes sociais de valor. De acordo com Melo (2017, p.56), “o discurso do autor, do narrador, das personagens e dos gêneros intercalados são apenas unidades básicas de composição que medeiam a introdução do plurilinguismo e das vozes sociais no romance.” Os discursos introduzem as vozes, mas na realidade ela é percebida nos tons, acentos, entoações, apreciações verbo-axiológicas.

O falante é um ser social, historicamente concreto e definido, seu discurso representa a linguagem social do grupo, imbuído de suas ideologias, “em todos os cantos da vida e da criação ideológica nosso discurso está repleto de palavras alheias, transmitidas com todos os diversos graus de precisão ou imparcialidade” (BAKHTIN, 2015, p. 130). Quanto mais interessante a vida social do grupo falante, maior o peso que passa a ter no discurso do outro enquanto objeto de interpretação, discussão, avaliação, apoio. Toda conversa é repleta de transmissões e interpretações de palavras alheias, podemos indignar-nos, recordar, concordar com elas, fazer referências ao que “dizem”, às palavras de meu interlocutor, as que eu pronunciei antes, um documento, um livro, etc.

No processo de formação ideológica do homem, o discurso do outro determina a nossa relação biológica com o mundo, uma vez que, desde as primeiras fases da infância, as práticas sociais de comunicação influenciam na construção da linguagem:

Essas influências se envolvem na palavra (ou noutros signos), e tal palavra é a dos outros, e, acima de tudo, a da mãe. Depois disso, a ‘palavra do outro’ se transforma, dialogicamente, para tornar-se ‘palavra pessoal-alheia’ com a ajuda de outras ‘palavras do outro’, e depois, palavra pessoal (com, poder-se-ia dizer, a perda das aspas). A palavra já tem, então, um caráter criativo. Papel do encontro, da visão, da ‘iluminação’, da ‘revelação’, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 405)

Bakhtin concebe por linguagem social um conjunto concreto e vivo de traços do seu destaque social com traços semânticos e escolhas lexicais. A língua em sua vida histórica é repleta de dialetos potenciais. A língua como formação heterodiscursiva é repleta de linguagens passadas e futuras.

Além disso, para Bakhtin (2006, p. 114), “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. A palavra se dirige a um interlocutor e terá variações se

o interlocutor for do mesmo grupo social ou não, a posição hierárquica que ocupa, se há uma ligação por laços sociais. Não pode haver um interlocutor abstrato, pois “na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte.” (BAKHTIN, 2006, p. 115). É por meio da palavra que nos definimos em relação ao outro, à coletividade, ela é o território comum do locutor e do interlocutor, ficando, assim evidentes os princípios interativos nas produções textuais.

O enunciado sempre tem um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva. Este destinatário é o segundo (mais uma vez, não no sentido aritmético). Porém, afora esse destinatário (o segundo), o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um superdestinatário superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado. (O destinatário de emergência.) Em diferentes épocas, graças a uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência, etc.). (BAKHTIN, 1997, p. 356)

O conceito de destinatário para Bakhtin tem, segundo Garcez (2010), duas funções: a função de quem recebe e de quem permite ao locutor perceber seu próprio enunciado. A necessidade de ser reconhecido e o caráter dialógico fazem com que o sujeito que enuncia constitua para si um possível destinatário. Dessa forma, o outro tem vários papéis: a) é parceiro no diálogo (mesmo à distância) e assim determina sua configuração; b) permite que o eu se constitua como enunciator e compreenda sua própria enunciação a partir da possibilidade de compreensão do outro; c) é fornecedor da matéria-prima do discurso: qualquer discurso tem sua origem em outras palavras e outras vozes que não apenas a do locutor.

Não há apenas um destinatário real, concreto, identificável; nem apenas mais um destinatário virtual, secundário, possível, ideal; mas também há um destinatário terceiro que sobrepõe o próprio diálogo e é formado por um conjunto ideológico ao qual o autor pertence e ao qual quer satisfazer, responder, refutar, contradizer. (GARCEZ, 2010, p. 61)

Garcez (2010) explica que, o texto escrito é uma unidade da comunicação discursiva que se articula com outras esferas de valores. O caráter dialógico, portanto, se dá na compreensão como resposta. O destinatário/ interlocutor a quem o autor escreve é o segundo

elemento do diálogo, mas há três tipos de interlocutores. Ao escrever, não se tem como meta unicamente um leitor particular ou concreto. A enunciação, enquanto “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, pressupõe, pois, um interlocutor, que pode ser real, ou seja, estar ali presente, ou ‘presumido’, como “representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”. O interlocutor, apesar de ser compreendido e significado em uma situação concreta, não necessariamente se faz presente como ser empírico, podendo materializar-se como uma idealização, porém, longe de ser uma mera abstração, define-se a partir das fronteiras de uma classe e da época: “[...] em todo caso, o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas” (BAKHTIN, 1997, p. 115).

Há, também, um destinatário superior, que se refere a um representante oficial responsável por constituir padrões e regras que são respeitados no meio e contexto social imediato da enunciação, esta terceira pessoa tem primordial importância, pois é um elemento que reforça a influência das forças sociais sobre o modo de construção e de apreensão do discurso.

A questão da interlocução torna-se uma questão central na produção de textos na escola, uma vez que os interlocutores podem ser uma "dimensão escondida" (STREET, 2010) no processo de escrita. Os alunos consideram em alguma medida os diferentes interlocutores, mas de forma quase intuitiva, sem muita clareza em relação ao quanto isso afeta o que ele diz e como diz.

De acordo com Bakhtin (1997, p.325), “as diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso”. Para Brito (1985), a presença do interlocutor não é neutra e interfere no discurso do locutor. Ressalta que a maioria dos trabalhos sobre redação escolar não explicitam o interlocutor requerido, desse modo, o aluno não sabe a quem se fala. Por outro lado, a "forte presença" da imagem do locutor pode gerar dificuldade na escrita. O aluno acaba tentando utilizar um vocabulário mais rebuscado, vinculado a uma determinada imagem que faz de seu possível interlocutor.

Na escola a atividade de escrita é realizada não apenas como processo interativo. As crianças e os professores sabem que, naquela esfera social, produz-se texto para aprender a produzir, ou seja, existem objetivos didáticos que orientam a atividade e, portanto, o professor é, necessariamente, um interlocutor do texto produzido, tendo como meta, avaliá-lo sob os parâmetros escolares de avaliação. De outro lado, pode-se propor atividades em que existam finalidades sociais miméticas às praticadas fora da escola, aproximando o aluno das esferas de interação extraescolares e dos gêneros textuais que aí circulam. (LEAL; MORAIS, 2015, p.190)

Brito (1985) aponta ainda que, normalmente, na escola, o professor é, muitas vezes, o único leitor da redação, além disso, é ele que avalia as produções. Consequentemente, o aluno fará a redação de acordo com o que presume que o professor espera. Atrás da figura do professor está a escola e as relações próprias de poder, autoridade, sendo determinante no discurso do aluno.

Quando pensamos em interlocutores, devemos levar em consideração tanto o horizonte imediato que, na sala de aula, constitui-se na figura do professor e a proposta de escrita apresentada; quanto o horizonte social mais amplo, que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos.

O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. (BAKHTIN, 2006, p. 115)

O horizonte sócio-histórico e seus efeitos sobre o contexto imediato de produção são importantes para análise das vozes que se entrecruzam nos textos, porém é imprescindível observarmos os elementos da situação imediata, a fim de perceber como influenciam as estratégias discursivas dos escritores, considerando que estão interagindo em um contexto específico que é o escolar pois, “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata” (BAKHTIN, 2006, p.114). Concebo, pois, como primeiro elemento do contexto imediato de produção de textos na escola, os comandos das atividades dadas pelos professores no cotidiano escolar.

Antes de mais nada, ela é determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou simples, a segurança ou a timidez, etc. (BAKHTIN, 2006, p.116)

É relevante atentar para as orientações que são dadas antes ou durante a escrita, pois “a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais

mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor”. (BAKHTIN, 2006, p.116). Nesse caso, não fazem outra coisa senão reproduzir uma linguagem codificada, consagrada, imune à diversidade das situações.

Na escola, a “dificuldade” na escrita é resultante de um processo em que, segundo Brito (1985), a linguagem deixa de cumprir qualquer função real, o estudante é obrigado a escrever sobre um assunto que não havia pensado antes e, neste momento, ele será julgado, avaliado. Como o interlocutor tem esse caráter valorativo o estudante a) nega sua capacidade linguística oral e b) cria uma imagem da língua por meio do interlocutor, no caso relações de autoridade, padrão culto, na tentativa de aplicar modelos pré-estabelecidos pelos valores sociais privilegiados.

Garcez (2010), em sua pesquisa de doutorado, estudou as relações dialógicas da escrita de alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública de Brasília. Por meio de análise de questionários, gravações, aplicações de aulas e observações chegou à conclusão de que os alunos não têm consolidadas as representações de um destinatário superior. Verificou que o interesse deles é primeiramente mostrar competência de enunciação e o impulso discursivo fica em segundo plano. A ideia do destinatário virtual fica distorcida, pois, o exercício da escrita é realizado apenas como a simulação e não comunicação real, por fim a noção de autoria ainda é difusa. Há alguns descontentamentos, também na forma como a escrita é trabalhada em sala de aula. Muitas vezes a redação é utilizada como meio de ensinar gramática, há pouco aprofundamento do tema, raras oportunidades de discussão do rascunho do texto, supervalorização da nota e poucas oportunidades de escrita em sala.

Compreendemos que a preocupação em atender unicamente aos requisitos escolares ocupa um espaço significativo no delineamento do *destinatário terceiro* do aluno, no sentido Bakhtiniano dessa expressão; a representação do que é um bom texto escolar, uma redação digna de boa nota, a redação que o professor espera, conduza produção do estudante, mais que o “querer dizer”. Assim, boa caligrafia, margens, correção gramatical são inquietações constantes que interferem tanto na produção concreta do aluno como, em escala mais abstrata, na constituição de um discurso pleno de autoria. As transformações dessas atitudes em relação ao próprio texto e ao amadurecimento da noção de enunciado como uma totalidade e irrepetível, historicamente individual, dependem da interação com o par mais desenvolvido e também com um leitor imediato, que pode ser o colega. (GARCEZ, 2010, p.79)

Podemos observar que ainda há uma dependência muito grande à concepção de texto escolar, e aos critérios de avaliação hegemônicos na escola que valorizam aspectos superficiais do texto. O professor precisa ser visto como um mediador do processo de produção textual,

como um co-produtor, não como único leitor com papel de avaliador. É muito difícil destituir-se dessa artificialidade de produção no contexto escolar, ainda que o professor continue sendo o primeiro interlocutor.

Para minimizar esse abismo, propõe-se que os alunos escrevam para destinatários reais e diversificados, que a escrita seja de fato pensada como prática social. Posição muito semelhante é a de Geraldi (1995) que enumera algumas condições a serem respeitadas no processo de produção do texto: que se tenha o que dizer; que se tenha uma razão para dizer; que se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; que o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz para quem se diz; e que se escolham estratégias para realizar as operações anteriores. É cada vez mais importante enfocar o processo de desenvolvimento da escrita na escola, a fim de ultrapassar os modelos pré-construídos.

Em síntese, apresentei, neste capítulo, as teorias nucleares e auxiliares que orientarão meu olhar analítico das produções dos alunos no terceiro capítulo. Para isso, a fim de responder ao objetivo geral e aos específicos, levo em consideração que o discurso é dialógico e procuro compreender, a partir dos tipos de argumento, quais vozes os alunos trazem para seus textos, produzidos a partir de um projeto de letramento, e quanto respondem à interlocução docente e/ou ao comando de produção.

As vozes sociais aparecem na escolha e na elaboração de argumentos, uma vez que há uma tentativa por parte dos alunos escritores de utilizá-los para a defesa de um ponto de vista e, para tanto, realizam escolhas, fazem elaborações e cingem com tonalidades apreciativas outras vozes sociais. A relação entre as vozes sociais, os interlocutores e a argumentação é o tripé para a análise do letramento como prática social desta dissertação.

Sob a ótica dialógica de linguagem bakhtiniana, podemos afirmar as seguintes proposições:

- 1- o dialogismo reforça a ideia de que a natureza do enunciado é social; 2- o dialogismo reafirma a importância do contexto sociocultural nas interações;
- 3- o dialogismo destaca a premissa de que toda enunciação é um diálogo e, por isso, é um ato responsivo, que necessita de uma resposta (ABREU, 2013, p. 45)

O processo de enunciação ocorre em um dado contexto social e, por isso, sempre traz uma visão de mundo, um juízo de valor. A partir desse conceito, a palavra voz será utilizada neste trabalho como a presença de diferentes línguas sociais que constituem os textos dos alunos, tanto as que estão presentes na comunidade local, quanto as utilizadas nos textos de apoio.

Finalizo esta seção com a citação de Lopes Rossi (2002, p.71) de que “cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real”. Nesse sentido, é preciso considerar as forças que se apresentam na ação didática e encontrar formas de ressignificar a prática docente, a fim de que se consiga estabelecer a dialogia, oferecendo ao aluno não somente a oportunidade de correção do seu texto, mas sim uma atitude responsiva ativa. Ele precisa encontrar interlocutores, encontrar espaços para a atividade humana de expressão, articulando os seus textos às diferentes necessidades e aos interesses que se encontram nas suas condições de existência, nas suas práticas sociais.

Após considerar as perspectivas teóricas que embasam esta dissertação, no próximo capítulo, apresento a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa, assim como a descrição dos instrumentos utilizados para a geração de dados e dos procedimentos analíticos realizados.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento a natureza da pesquisa, procurando situá-la como uma pesquisa-ação inserida em um posicionamento ontológico e epistemológico da etnografia da linguagem (GARCEZ; SCHULZ, 2015).

Para tanto, o capítulo está organizado em sete seções: na seção 2.1, apresento a natureza da pesquisa; na seção 2.2, a pesquisa-ação; na seção 2.3, caracterizo o contexto, descrevendo o distrito e o colégio; na seção 2.4, os interlocutores da pesquisa; na seção 2.5, me apresento como professora-pesquisadora; na seção 2.6, descrevo as ações implementadas para a geração e análise de dados, sobretudo a elaboração do PL e, por fim, na seção 2.7, apresento considerações éticas que foram levadas em conta para o desenvolvimento da pesquisa.

2.1 Natureza da pesquisa: etnografia da linguagem

A presente pesquisa está inscrita na área da Linguística Aplicada, na linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas, conforme Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM, com foco na escrita de alunos do Ensino Médio.

A investigação qualitativa tem seus resultados derivados da interpretação, é um movimento reformista que surgiu no meio acadêmico no início dos anos de 1970 como reação à pesquisa positivista. De acordo com Reis (2006, p. 104), em pesquisas qualitativas, “o conhecimento não tem a pretensão positivista de ser normativo, porque é interpretativo, necessariamente inacabado, aberto a novas interpretações.” Creswell (2007) define que a pesquisa qualitativa é realizada com coleta de registros no local de estudo; inclui a voz dos participantes; reflexões dos pesquisadores; uma descrição e interpretação dos problemas; que podem complementar a literatura ou sinalizar uma chamada para ação.

A natureza qualitativa se constrói com base nas ações sociais e nos significados que as pessoas conferem a essas ações na vida social. Procura entender, interpretar fenômenos que estão inseridos num contexto sócio-historicamente construído. Bortoni-Ricardo (2008, p. 32) defende que “não temos um relator passivo, mas sim um agente ativo”, portanto, não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais vigentes, pois a capacidade de compreensão do observador está também inserida nelas.

Ao entender que existe uma estreita relação entre as pessoas e suas interações com o ambiente na contínua construção/(re)construção do conhecimento, o paradigma construcionista

possibilita reconhecer que as interpretações não são construídas de forma isolada, “mas contra um pano de fundo de compreensões, de práticas, de linguagem, etc. que temos em comum” (SCHWANDT, 2006, p.201). Schwandt (2006) cita o trabalho de Potter (1996) para defender que a construção social depende do modo como funcionam os enunciados, compreendendo as práticas sociais e as estratégias de discurso que estão em jogo em determinados tipos de discurso.

Além disso, é importante para este trabalho o posicionamento ontológico relativista, levando em consideração “realidades construídas em planos locais e específicos” (LINCOLN; GUBA, 2006, p.171). Considerando que o contexto e os participantes da pesquisa fazem parte de uma realidade na qual estou envolvida, a epistemologia adotada é subjetivista pois “considera-se que o investigador e o objeto de investigação estejam interativamente vinculados, de modo que as “descobertas” sejam literalmente criadas à medida que a investigação prossegue” (LINCOLN; GUBA, 1994, p.111, tradução minha), visto que é impossível distanciar-me completamente de minhas vivências, crenças, pré(conceitos).

Trago para esta pesquisa inquietações a respeito de minha prática como professora e ao modo de aprendizagem de meus alunos, situados em um contexto sócio-histórico específico. Pizzol *et al.* (2016, s/p.) citam que “as inquietações exigem do pesquisador movimento de análise do seu próprio trabalho, é preciso acalmar o olhar e sentir de perto, observar e se entregar as grandezas encontradas em cada detalhe que rodeia aquele espaço.” Como acompanho a trajetória de alguns dos alunos desde o ano de 2015, quando estavam no nono ano do ensino fundamental, precisei que, no momento da geração, análise e escrita desta dissertação, colocando-me como professora-pesquisadora, o meu olhar circunstanciado seguisse o que Rampton, Maybin e Roberts (2014, p.2) chamam de “interação entre 'estranheza' e 'familiaridade’”. Busquei, portanto, no momento da análise, me distanciar de minhas crenças e julgamentos preestabelecidos.

Todo processo deve ser interpretativo. Nessa relação de envolver-se e distanciar-se, o pesquisador precisa estar em constante reflexividade e estranhamento em relação à perspectiva dos interlocutores e das próprias ações do pesquisador. De acordo com Fiad (2017), a concepção de letramento como prática social e dependente do contexto é sustentada a partir de estudos da etnografia que se tornam complementares aos estudos sobre escrita, voltados para análises de base linguística. Portanto, para entender as perspectivas e ações dos meus alunos, aqui interlocutores da pesquisa no cenário investigado, recorro também a princípios da etnografia da linguagem (RAMPTON; MAYBIN; ROBERTS, 2014), como a reflexividade, que serve para

descrever e analisar, segundo Garcez e Schulz (2015, p.25), “[...] ocorrências reais, particulares, mediadas por práticas de linguagem, de ações situadas ecologicamente”.

Além disso, justifico essa escolha em termos ontológico e epistemológico porque, em termos do que significa, a etnografia da linguagem é uma opção política que possibilita ouvir o outro, reconhecer suas línguas e, acima de tudo, é uma tentativa de interlocução entre saberes da universidade e saberes da escola e da comunidade. Em termos epistemológicos, etnografia é teoria em ação (JUNG, SILVA, PIRES-SANTOS, 2019), uma vez que compreendemos que todo o processo de pesquisa é etnográfico, inclusive a escrita do relato, e que o tempo todo estamos tentando colocar ou sendo colocados em categorias sociais que nos constituem e que constituem a sociedade. E nisso também consiste o nosso exercício como pesquisador.

A etnografia da linguagem contribui para análise das ocorrências reais, levando em conta a interferência da ação social no cenário escolar, podendo indicar uma variedade rica de práticas de letramento locais, que muitas vezes são desconsideradas por agências externas, construindo conhecimento acerca das ações realizadas pela linguagem, “ajudando a pensar a educação em perspectivas circunstanciadas no cotidiano escolar e aproximadas às percepções que os participantes das atividades têm sobre o que acontece ali” (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 2).

Garcez e Schulz (2015, p.19) afirmam que a etnografia busca “compreender as pessoas de carne e osso e as suas relações sociais em cenários complexos”.

Entender cenários complexos e concretos e, ao mesmo tempo, compreender de forma ampliada diferentes cenários para construir conhecimentos a partir do que é específico; estranhar o cotidiano e aguçar os sentidos e trabalhar individualmente e em grupo, construindo narrativas e amarrando os sentidos dos diferentes pontos de vista; ter o privilégio do diálogo contínuo na devolução das análises e na discussão do que foi a pesquisa para os sujeitos pesquisados posteriormente e mesmo durante todo o processo. (GARCEZ, SCHULZ, 2015, p. 2).

Lillis (2008), uma pesquisadora que trabalha com letramento acadêmico, reconheceu e apresenta que são possíveis três tipos de etnografia: como método, metodologia e como teorização. Etnografia como método consistiria em entrevistas, chamadas de conversas sobre o texto, em um contínuo texto–escritor, em que o ponto de partida tanto pode ser o texto quanto o escritor. Nesse caso, o foco é o texto e a conversa sobre ele é considerada em segundo plano, sendo a análise conduzida com base na tradição textual discursiva prioritariamente. Na etnografia como metodologia, o foco é no escritor e a análise considera a sua perspectiva para entender a escrita, possibilitando reflexões sobre as diferentes formas como a escrita é

produzida e significada. O ganho deste uso da etnografia é possibilitar ao pesquisador um olhar além do texto, com um deslocamento para as perspectivas do escritor. No entanto, há limites, principalmente se for uma única entrevista, especialmente pelo risco de se cair em uma simplificação do que é dito pelo escritor e em tratar como transparentes as reflexões do escritor.

A etnografia como teoria inclui uma variedade de dados além da conversa sobre o texto e pressupõe um envolvimento maior com os escritores tanto em tempo quanto em quantidade de informações. Lillis (2008) propõe conversas cíclicas sobre o texto (envolvendo análise e discussões sobre o texto) com os escritores, associadas à entrevista sobre história de letramento, além de outros dados, como trocas de e-mails entre o pesquisador e o escritor, correspondências entre o escritor e mediadores do letramento e análise de documentos institucionais. O conceito de história do texto é usado para esse conjunto de dados que mostra a trajetória de textos. Os diferentes dados que constituem a história do texto possibilitam entender o impacto em suas trajetórias de escrita dos textos.

Lillis (2008) aponta que instâncias específicas de linguagem tanto no uso da fala quanto na escrita de textos, não existem isoladamente, mas estão vinculados com o que as pessoas fazem em suas práticas no mundo material e social. Este tipo de etnografia desafia radicalmente a separação entre língua e cultura, que levou a uma lacuna ontológica entre texto e contexto em muitas pesquisas sobre escrita acadêmica. A fim de “fechar” a lacuna entre a análise de texto e análise de contexto, a etnografia, como forma de teorização, prioriza as noções de indexicalização, ou seja, que os extratos de linguagem apontam para aspectos do contexto social. Essa noção ajuda o pesquisador a relacionar as visões do escritor e as dele próprio a estruturas sociais maiores.

Portanto, a investigação da argumentação, nesta pesquisa, será abordada pelo viés dessa ontologia, procurando reconhecer, nos elementos linguísticos e textuais, vozes sociais utilizadas na construção dos argumentos, os quais foram motivados em alguma medida pelo PL proposto.

2.2 Pesquisa-ação

A pesquisa-ação como uma abordagem qualitativa de pesquisa tem sido objeto da reflexão de pesquisadores de várias áreas do conhecimento. A metodologia não surgiu na área de pesquisas educacionais, mas sim nas Ciências Sociais, cunhado pelo psicólogo Kurt Lewin, na década de 1940.

Lewin rompeu com a forma usual de pesquisa que considerava um pesquisador individual e propôs que a investigação fosse realizada em conjunto com os participantes da

pesquisa, criando comunidades de aprendizagem. Franco (2005) apresenta que, nesse tipo de pesquisa, a reflexão é utilizada como instrumento de escolha para ações e avaliações, conduzida por espirais cíclicas num processo de analisar, observar, conceituar, planejar, propor e avaliar ações de transformação social. As pesquisas iniciais de Lewin tinham por finalidade a mudança de hábitos alimentares da população e, também a mudança de atitudes dos americanos frente aos grupos étnicos minoritários e caminhavam paralelamente a seus estudos sobre o funcionamento dos grupos. Sua forma de trabalhar a pesquisa-ação teve grande desenvolvimento nas empresas em atividades ligadas ao desenvolvimento organizacional. (FRANCO, 2005)

Segundo Frcuicischetf (1999), a pesquisa-ação de Lewin compreende quatro etapas: 1. diagnosticar a situação problema na prática; 2. formular estratégias de ação para resolver o problema; 3. pôr em prática; 4. avaliar as estratégias de ação. O resultado pode levar a um novo esclarecimento e diagnóstico da situação problemática, entrando, assim, em uma espiral de reflexão e de ação. A contribuição de Lewin está, de acordo com Naiditchf (2010), no reconhecimento da possibilidade de o pesquisador interagir e interferir no seu ambiente de pesquisa sem separar a investigação da ação necessária para resolver um problema. Dessa forma, rompe com a visão de que a pesquisa deve ter apenas um pesquisador individual e inclui a reflexão.

Além de sua aplicação em Ciências Sociais e Psicologia, a pesquisa-ação é amplamente desenvolvida na área do ensino. Segundo Engel (2000, p. 182), “desenvolveu-se como resposta às necessidades de implementação da teoria educacional na prática da sala de aula”. Franco (2012, p.109) considera que a prática mais utilizada pelos professores ainda é ligada a uma concepção tecnicista que considera a prática docente como “uma sucessão de procedimentos metodológicos previamente prescritos e planejados a ser executado pelo professor.”, tornando-se um repasse de informações de uma aula rotineira, não reflexiva. A autora lembra que tais posturas, muitas vezes, não são dependentes apenas dos professores porque a ação de ensinar é uma prática social permeada por múltiplas articulações. Ela defende que, enquanto a prática for mecanicamente estruturada, não se transformará em saberes da experiência. Por isso, a necessidade do exercício da *práxis*, articulando teoria e prática na construção dos saberes.

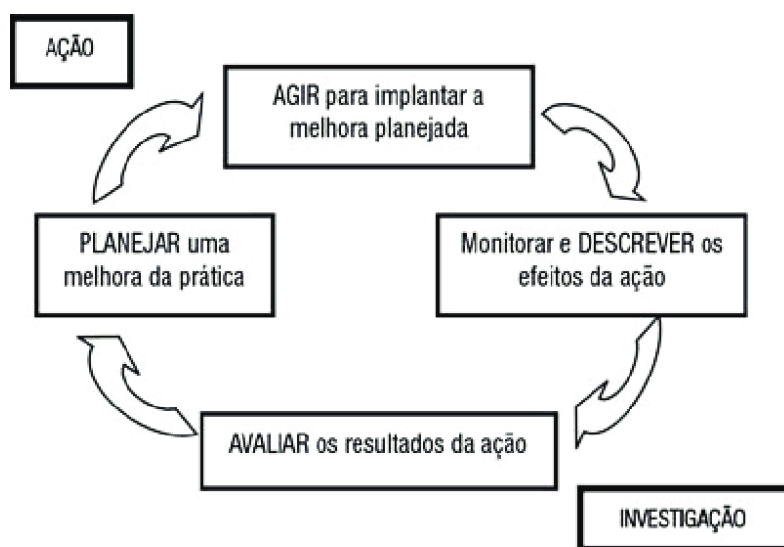
No ensino, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor como sendo inaceitáveis sob certos aspectos, que são suscetíveis de mudança e que, portanto, exigem uma resposta prática. Já a situação problemática é interpretada a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas, baseando-se, portanto, sobre as representações

que os diversos atores (professores, alunos, diretores etc.) têm da situação. (ENGEL, 2000, p. 184)

Os atores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos, identificando problemas coletivos, buscando e experimentando soluções em situação real. Por isso, ela não deve ter apenas um caráter pragmático, mas sim aliar características da prática rotineira e da pesquisa científica.

A pesquisa-ação faz parte de um dos inúmeros tipos de investigação-ação em que, segundo Tripp (2005, p. 446), “planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se” uma mudança, tanto na melhoria da prática quanto da própria investigação. O processo começa com reflexão sobre a prática comum a fim de identificar o que melhorar. A reflexão também é essencial para o planejamento eficaz, implementação e monitoramento, e o ciclo termina com uma reflexão sobre o que sucedeu. As etapas cíclicas estão representadas no diagrama a seguir:

Figura 1: Etapas do ciclo da Pesquisa-Ação.



Fonte: Tripp (2005)

Na pesquisa-ação, é importante destacar como essencial o caráter espiral do processo, a concentração no plano de ação, cujos desenvolvimento e evolução permitem investigar também o ciclo da ação.

Coradim (2015), em sua tese de doutorado, realizou um mapeamento de pesquisas nacionais e internacionais, com base na leitura de seus resumos, que utilizavam a pesquisa-ação. Na análise, constatou que este tipo de pesquisa é realizado de “forma ampla, contemplado

vários focos de estudo, os quais englobam tanto o processo de ensino quanto o de aprendizagem” (p.112), encontrando os mais variados referenciais teóricos com relação à definição da pesquisa-ação.

Na revisão nacional, essa pesquisadora apresentou que o tratamento da pesquisa-ação se dá: a) como referencial metodológico; b) pesquisa que envolve um planejamento inicial da prática docente; seguida de ações; modificações no plano inicial; novas ações e novos encaminhamentos; c) pesquisa para observar a docência, propor ações e tentar solucionar problemas; d) método investigativo que busca promover reflexões teóricas acerca das práticas docentes; e) investigação utilizada para enfatizar a interação entre pesquisador e pesquisado; f) meio para se avaliar o processo de ensino e aprendizagem de línguas com vistas à transformação; g) autorreflexão; h) caminho para se analisar resultados em situação real de aprendizagem; i) momento para se refletir criticamente; j) procedimento metodológico que envolve ação-reflexão-ação. E no âmbito internacional, as definições da pesquisa-ação são interpretadas como um método sistemático e cíclico para investigar a prática docente inicial e continuada, agrupam ação e reflexão e resultam em mudanças nas práticas dos envolvidos na pesquisa.

Coradim (2015, p.111) aponta o objetivo como um ponto convergente entre as pesquisas nacionais e internacionais, destacando que “há tendências à identificação de problemas, seguido de intervenções, reflexões e possíveis soluções, tanto da prática docente, quanto da pedagógica, não necessariamente envolvendo todas essas fases”. Por fim, ressalta também que nem todas as pesquisas oferecem visualização de fases percorridas na pesquisa-ação.

Nesta dissertação, além de buscar alcançar respostas aos objetivos propostos, tanto os do projeto de letramento quanto desta pesquisa, a pesquisa-ação possibilitará refletir, rever, repensar, estranhar, avaliar e refazer minha prática docente. Propus para tanto um PL e, a fim de visualizar todas as fases da pesquisa-ação, optei por apresentar a análise de dados seguindo as etapas apresentadas por Tripp (2005)³. Na próxima seção, apresento o contexto de pesquisa.

2.3 A comunidade

A pesquisa foi realizada em um colégio público do Campo situado em um distrito na região Norte do Paraná. Na seção subseção 2.3.1, apresento geográfica, histórica e socialmente o local e na subseção 2.3.2, o colégio.

³ A possibilidade de analisar os registros de acordo com as etapas da pesquisa-ação foi sugerida pela Prof.^a Dr.^a Cristiane Capristano, na banca de qualificação, a quem agradeço imensamente.

2.3.1 O distrito

A colonização do distrito teve início em 1949, quando os pioneiros chegaram de várias regiões do país. O local atraiu migrantes do nordeste brasileiro, além de grande quantidade de paulistas e mineiros que realizaram o plantio de lavouras, principalmente café, e construíram suas casas. Ao mesmo tempo em que se formavam as propriedades rurais, foram surgindo os primeiros estabelecimentos comerciais e residenciais que deram origem à comunidade urbana.

Rosseto (2010) descreve em seu trabalho que a paisagem rural no início da ocupação do distrito, durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, foi marcada pelo plantio, cultivo e produção do café, cultura esta que ocupou toda a área que, anteriormente, era coberta por matas nativas.

No primeiro bairro do atual distrito, foram instalados a primeira serraria e o primeiro armazém, hoje desativados. O local foi colonizado também por várias famílias japonesas, porém, com a crise cafeeira, muitas dessas famílias foram embora por causa dos prejuízos com as lavouras. As mudanças que ocorreram a partir da década de 1970 na agricultura brasileira, especificamente no Paraná, foram provocadas pelas baixas temperaturas que destruíram os cafezais em plena produtividade e pelo processo de modernização da agricultura:

Esses agricultores venderam suas propriedades ou mudaram a atividade agrícola, cultivando lavouras temporárias, criando bovinos ou arrendaram suas terras para a Usina, que surgiu no cenário econômico do município [...] como uma alternativa de empregos aos trabalhadores rurais que foram expulsos do campo para a cidade, devido à crise cafeeira e principalmente de lucro ao usineiro com a produção de açúcar e álcool. (ROSSETO, 2010, p.4)

Atualmente, a principal atividade econômica que movimenta e gera empregos no distrito é o cultivo de cana-de-açúcar, realizado por uma das unidades de uma usina que produz açúcar, álcool e energia elétrica. Esta unidade gera 5.500 empregos diretos e 18.600 indiretos para a região.

Jatobá (2014) caracteriza a comunidade como “deserto verde”: como uma grande área agricultável, destinada exclusivamente para a produção de cana-de-açúcar, destruindo-se qualquer possibilidade de produção sustentável de outros gêneros alimentícios, criando localmente uma cultura de enxergar o trabalho na Usina como única alternativa de renda, até mesmo dos pequenos proprietários rurais, que arrendam suas terras para a usina para o plantio da cana-de-açúcar.

A imagem a seguir mostra a área do distrito que, de acordo com o censo do IBGE (2010), conta com 3.054 habitantes. Fica visível a presença do “deserto verde” em seu entorno, cercado por plantações de cana-de-açúcar. O distrito está localizado a 13 km da Cidade a qual pertence e 8 a km da Unidade fabril da Usina.

Figura 3: Imagem do distrito por satélite do Google Earth.⁴



Fonte: Google Earth.

Na área central do distrito, há uma Igreja Católica e uma praça, local de encontro dos jovens. As casas são feitas em sua grande maioria de alvenaria; na rua principal encontra-se o comércio da cidade que conta com quatro mercados, nove bares, duas farmácias, uma loja de materiais de construção, uma padaria, dez lojas de roupas, uma creche, uma escola municipal e um colégio estadual. Na rua principal, há cerca de sete estabelecimentos que foram construídos para serem alugados para o comércio, mas, atualmente, a maioria não se encontra em funcionamento.

O posto de gasolina mais próximo fica na rodovia. Há um representante dos correios na cidade, porém este não realiza serviço de entrega nem de postagem, as encomendas que lá chegam devem ser retiradas pelos moradores. O distrito não conta com agência nem correspondentes bancários, uma vez que, no ano de 2012, os caixas eletrônicos foram explodidos por criminosos e nunca mais foram recolocados. A população precisa se dirigir até a cidade quando necessita efetuar saques ou pagamentos bancários. Há uma linha de circular que transporta os moradores do distrito até a cidade.

⁴Disponível em: <<https://earth.google.com/web/@-22.89631166,-51.89035841,484.80651095a,2405.75137419d,35y,-90.86319637h,44.98258356t,0r/data=ChYaFAoML2cvMXlteTQ1djZxGAIgASgC>>. Acesso em: 07/06/2019.

Em uma produção escrita solicitada aos alunos interlocutores da pesquisa, para que descrevessem o local onde vivem, vários citaram que não há opções de lazer, tendo apenas a praça e um campo de futebol suíço para se encontrarem. Quando o assunto é saúde, há apenas um posto, que funciona de segunda à sexta-feira até as 17h e, segundo os alunos, muitas vezes encontra-se sem médico para realizar consultas.

O comércio é muito pequeno e a maior geradora de empregos é a Usina. Muitos relataram que é difícil arrumar emprego e que, se quiserem condições melhores, terão que ir embora do local. Apesar da falta de estrutura, todos ressaltam que o local é muito calmo para se morar e que gostam do sossego da cidade pequena.

2.3.2 O colégio

O colégio, *lócus* da pesquisa, foi fundado como escola rural em 1960 em um prédio de madeira. Em 1969, foi construído um prédio de alvenaria. Em 1971, tornou-se Escola Estadual. Com a implantação do Ensino Médio em 1994, a escola passou a denominar-se Colégio Estadual ensino de primeiro e segundo graus. Em 1998, determinado o início da implantação da Reforma do Ensino Médio no Estado do Paraná, conforme Resolução nº 3492/98 - SEED e considerando a nova LDB nº 9394/96, o Colégio passou a ser Colégio Estadual - Ensino Fundamental e Médio, conforme a Resolução Secretarial nº 3120/98 DOE de 11-09-98, iniciando-se, a partir de 1999, a implantação gradativa da nova reforma do Ensino Médio. De acordo com Jatobá (2014), foi então que a escola recebeu a resolução de mudança de nome (nº 5510/13 de 20/12/2013), alterado para Colégio Estadual do Campo, passando oficialmente a fazer parte da proposta de adequação pela SEED/PR de criação de escolas do campo, aparecendo na lista de escolas do campo no site da secretaria.

A maioria dos alunos reside na área urbana do distrito e aqueles que moram nas vilas rurais utilizam o transporte público escolar para chegar ao colégio. Apenas o diretor e algumas funcionárias residem no distrito. Os demais professores moram na cidade a qual o distrito pertence ou em municípios vizinhos, indo trabalhar com o transporte público ou com carros particulares.

O colégio funciona nos três turnos, com turmas de Ensino Fundamental e Médio no período da manhã, turmas de Ensino Fundamental à tarde, e Ensino Médio à noite. Oferta também Sala de Recurso Multifuncional, Aula Especial de Treinamento Esportivo no contraturno e aulas de Língua Espanhola pelo Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM).

Figura 4: Fotografia da fachada da escola.



Fonte: A pesquisadora.

Segundo dados do Censo escolar de 2018, o colégio possui 10 salas de aulas; 44 funcionários; sala de diretoria; sala de professores; laboratório de informática; laboratório de ciências; sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado (AEE); quadra de esportes coberta; cozinha; biblioteca; banheiro dentro do prédio; banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; sala de secretaria; banheiro com chuveiro; despensa; almoxarifado; pátio coberto e área verde.

Desde o ano de 2016, foram realizadas muitas melhorias na estrutura da escola, sendo construída uma calçada com materiais doados pela prefeitura e mão-de-obra voluntária; realizada também a pintura interna das salas de aula, com recursos financeiros advindos de promoções feitas pela escola para a compra do material e novamente com a mão-de-obra voluntária de pais de funcionários do colégio, pais de alunos e pessoas da comunidade que reconhecem a importância da escola, sua função social no distrito e nunca mediram esforços para ajudar no que precisasse.

No final do ano de 2016, a escola foi contemplada com uma reforma pelo Programa Estadual Escola 1000, com início das obras em dezembro de 2017 e término em janeiro de 2018, quando foram reformados os banheiros dos alunos, a cozinha e uma sala de aula. Também no ano de 2017, o projeto de Escola Sustentável, que estava em trâmite desde o ano de 2014, foi aprovado com a criação de áreas verdes e calçada ecológica na frente do colégio. No ano de 2018, o projeto do governo estadual criou o projeto “Pintando nas férias”, disponibilizando recursos para compra de matérias para pintura, quando foi realizada a pintura do pátio interno.

Muitas melhorias foram realizadas, porém as salas de aula ainda são quentes e os ventiladores são barulhentos, atrapalhando muito no dia-a-dia de sala de aula. Além da preocupação com espaço físico, o colégio busca promover eventos interclasses e interdisciplinares, como a acolhida dos alunos no início do ano letivo; apresentações na Semana da Consciência Negra; palestras em parceria com agentes de saúde, juíza, pessoas da comunidade; torneios esportivos, ressaltando sempre que as atividades complementares têm como objetivo estimular a participação e formação dos alunos.

2.4 Interlocutores

Os interlocutores que fazem parte deste estudo são o diretor da escola, por autorizar a realização da pesquisa; os professores, colegas de trabalho, dos quais muitos deles lecionam lá há muitos anos e sabem das transformações que ocorreram ao longo do tempo. Ressalto períodos de interlocução nas conversas informais na hora do intervalo e das discussões em reuniões e semanas pedagógicas. Dialoguei muito com a pedagoga do turno, que esteve sempre disposta a disponibilizar os documentos da escola, e conversei com as “tias” (Agentes Educacionais I) que residem no Distrito e conhecem muito bem o local e a realidade de cada criança e adolescente. Todos eles, de uma maneira ou outra, contribuíram para que esta pesquisa se realizasse. Os interlocutores focais da pesquisa são 10 alunos do segundo ano do Ensino Médio noturno, todos residentes no distrito. Os nomes dos alunos são nomes fictícios escolhidos por mim.

Isabeli tem 17 anos e nasceu no distrito, seus familiares também são dali e ela tem um irmão mais novo. Seu pai trabalha na usina e sua mãe é diarista na cidade. Ela ajuda a mãe nas diárias durante o dia e estuda à noite. Relatou que gosta de morar neste lugar e não pretende se mudar.

Nicolly tem 15 anos e mudou-se para o distrito quando tinha um ano de idade. Segundo conta, a família foi para lá porque o avô dizia ser melhor para se empregar, devido à usina. Seus pais trabalham na usina, a mãe na unidade situada no distrito e seu pai, em outra unidade, no estado de São Paulo. Seus pais estão separados, por isso é criada somente pelos avós e mãe. Hoje em dia, mora com a mãe, padrasto e irmão mais novo. Nicolly tem o sonho de se formar em enfermagem e psicologia.

Diogo tem 17 anos e nasceu no distrito, seu pai trabalha na usina como motorista e sua mãe no frigorífico de frango que fica na cidade vizinha. Ele tem um irmão gêmeo que se mudou

para uma cidade maior para trabalhar. Ele ficou no distrito e, no ano de 2019, começou a trabalhar na usina, em serviços no campo.

Kimberly tem 16 anos e nasceu no distrito, mora com a mãe e a irmã mais velha. Seu pai trabalha na usina e a mãe é diarista no distrito. Gosta do lugar por ser calmo e não pretende ir embora.

Eduardo tem 16 anos e, também nasceu no distrito. Seu pai trabalhava na usina, mas se afastou de suas funções devido a um acidente de trabalho, sua mãe é do lar.

Edson tem 18 anos, nasceu no distrito, depois mudou-se para uma cidade maior e, no ano de 2012, retornou. Sua mãe é doméstica e seu pai trabalha como motorista na usina.

Marcos tem 17 anos, nasceu no distrito, seu pai era soldador e trabalhava de forma terceirizada, mas hoje está afastado de suas funções e recebe benefício. Sua mãe trabalha no frigorífico de frango em cidade vizinha.

Fred nasceu no distrito e tem 16 anos, seu pai trabalha na prefeitura e sua mãe é do lar.

Brenda tem 21 anos, nasceu numa cidade maior que fica a cerca de 120km de distância. Quando tinha 11 anos mudou-se para a cidade, pois seu pai havia recebido uma oferta de emprego melhor. Quando tinha 17 anos, casou-se e foi morar no distrito com seu esposo, continuou estudando e cuidando de seu lar.

Camila tem 17 anos e nasceu em São Paulo. Veio morar na cidade porque a maior parte da família de sua mãe mora ali. A profissão da mãe é diarista e do padrasto, mestre de obras. Ela mudou-se para o distrito enquanto cursava o segundo ano, pois foi morar junto com o namorado.

Os critérios de seleção para a escolha da turma foram: ser uma turma de ensino médio em que eu fosse a professora regente. O segundo ano foi escolhido pelo fato de que ainda estariam no colégio no ano seguinte para possíveis consultas e retorno dos dados. Expliquei a eles a pesquisa e todos se disponibilizaram a participar. Foi entregue o Termo de Consentimento aos alunos maiores, e Termo de Consentimento e Assentimento aos menores que levaram o documento para os responsáveis assinar.

2.5 A professora-pesquisadora

Nasci e resido na Cidade, meu pai trabalha desde 1994 na usina e minha mãe é costureira. Estudei a vida toda em escolas públicas e hoje reencontro muitos de meus antigos professores, agora como colegas de profissão. Cursei a graduação em Letras- Português/Inglês na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - *campus* de Paranavaí entre os anos de 2010

e 2013. Participei, desde o primeiro ano do curso, do programa PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), que foi fundamental para me inserir no contexto das salas de aulas, com a participação em experiências metodológicas, práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar. Em 2013, participei, também, em minha cidade, do Programa Mais Educação criado pelo Ministério da Educação, com objetivo de ampliar a jornada de estudos para a educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino. No final deste mesmo ano, fiz o concurso para o quadro próprio do magistério do Paraná.

Em 2014, trabalhei como contratada em duas escolas estaduais, ministrando aulas de Língua Portuguesa em duas Salas de Apoio à Aprendizagem e substituí professoras que estavam de licença, tanto na rede pública quanto particular e ministrei aulas de inglês em um curso de idiomas.

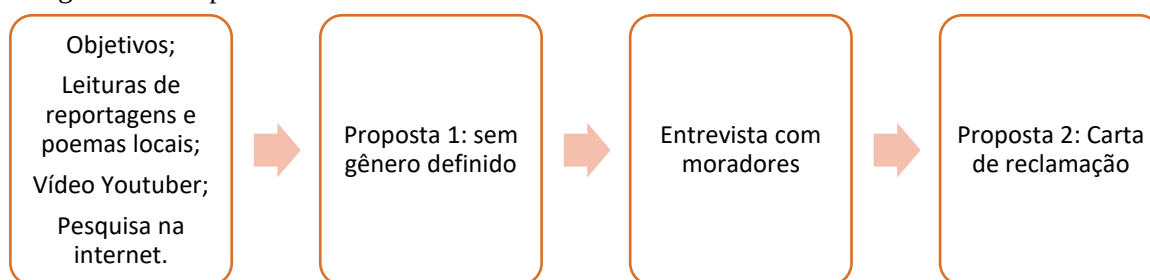
Em 2015, após participar de várias etapas de avaliações do concurso (prova objetiva, redação, prova didática, exames médicos), tomei posse, em fevereiro, no cargo de professora de Língua Inglesa. Assumi as aulas na referida escola, *lócus* desta pesquisa, ministrando as aulas de Língua Inglesa e Portuguesa. Nesse meio tempo, fiz uma especialização a distância intitulada “Metodologias do ensino de língua portuguesa e estrangeira”.

A fim de buscar mais conhecimento e aprimoramento profissional, em 2017 participei de processos seletivos para programas de mestrado e fui aprovada para iniciar os estudos no ano de 2018, que me possibilitaram desenvolver esta pesquisa. A necessidade de voltar à universidade vem para responder algumas inquietações e, também, por acreditar que a interlocução entre escola e universidade possibilita uma rica troca de conhecimento e experiências para ambos os lados.

2.6 Procedimentos para geração e análise de dados

O PL foi desenvolvido em duas unidades, a primeira delas, intitulada “Lugar onde vivo”, teve como objetivos: resgatar observações, conhecimentos e sentimentos dos alunos sobre o lugar onde vivem, possibilitando um novo olhar sobre o local. As atividades foram realizadas conforme o ideograma abaixo:

Ideograma 1- Etapas da unidade 1 do PL

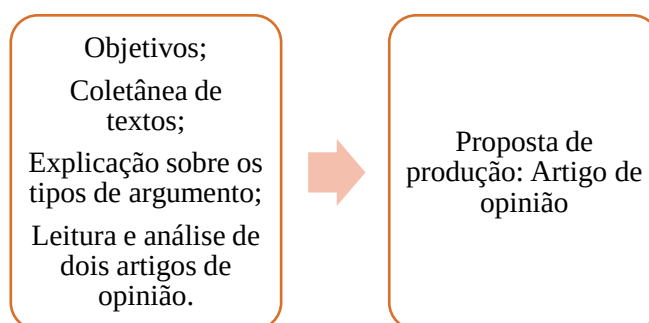


Fonte: A pesquisadora

A segunda unidade “Trabalho” teve como objetivos: Discutir sobre a escolha profissional e a sua relação com o futuro. / Pensar nas possibilidades de trabalho no local onde vivem. / Reconhecer vozes dentro do texto. / Usar conectivos. / Ler e escrever artigos de opinião.

Há uma série de atividades contempladas na unidade, que podem ser observadas pela síntese feita nos ideogramas a seguir:

Ideograma 2- Atividades da unidade 2 do PL



Fonte: A pesquisadora

Trago mais explicações de como o PL foi formulado e, posteriormente, desenvolvido com os alunos, no capítulo analítico, em que o considero como um todo, os textos trabalhados previamente e as orientações apresentadas e as ações dos discentes. Após o término de desenvolvimento das atividades do PL, digitei as produções dos alunos, para facilitar a leitura, também por questões éticas, para que a letra não fosse divulgada. Em uma tentativa de apresentar o texto o mais próximo possível da escrita original, a ortografia e pontuação utilizada pelos autores foram mantidas. Os nomes foram trocados por pseudônimos. As produções textuais são centrais na análise do próximo capítulo.

Em seguida, foi realizada uma leitura de todo material escrito, ouvidas e transcritas as gravações de todas as aulas, de acordo com as normas de transcrição do projeto NURC. Considerando tratar-se de muitas horas de gravação, apenas alguns trechos focais foram

utilizados para contribuir na análise de dados. Priorizei trazer algumas discussões realizadas em sala e minha explicação em relação às propostas de produção solicitadas aos alunos, pois esses trechos contribuem para o entendimento de como eles incorporaram algumas discussões em seus textos e como meu comando reflete em suas escritas.

Para realizar a análise, vários caminhos seriam possíveis, mas escolhi fazê-la a partir de tipos de argumento para investigar em princípio como alunos constroem a argumentação em gêneros discursivos escolarizados e, nessa construção, negociam com vozes sociais. Dada a materialidade dos dados, iniciei a análise no sentido de reconhecer os tipos de argumento utilizados pelos alunos nos textos. Seria possível realizar isso sem uma tipologia prévia, como realizado por Vecchia, Jung e Petermann (2019), no artigo "Interculturalidade e poder na produção de um artigo de opinião no ensino médio integrado", todavia resolvi partir de tipologias que circulam em contextos escolares.

Quando busquei por autores que definissem os tipos de argumento, encontrei várias fontes de informação, mas que na maioria das vezes não possuíam autoria atribuída a elas. Portanto, senti a necessidade de compilar essas informações no quadro a seguir, que foi construído por mim, com base em autores como Platão e Fiorin (1996), Citteli (1994), materiais didáticos, sites na internet e no material disponível da Olimpíada de Língua Portuguesa.

Quadro 2- Tipos de argumentos

Tipo de Argumento	Definição
Autoridade	Recorrem a fontes de informação renomadas, como autores, livros, revistas especializadas, para demonstrar a veracidade da tese. Este é um dos tipos de argumentos mais encontrados em livros didáticos ou em textos científicos. É a citação de autores renomados, autoridades num certo domínio do saber, numa área da atividade humana, para corroborar uma tese, um ponto de vista.
Comparação	É aquela em que se estabelece relação de semelhança ou diferença entre a tese defendida e algum tipo de dado a fim de comprovar o ponto de vista defendido.
Exemplo ou exemplificação	São aqueles argumentos que contam ou trazem um caso específico, para, em seguida, generalizar e extrair uma conclusão geral.
Princípio	A justificativa é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal.
Provas concretas	Recorrem a cifras, estatísticas, fatos históricos; dão à argumentação uma sensação maior de confiabilidade, de veracidade.
Raciocínio lógico	São argumentos que resultam de relações lógicas. Os mais comuns são os de causa e consequência e os de condição.

Senso comum	São verdades aceitas culturalmente, sem necessidade de comprovação. Não se deve, no entanto, confundir argumento baseado no consenso com lugares-comuns carentes de base científica, de validade discutível.
--------------------	--

Fonte: A pesquisadora.

Os tipos de argumento apresentados no quadro terão papel importante, pois darão subsídios para analisar como, por meio de argumentos, os alunos negociam vozes sociais com práticas escolares propostas pelo PL. Com o propósito de responder a este e outros objetivos, no próximo capítulo, investigarei as produções escritas propostas nas unidades 1 e 2, que se constituem em uma carta de reclamação e um artigo de opinião. Decidi excluir a análise da primeira proposta de produção da Unidade 1, pois, em função da não delimitação de um gênero específico para a escrita, a variabilidade de possibilidades dificultou muito o processo de análise. Os resultados encontrados, a partir da recorrência de tipos de argumentos, será apresentada no próximo capítulo, onde analisarei e avaliarei os efeitos da ação implementada.

2.7 Ética

A pesquisa proposta foi submetida à autorização e aprovação ao diretor da escola; ao Núcleo Regional de Educação a qual a escola pertence e, também ao Conselho de Ética do COPEP – Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O processo de submissão da pesquisa ao comitê de ética teve início no mês de julho de 2018 e teve a aprovação com o número de parecer N. 2.894.746 em 14/09/2018, autorizando a geração e utilização dos dados para a composição da presente pesquisa. Há também autorização do diretor e do chefe do NRE. Constam anexados ao final da dissertação o Parecer Consubstanciado do Comitê de ética da UEM (Anexo I) e autorização do NRE-Maringá para a realização da pesquisa (Anexo II). Assim como o modelo de TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para menores (Apêndice I) e para maiores (Apêndice II), documentos assinados pelos pais dos alunos menores ou pelos próprios alunos maiores de idade, autorizando a participação na pesquisa e que os dados podem ser utilizados para fins de pesquisa.

As identidades dos alunos participantes da pesquisa foram preservadas de modo que, quando for necessário fazer referência ao trabalho desenvolvido por eles, será utilizado um pseudônimo criado para garantir seu anonimato, bem como o nome da escola e o distrito em que está localizada não serão nominados.

Tais processos, mesmo que levem em consideração os benefícios e riscos em se realizar a pesquisa, ainda fazem parte do que Cameron *et al.* (1992) chama de ética burocrática, que, nas palavras de Reis e Egido (2017, s/p.), “o pesquisador presume que seu compromisso ético se realiza e se completa com o sigilo com respeito à identidade dos sujeitos”.

Meu intento, além de cumprir com a ética burocrática, é trazer o retorno dos dados para a escola. De acordo com Paiva (2005, p.46), “apontar as falhas no ensino público sem trazer nenhum retorno para os pesquisados apenas contribui para desestabilizar o que já está fragilizado, o que é, no mínimo, irresponsável e não solidário”. Este trabalho não pretende apontar falhas, mas compreender o contexto em que trabalho, as reais necessidades de meus alunos, suas formas de aprendizagem. Pretendo disponibilizar uma cópia da dissertação para a escola, e, em algum momento de reunião pedagógica, apresentar à comunidade escolar os resultados obtidos na pesquisa. Em termos de resultados, espero contribuir com o desenvolvimento de práticas de letramento na escola que promovam a participação social dos alunos. Por meio do PL, espero imprimir um novo sentido às práticas de letramento escolarizadas, pondo em relevo o caráter agentivo dos alunos na escrita de textos, repensando o *déficit* e a crise da escrita existentes na esfera escolar em uma perspectiva de agência, reconhecendo os letramentos e as aprendizagens como situados socioculturalmente.

Discuti, neste capítulo, a respeito dos procedimentos ético-metodológicos adotados na pesquisa. Apresento, no capítulo a seguir, a análise dos dados gerados a partir da produção escrita dos alunos.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO DE LETRAMENTO: VOZES E INTERLOCUTORES

Neste capítulo, apresento uma análise do material gerado por meio do trabalho com o Projeto de Letramento na turma do segundo ano do ensino médio noturno. Organizo as informações de acordo com os passos da pesquisa-ação propostos por Tripp (2005), apresentadas no capítulo metodológico dessa dissertação que consistem em: planejar uma melhora da prática; agir para implantar; monitorar e descrever os efeitos da ação e avaliar os efeitos da ação.

Considerando tratar-se de uma pesquisa-ação, a organização da análise no formato desses passos, me pareceu possibilitar não somente dar conta dos objetivos propostos para a dissertação, mas trazer a reflexividade que este tipo de pesquisa envolve. Desse modo, cada seção do capítulo contemplará um desses passos. Apresento na seção 3.1 como se deu o planejamento do PL, justificando os temas escolhidos, os textos, os questionamentos e as produções textuais resultantes, na seção 3.2, discorro como foi o desenvolvimento do projeto com os alunos em sala de aula; na 3.3 faço, separadamente, a análise das cartas de reclamação e artigos de opinião, sobretudo na perspectiva das vozes sociais e interlocutores; por fim, na seção 3.4 avalio os efeitos da ação realizada.

3.1. PLANEJANDO uma melhoria da prática: Projeto de Letramento

A proposta do projeto surge de inquietações minhas e de meus alunos do ensino médio, de um colégio estadual do campo onde leciono disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa desde 2015. Observei que, quando trabalhava com produção escrita com os alunos, eles apresentavam dificuldades principalmente quando necessitavam expor a opinião em textos argumentativos, que iam desde a falta de domínio de questões ortográficas e gramaticais até o fato de não conseguirem se colocar como um sujeito que tem algo a dizer para alguém, o que passa por questões como o domínio da temática abordada e a forma de organizar textualmente a interação naquela situação proposta. Eram recorrentes as dificuldades de fazer inferências, decidir adequadamente sobre os conteúdos, relacionar as diversas partes do texto de maneira coesa e coerente, usar estratégias argumentativas adequadas, pensar nos leitores (ainda que virtuais), enfim, de compreender as características linguísticas, textuais e pragmáticas do gênero requerido.

Diante desse cenário, observava a insegurança dos alunos no momento de escrever e até mesmo, em alguns casos, de recusa em relação à produção textual. Muitas reclamações no sentido de “não saberem por onde começar a escrita” ou “não conseguir colocar as ideias no papel”. Conversando com colegas professores, percebi que essa dificuldade estava se estendendo também a outras disciplinas, surgindo assim uma necessidade de pesquisar mais sobre o assunto para elaborar intercompreensões e contribuir, de alguma forma, com aqueles alunos.

Nesse sentido, propus um PL que consistiu partir da realidade dos alunos, para que se reconhecessem nos temas, nos textos e tivessem o que dizer/argumentar. Para a elaboração do PL, inicialmente, ocorreu uma orientação na universidade em que, a partir das leituras sobre letramento como prática social e de minhas observações e convivência com os alunos em sala de aula, eu e a professora orientadora definimos temas que poderiam ser norteadores das discussões e das atividades a serem desenvolvidas. Trouxe também, para as discussões, fundamentos que embasaram os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul para Língua Estrangeira/Adicional, um documento que privilegia a compreensão pelo aluno da sua própria realidade, e, para tanto, parte de temas relevantes e a posterior seleção de gêneros relacionados a esse tema.

[...] o objetivo da aula de LE é tornar-se um espaço para reflexão, autonomia e sensibilização ao outro na busca por uma compreensão de sua própria realidade e de uma ampliação de sua participação em práticas sociais onde a língua estrangeira e as práticas de leitura e escrita são produtos culturais e simbólicos valorizados. (SCHLATTER, 2009, p. 12)

Para finalizar a etapa de escolha dos temas, um questionário fechado foi respondido, com o objetivo de realizar um levantamento das práticas de letramento das quais os alunos participavam; sua relação com os estudos e temas que gostariam de estudar na escola. Apresento, a seguir, os questionamentos e as respostas dos alunos, que foram sistematizadas em gráficos:

De acordo com os Estudos do Letramento, as pessoas se relacionam com a linguagem escrita em domínios da sociedade, construindo padrões de interação com textos escritos. O primeiro questionamento, portanto, foi no sentido de observar se os alunos reconhecem que há presença de textos escritos em práticas das quais participam. Tendo os seguintes resultados:

1. Fora da escola você tem contato com textos escritos?

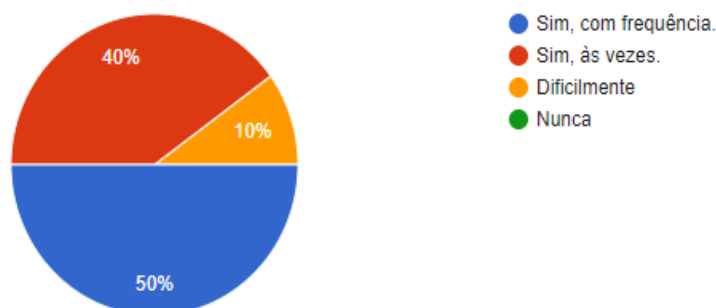


Gráfico 1- Elaborado de acordo com a resposta dos alunos

Fonte: A pesquisadora

Sim, com frequência: 5 (50%) Sim, às vezes: 4 (40%) Difícilmente: 1 (10%)

Observa-se pela resposta à primeira questão, que os alunos reconhecem as interações cotidianas com textos escritos para além do ambiente escolar. Esse dado é interessante, visto que demonstra que eles consideram que existem outras práticas de letramento, que não sejam as exigidas na escola.

A segunda questão, articulada à resposta da primeira, revela qual o suporte mais utilizado para acessar textos escritos:

1.1. Se sim, como tem contato?

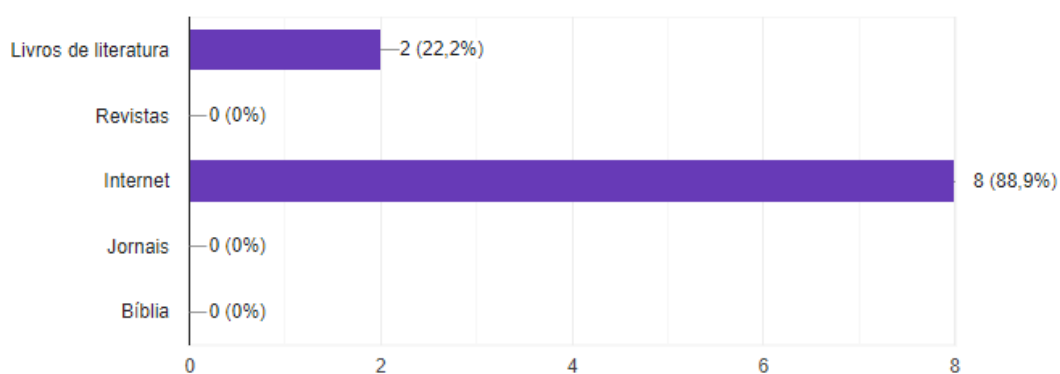


Gráfico 2- Elaborado de acordo com a resposta dos alunos

Fonte: A pesquisadora

O total de oito alunos respondeu que esse contato com textos escritos fora da escola é realizado por meio da internet. Apenas dois relacionaram com livros de literatura, o que aponta para as transformações advindas com a tecnologia, que refletem em diferentes modos de ler na sociedade contemporânea. O maior contato com textos veiculados por meio da internet, vai se mostrar mais adiante nas formas como os alunos constroem seus argumentos, que vão muito mais próximos do estilo de escrita utilizado em textos veiculados em sites do que em livros

literários, por exemplo. O próximo questionamento foi no sentido de perceber a relação dos alunos com a produção escrita:

2. Você gosta de produzir textos escritos na escola?

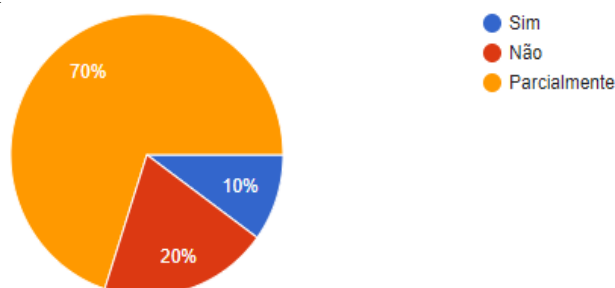


Gráfico 3- Elaborado de acordo com a resposta dos alunos

Fonte: A pesquisadora

Sim: 1 (10%) Não: 2 (20%) Parcialmente: 7 (70%)

Quando perguntados se gostam de produzir textos na escola, apenas um aluno responde de forma afirmativa, enquanto 7 afirmam gostar parcialmente e 2 alunos revelaram não gostar de produção textual na escola. Esses dados reforçam o conceito de desconforto com relação à produção de textos na escola, reclamação que motivou a realização desta pesquisa.

Por fim, para fazer um levantamento dos interesses dos alunos em relação a quais assuntos gostariam que fossem trabalhados no contexto escolar, a última questão apresentava dez temas e possibilitava ao aluno escolher mais de uma opção.

3. Qual(is) tema(s) você acha interessante(s) e gostaria que fosse(m) abordado(s) na escola?

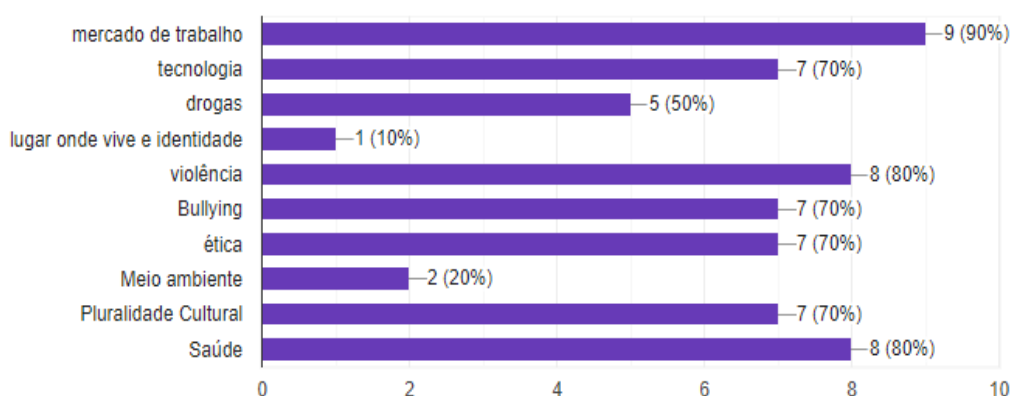


Gráfico 4- Elaborado de acordo com a resposta dos alunos

Fonte: A pesquisadora

Os principais temas de interesse foram: mercado de trabalho (90%), violência e saúde (80%), tecnologia, *Bullying*, ética e pluralidade cultural, respectivamente com 70% de

preferência, drogas (50%), meio ambiente (20%) e por último o lugar onde vivem representou (10%) das respostas.

Para provocar o (re)conhecimento dos alunos em relação ao lugar onde vivem, a fim de causar-lhes momentos de reflexividade, optamos por trabalhar "O lugar onde vivo" na primeira unidade. Embora não tenha sido um tema escolhido pelos alunos, julgamos necessário naquele momento por considerar que daria subsídios para os demais temas e, principalmente, porque levaria os alunos a se reconhecerem como parte dessa realidade, despertando-os para terem o que dizer e para trazer argumentos ligados à sua realidade e à vida de jovens de sua idade. Além disso, os demais temas poderiam ser tratados posteriormente, já que o processo de ensino e aprendizagem não se encerra neste trabalho.

Assim, planejei inicialmente três unidades didáticas: 1. O lugar onde vivo; 2. Trabalho; e 3. Várias faces da violência. Em cada unidade, procurei contemplar os seguintes elementos: tema norteador, textos de apoio, atividades linguísticas, momentos de discussão e uma produção escrita ao fim de cada unidade, utilizando-se de três gêneros discursivos (redação escolar, carta de reclamação, artigo de opinião), pensados para reconhecer como os alunos negociariam com vozes sociais em relação aos temas e posicionamentos trazidos pelos textos, nas discussões e nos comandos apresentados.

O Projeto de Letramento foi desenvolvido no terceiro trimestre do ano de 2018. Como a disciplina de Língua Portuguesa tem carga-horária semanal de quatro aulas de 40 minutos, o período de realização do projeto teve início no dia 18 de outubro e a finalização em 10 de dezembro de 2018 e utilizou-se de toda a carga-horária semanal. Por conta de limitações de tempo, só foi possível a realização das duas primeiras unidades produzidas.

Trabalhamos duas unidades do PL (KLEIMAN, 2010), elaboradas por mim, que, nesta ocasião, me encontrava como professora-pesquisadora. Os temas trabalhados estavam relacionados ao lugar onde vivem e ao mercado de trabalho.

A estrutura das unidades didáticas do PL contemplou: tema norteador; leitura de textos de diversos gêneros (poema, reportagem, infográfico, informativos, artigos de opinião, quadros); atividades linguísticas; momentos de discussão e produções escritas (redação escolar, carta de solicitação e artigo de opinião), atividades pensadas para reconhecer com quem os alunos dialogam em seus textos, as vozes sociais (BAKHTIN, 2006; 2015), como encadeiam a argumentação e de que forma o local em que estão inseridos e as práticas cotidianas desses grupos também constituem a sua escrita escolar.

Trago na seção seguinte, a organização das unidades 1 e 2 do PL que foram desenvolvidas com os alunos. O material em sua versão integral encontra-se nos Apêndices.

3.2 AGINDO para implantar a melhora planejada: desenvolvimento do projeto de letramento

Organização da Unidade 1 – O lugar onde vivo⁵

1. Objetivos da unidade: resgatar observações, conhecimentos e sentimentos dos alunos sobre o lugar onde vivem; possibilitar um novo olhar sobre o lugar onde vivem; identificar questões polêmicas locais; relacionar informações gerais com locais; produzir uma carta de reclamação.

2. Discussão inicial a partir do Poema “Cidadezinha” de Mario Quintana;

Na discussão inicial, instiguei os alunos a fazer um paralelo entre a cidade descrita no poema e o distrito onde moram. Para minha surpresa, disseram que não consideram o lugar seguro, citando alguns furtos que ocorrem no local e mencionaram a explosão do caixa eletrônico que havia ocorrido no distrito. Alguns disseram que gostavam de morar lá e outros não. Comentaram que, quando abrem algum comércio, logo ele é fechado por falta de consumidores, falaram também, da falta de opções de lazer e trabalho. É possível verificar que os sentimentos dos alunos não iam de encontro com a visão romantizada sobre uma cidade pequena, como há no poema.

2.1 Questões de interpretação, relacionando o poema à realidade local: Qual é o tema do poema/ Como você imagina a cidade descrita? / Estabeleça um paralelo entre a cidade descrita e a sua. / As palavras utilizadas no grau diminutivo, utilizadas no início do poema, refletem apenas o tamanho da cidade? Justifique.

Quando começaram a responder as questões, continuam conversando entre si, já no momento de correção, são pouco participativos.

3. Conhecendo o local onde vivemos: Inicialmente trago uma imagem do distrito, capturada por meio do *Google Maps*, seguido por um texto explicativo que ressalta a importância de conhecer a história local. Eles gostaram bastante do mapa e ficaram tentando encontrar a rua onde moram e alguns pontos que estavam com legendas.

3.1 Textos de jornais locais antigos contendo informações como: formação e colonização do distrito, localização, população da época, primeiros moradores, comércio.

3.2 Questões de interpretação, relacionando como era o distrito antes e agora:

⁵ Tanto o título da unidade quanto algumas atividades foram inspiradas no material da Olimpíada de Língua Portuguesa, do programa do governo federal Escrevendo o Futuro.

De que modo foi construído o distrito? Em que ano? / O distrito é predominantemente urbano ou rural? Por quê? Que mudanças ocorreram ao longo dos anos em nosso distrito? / Em que aspectos pouco mudou? / E quanto ao número de habitantes, aumentou ou diminuiu? / Ao longo do tempo qual foi a ocupação de seus habitantes? / E em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permaneceu ao longo dos anos? / Há saneamento básico no bairro onde você mora? / Há coleta sistemática do Lixo? Há coleta seletiva ou reciclagem do lixo? / As ruas de seu bairro possuem calçamento? / É constante a presença de viaturas da polícia para a garantia da segurança dos moradores?

Para responder a primeira questão, os alunos voltaram aos textos de apoio para retirarem as informações. Todos responderam que o distrito é urbano por ter ruas pavimentadas e comércio, consideram ser rural apenas aqueles que moram nas vilas rurais. Na questão três, citaram como mudanças a reforma da igreja católica, construção de novas moradias, mais comércios, uma praça com equipamentos de ginástica e um campinho. Mas ressaltam, na questão quatro, que pouco mudaram as opções de trabalho, número de habitantes e que ainda não havia redes de esgoto.

Reconheceram um pequeno aumento no número de habitantes e que as relações de trabalho, antes na colheita e plantação de café, foi substituída pela cana de açúcar, há também em cidades vizinhas, frigoríficos de frango. As respostas aos espaços de lazer revelam que o único ponto de encontro dos jovens é a praça e para as crianças foi construído uma API (academia da primeira idade) e, para os idosos, uma ATI (academia da terceira idade), ambos projetos do governo estadual.

Eles respondem as questões, discutindo entre si e comigo. Ficam muito confusos na hora de responder, dizem que não sabem colocar, como explicar. Eles conversam muito entre si e perguntam várias vezes para explicar novamente a questão, querem mostrar e ler as respostas em busca de correção. Reclamam que é difícil e que não conseguem responder.

4. Vídeo de um *youtuber* que fala de uma forma estigmatizada as características do local. Apresentação do conceito e discussão sobre violência simbólica.

Quando comentamos sobre o vídeo, os alunos foram reconhecendo que algumas coisas ditas pelo *youtuber* eram fatos que realmente aconteciam, porém, alguns reconheciam como exageros. Quando perguntei se acham que isso seria uma forma de violência simbólica, a aluna Brenda respondeu: “Ah, tem umas partes que ele debocha. Mas não chega a ser uma violência”. Mesmo reconhecendo que há “exageros”, ainda enxergam o vídeo de forma bem-humorada.

5. Leitura de produções literárias locais: esta seção apresentou alguns poemas que mostravam a visão dos autores locais sobre o lugar onde vivemos, as publicações são resultantes de concursos literários promovidos pela prefeitura nos anos de 2007 a 2010.

Poema 1 - Cortadora de Cana - retrata a vida de uma mãe que depende da renda do seu trabalho no corte de cana para sustentar seus filhos. A seguir trago comentários que os alunos fizeram no momento da discussão:

Amanda: Qual é o tema do poema?

Camila e Diogo: O corte de cana

Amanda: Conhecem esse tema?

Diogo: O tema desgraçado. Pesado!

Amanda: Quem escreveu foi um homem, mas o eu-lírico é feminino. O que diz nesse poema?

Diogo: Uma mãe que precisa trabalhar pra sustentar os filhos.

Amanda: Como é o local? A gente consegue perceber qual é lugar de trabalho?

Camila: Usina, corte de cana.

Amanda: Qual é a rotina dessa mãe de família aí?

Edson: Acorda cedo, arrumar as coisas e levar os filhos na escola, na creche, esperar o ônibus, ir trabalhar.

Amanda: Como é esse trabalho?

Diogo: Nossa, professora! É um trabalho muito sofrido.

Amanda: E... por que será que ela se submete a esse serviço?

Diogo: Pelos filhos.

Camila: Porque o esposo dela morreu e não tem alguém pra sustentar eles.

Amanda: Ela gosta do que ela faz?

Diogo: Não.

Camila: Ah! eu acho que sim.

Diogo: Quem que gosta disso aí, Camila? Pelo amor de Deus! Ninguém gosta. Ela precisa trabalhar.

Camila: Cada um trabalha no que quer.

Diogo: Ah com certeza! (ironia) Ela falou que é a única porta. Se tivesse outro ela ia.

Camila: Mas já que é a única porta que ela tem, então ela vai trabalhar cortando cana.

Diogo: Então! Isso não quer dizer que ela tem que gostar do trabalho que ela faz.

Amanda: Quando ela fala que é prazeroso buscar o pão. E esse prazeroso aí?

Diogo: É prazeroso buscar o pão. Não o trabalho. É prazeroso pelo dinheiro, pra comprar comida no começo do mês. Pergunta lá pro cara que corta cana se é gostoso.

Esse trecho traz uma discussão a respeito da temática abordada no poema. Em vários momentos, foi oportunizada aos alunos a possibilidade de expor sua opinião a respeito daquilo que estavam lendo. Instiguei-os, por meio de perguntas que pudessem se posicionar, argumentar e contra-argumentar, expondo seus posicionamentos em relação ao tema. Pela discussão acalorada de Diogo e Camila, como mostra o excerto das linhas x a y, é possível observar que o poema desperta nos alunos posicionamentos em relação as vozes sociais (BAKHTIN, 1997) trazidas pelo texto e aciona pareceres em relação à realidade rural em que vivem. Há um protagonismo nas falas de Camila e Diogo, que se repetirá em outros excertos. Nessa discussão, Diogo defende que o trabalho no corte da cana é sofrido, mas que as pessoas, em especial o eu-lírico do poema, têm apenas essa opção para garantir o sustento da família.

Poema 2 - Cana - o poema retrata que os pequenos sítios acabaram dando lugar apenas às lavouras de cana-de-açúcar. A seguir, trago a transcrição da discussão feita a respeito da temática deste poema:

Amanda: Qual é o tema desse poema?

Camila: Cana.

Amanda: Mas é a mesma perspectiva que era dita no outro?

Vários respondem: Não!

Amanda: O que está sendo dito aqui?

Edson: Está falando sobre quando era mais fazenda, sítio, esses negócio... agora ela olha tem só cana ao redor.

Tinha campinho. Era sofrido, mas ela gostava.

Amanda: Por que ela está dizendo isso aqui? O que está acontecendo com todas as propriedades pequenas aqui da região?

Edson: Estão sendo arrendadas pela usina.

Diogo: A usina tá comprando tudo!

Amanda: E o que isso decorre?

Diogo: É muito ruim, porque não vai ter mais emprego.

Amanda: E a gente vai comer o que?

Camila: Cana. (risos e piadinhas)

Amanda: Por que será que as pessoas estão arrendando ou vendendo os sítios para a usina?

Diogo: Ah sei lá, acho que é por causa do dinheiro. Muito dinheiro que a usina tem.

Amanda: Será que é só por isso?

Camila: É porque as vezes a pessoa que tem um sitiozinho ela não consegue viver com aquilo que ela produz ali.

Aí vem uma empresa muito grande, oferece um valor pra pegar um pedaço do seu sítio e a pessoa acaba vendendo.

Que não tem um meio de sobreviver e acaba recebendo da usina um dinheiro maior do que ela recebia do que a produção que ela fazia. É muito difícil você manter uma produção, não é valorizado. Pode acontecer condições climáticas os produtores podem perder tudo então arrendando eles sabem que bom ou mau o fixo sempre vai ter.

Amanda: Mas isso é bom para o município?

Fred: É bom pra empresa, agora para a população não.

Os alunos conseguem perceber as mudanças que as pessoas tiveram em suas relações com a terra e a produtividade rural ao longo dos anos. A virada agroindustrial inviabilizou os pequenos produtores de continuarem produzindo em "um sitiozinho", segundo Camila, o que praticamente os obrigou a arrendar e ou vender suas terras. Essa posição fica clara na fala da Camila. Reconhecem que o monopólio das plantações de cana é bem mais lucrativo para a empresa do que para os moradores. Fazem até piadinhas que só comerão cana, mas discutem e reconhecem que a predominância da monocultura não é favorável à população local.

Poema 3 - Minha cidade - a poeta discorre sobre aspectos da cidade, como movimento, religião, seus habitantes, trabalho. Este poema foi pouco discutido, pois já estava terminando a aula e não foi retomado na aula seguinte.

6. Proposta de escrita 1: A exemplo dos escritores locais, escreva um texto apresentando suas impressões sobre o lugar onde vive. Transcrição da explicação referente ao comando de produção:

Então tem duas frentes aqui, então agora, hoje, o que é que vocês vão fazer? Nós... é... assistimos o vídeo do cara falando sobre XXX, antes disso a gente tinha lido alguns dados sobre a colonização e lemos agora esses poemas e já discutimos também algumas coisas em sala. Então, com esse material que nós temos aí até o momento, vocês vão escrever um texto, nesse caso não foi colocado um gênero específico, então se vocês quiserem fazer igual aos escritores locais aqui e escrever em forma de poema, pode ser, se tiver segurança e quiser se arriscar aí a fazer um poema. se vocês quiserem fazer um texto narrativo né, um relato ali, pode ser também. Mas então hoje a proposta é: escreva um texto, apresentando suas impressões sobre o lugar onde vive. então a gente viu, teve gente que colocou só lado positivo, teve gente que fez um balanço entre lados positivos e negativos que considera, teve gente que falou das atrações, teve gente que falou de como é o lugar, da usina, do rodeio. Aí vocês vão fazer o de

vocês nesse momento. Então pode ser o gênero que vocês escolherem, se quiser fazer poema, relato, lembrando sempre do começo, meio, fim.

O comando de produção resultou em 10 textos e não houve processo de revisão e reescrita. Nessa primeira produção, percebo que os alunos ficaram preocupados em contar a quantidade de linhas que escreveram; espontaneamente trocaram os textos, lendo um o texto do outro; alguns disseram que estava difícil e que não conseguiram escrever mais. Devido à heterogeneidade de gêneros produzidos, decidi, como dito no capítulo metodológico, não analisar os textos resultantes da primeira proposta de produção da Unidade 1.

7. Entrevista com os moradores: Proposta de uma pesquisa com os moradores para verificar quais os principais problemas da cidade apontados por eles. Os temas mais comentados foram utilizados para fazer uma carta de reclamação às autoridades municipais. Como proposta de atividade, os alunos deveriam entrevistar diversas pessoas, perguntando-lhes quais os principais problemas que elas viam no distrito e anotar as respostas para que os dados fossem sistematizados posteriormente.

Na aula seguinte, poucos haviam levantado os dados. Conforme os alunos foram falando, eu fui criando categorias e colocando-as no quadro. Apenas cinco alunos trouxeram. Solicitei aos alunos que não haviam entrevistado alguém da comunidade, para sair pela escola e entrevistar os funcionários, alunos e professores. No final, conseguimos treze entrevistados e formamos conjuntamente a seguinte tabulação:

Quadro 3- Principais problemas trazidos pelos moradores na entrevista

Problema relatado	Número de reclamações
Buracos	8
Falta de banco/ lotérica	3
Falta de emprego	5
Lazer	3
Rede de esgoto	6
Saúde	8
Segurança	4

Fonte: A pesquisadora.

Os dados do Quadro mostram que os problemas que tiveram maior recorrência na fala dos moradores foram "buracos" e "saúde", com 8 menções cada um, seguido por "rede de esgoto", mencionada 6 vezes, "falta de emprego" (5 vezes), "segurança" que foi trazida 4 vezes

e, por fim, "lazer" e "falta de banco/lotérica", com três menções cada. Os dois maiores problemas de acordo com os moradores entrevistados foram então "buracos" e "saúde".

8. Pesquisa no laboratório de informática: a proposta consistia em acessar o site da Prefeitura Municipal para observar as notícias apresentadas e pesquisar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para saber números da população local atualmente.

9. Proposta de escrita da Carta de Reclamação: Com base nesses reconhecimentos, escreva uma CARTA DE RECLAMAÇÃO, destinada ao prefeito da cidade, mostrando pontos de insatisfação dos moradores e/ou problemas do distrito e pedindo que providências sejam tomadas, a fim de solucionar os problemas e melhorar o bem-estar das famílias. Expliquei como é a estrutura de uma Carta de Reclamação e a proposta de produção. Os textos resultantes dessa proposta serão analisados na próxima seção.

Em síntese, no Quadro 5 a seguir, apresento informações dos conteúdos ministrados na Unidade 1, que teve a duração de treze aulas, em que foram discutidos textos, realizados exercícios de interpretação e reflexão, pesquisas em sites e com moradores do distrito e duas produções escritas. Esses dados advêm de meu registro de classe.

Quadro 4- Conteúdos ministrados na unidade 1

Unidade 1: O lugar onde vivo	
Data da Aula	Conteúdo Ministrado
18/10/2018	Leitura e interpretação do poema "Cidadezinha qualquer" de Mário Quintana.
19/10/2018	Leitura de textos sobre a história de formação do distrito, discussão como era antes e como está agora.
22/10/2018	Leitura de textos sobre a história de formação do distrito.
22/10/2018	Interpretação escrita dos textos lidos.
25/10/2018	Análise do vídeo do <i>youtuber</i> Diogo Elzinga que fala sobre o distrito. Discussão sobre a visão que as pessoas de fora têm a respeito da cidade e se isso não seria uma forma de violência simbólica.
26/10/2018	Leitura de poesias de autores locais que participaram do concurso literário, com suas impressões sobre o lugar onde vivem.
29/10/2018	Continuação da leitura de poesias de autores locais que participaram do concurso literário, com suas impressões sobre o lugar onde vivem, reconhecendo as vozes presentes no poema.
29/10/2018	Escrita de um texto sobre a impressão dos alunos sobre o lugar onde vivem. Gênero livre.
01/11/2018	Término das produções textuais e explicação de como deveria ser a entrevista com moradores locais, para dar subsídio à produção escrita

	final.
05/11/2018	Compartilhamento dos dados coletados com os moradores sobre problemas da cidade.
05/11/2018	Explicação de como fazer uma carta de reclamação. Destinatário, corpo da carta.
08/11/2018	Produção de uma Carta de Reclamação.
09/11/2018	Término e entrega das produções.

Fonte: A pesquisadora.

Organização da Unidade 2 – Trabalho

A Unidade 2 teve início no dia 19 de novembro, primeiro fizemos a leitura dos objetivos da unidade e em seguida a leitura da tira do cartunista Quino.

1. Objetivos da unidade: Discutir sobre a escolha profissional e a sua relação com o futuro. / Pensar nas possibilidades de trabalho no local onde vivem. / Reconhecer vozes dentro do texto. / Usar conectivos. / Ler e escrever artigos de opinião.

2. Discussão inicial a partir da leitura da tira de Quino sobre início da carreira profissional seguida das seguintes questões:



Fonte: Quino (2003, p. 374, tira 3).

Qual a importância do trabalho para você? / Que profissão gostaria de exercer ou escolheu para seu futuro? / Você já trabalha? Qual tipo de serviço exerce? / Você considera que o distrito em que vive oferta condições de crescimento profissional? / Em sua opinião, os conteúdos ensinados na escola contribuem para sua formação pessoal? O que deveria ser modificado? / Você se sente preparado para prestar concurso vestibular e Enem? / Você tem a intenção de cursar uma graduação? / Haveria algum impedimento de cursar uma graduação. Se sim, qual (ais)? / Quais são suas expectativas em relação ao futuro?

Fiz provocações para que eles fossem descrevendo as imagens e tentando entender o tema da tira. Demoraram para entender e tiveram dificuldade em responder as questões

levantadas. Fizemos a leitura das questões sobre a tira. No momento de correção, sempre que eles começavam a discutir/ argumentar alguma coisa, todo mundo falava ao mesmo tempo e acabavam levantando a voz. Finalizei a discussão e partimos para leitura e explicação sobre vozes sociais, alertando-os para se atentarem às vozes que, posteriormente, apareceriam nos textos da unidade.

3. Coletânea de textos de apoio para leitura com o objetivo de, além de discutir a temática, identificar quais são as vozes presentes neles e de qual perspectiva estão sendo enunciados. Finalizei a discussão e partimos para leitura e explicação sobre vozes sociais, alertando-os para se atentarem às vozes que, posteriormente, apareceriam nos textos da unidade.

Texto I - *Muito cedo para decidir* – Rubem Alves – o escritor aborda o tema da escolha da profissão e responde a uma estudante angustiada e dá aos pais motivos para meditar sobre o assunto (texto completo em Apêndice). O texto é seguido por um quadro com tipos de argumentos para reconhecerem quais estão presentes no texto lido e, exercícios de interpretação de múltipla escolha referentes ao tema do texto. Comentário do coro de vozes, da necessidade de incorporar as vozes dos outros para embasar os seus argumentos, implícita ou explicitamente. Os alunos ficaram em silêncio, respondendo as questões. Perguntaram algumas coisas referentes ao vocabulário. Só no final da aula que começam a trocar ideias sobre as respostas que deram.

Texto II - *A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país*. A reportagem relaciona o desemprego com a “falta de educação” e mostra alta de 5,9% no número de jovens, entre 15 e 29 anos de idade, que não estudam nem trabalham ou se qualificam.

Além de discutir o conteúdo do texto, no momento de interação, as alunas Camila, Isabeli e Nicolly problematizam em suas respostas, a necessidade de qualificação, como pode ser observado na transcrição a seguir:

Amanda: Vocês concordam com essa necessidade de qualificação?

Camila: Sim, até na usina pra você entrar precisa.

Nicolly- Antigamente para cortar cana não precisava ter estudo, hoje precisa ter o ensino médio. As coisas estão mudando, em questão de qualificação eles vão querer pessoas que saibam o suficiente e mais que o suficiente para estar fazendo aquilo.

Isabeli- É isso aí que o povo falou mesmo, hoje quem vai fazer ficha na usina sabe que se não tiver estudo, vai trabalhar na roça. Minhas primas foram fazer ficha o ano passado e já disseram para elas ‘você sabem que vai trabalhar na roça’, porque não tem o ensino médio, o segundo grau.

Amanda: E suas primas tem quantos anos?

Isabeli: Dezenove... as duas. Uma está no ceebja e a outra parou. Ela fez o segundo ano duas vezes... depois parou aí viu que não conseguia emprego, voltou para o ceebja mas acabou desistindo de novo.

Como percebido nos outros trechos, Camila está sempre se posicionando quando dirige perguntas para os alunos. É ela que traz a discussão para a esfera local, dando o exemplo da usina. Após a resposta dela, Nicolly completa que até em serviços mais pesados como o corte

da cana é necessário ter qualificação, por fim, Isabele confirma o que foi dito, citando o exemplo das primas que teriam de trabalhar “na roça” por não terem o ensino médio completo.

Texto III - Infográfico relacionando a menor escolaridade com maiores taxas de desemprego. Conduzo a leitura do infográfico a fim de orientar o olhar dos alunos para questões pontuais, fazendo-os observar as relações entre menor escolaridade e taxas de desemprego.

Texto IV - *Os desafios do início da carreira profissional* – André Prado – problematiza questões referentes ao como adquirir experiência profissional, serviço voluntário e estágio. Aqui os alunos comentam o quanto é difícil obter um primeiro emprego, pois, muitas vezes, as empresas preferem contratar alguém que tenha experiência.

Nessa aula apenas Camila, Isabeli e Nicolly estavam presentes. Camila ia lendo e parávamos, a cada parágrafo, para comentar as informações trazidas no texto. Discutimos sobre as dificuldades para conquistar uma vaga de emprego no início da carreira profissional. Quando lemos sobre a necessidade de experiência, surgiram os comentários:

Nicolly- Têm muitos lugares em XXX que só pega gente que já trabalhou, que estava registrado. Principalmente loja. Eles pedem que a pessoa tenha experiência. Só que como eles vão pegar gente nova, sendo que as pessoas novas estão vindo pra pegar experiência e eles não dão oportunidade?

Amanda: Entra na questão, não pega porque não tem experiência, mas se não pegar, nunca vai ter.

Camila: Muitas lojas falam “precisamos de meninas que já tem experiência”. Mas uma hora essas meninas vai acabar, alguém vai ter que pegar no lugar, não é?

Amanda: Daí entram os estagiários, geralmente ganhando menos... o estágio te dá experiência, mesmo que ganhando pouco. Se surgir alguma oportunidade desse tipo, façam, mesmo que não compense agora, mas você já vai criando uma carteira...

Nicolly: Eu comecei trabalhar desde meus onze anos, cuidando de criança... em lanchonete... tudo que aparecia ... eu não ganhava muito. Na lanchonete era cento e quarenta reais o fim de semana, mas já é bom você ter o dinheiro pra pagar suas coisinhas.

Camila: Já é bom pra não precisar pedir tudo pros pais.

Amanda: Tem que ser algo que não prejudique os estudos... mas cada coisa tem um tempo na vida... priorizem os estudos.

As alunas confirmam que localmente, também há essa necessidade de experiência profissional referida no texto, que acaba se tornando difícil para uma pessoa que nunca trabalhou conseguir a sua primeira vaga de emprego. Nicolly diz que faz alguns serviços como babá e atendente numa lanchonete, mas eu ressalto a importância dos estudos, que as atividades laborais não podem prejudicá-lo.

4. Na seção “Oportunidades de emprego em nossa região”, a temática dos textos de apoio e as discussões são trazidas para a esfera local, como pode ser visto nas discussões dos textos a seguir:

Texto V - *Cavaleiros da cana X mecanização* – O artigo de opinião problematiza que as formas de trabalho no campo estão sendo modificadas, com a proibição da queima da palha

da cana e a mecanização, houve alterações significativas na relação de trabalho entre homem e lavoura, o que gera impactos positivos para o meio ambiente, mas temidos por trabalhadores. Este artigo também foi retirado do material da Olimpíada de Língua Portuguesa, escolhi-o em detrimento de outros de circulação social, pois a temática discutida vai de encontro com a realidade dos alunos. Questões a respeito do artigo:

Qual a questão polêmica?⁶ / Qual acontecimento levou a autora a escrever este artigo? / Qual a posição dela a respeito da polêmica? / Que argumentos ela utiliza para justificar sua posição? / A autora propõe alguma alternativa ou uma solução para a polêmica? Se sim, qual?

No momento de leitura do artigo *Cavaleiros da cana X mecanização*, aproveitamos, também, para ver a parte estrutural e os argumentos, por meio da análise conjunta desse artigo. Fui explicando aos alunos a estruturação do artigo e os argumentos utilizados, fazendo marcações no texto. Os comentários sobre cada parágrafo estão compilados no quadro a seguir:

Quadro 5- Leitura analítica do artigo de opinião Cavaleiros da cana X mecanização

	Comentários
1º parágrafo	Mostra ao leitor aquilo que se está falando. Fala das características da cidade dela. Não há nenhuma opinião explícita expressa.
2º parágrafo	Apresenta o trabalhador rural, os cortadores de cana. Faz um juízo de valor (cavaleiros da cana), apresenta uma opinião, que o trabalho é difícil.
3º parágrafo	Começa a se posicionar. Defende os trabalhadores em detrimento à mecanização. Traz contrapontos: por um lado é bom, por outro não é.
4º parágrafo	O dado da Alcopar é um argumento de prova. Traz a voz de uma instituição nesse parágrafo, em defesa da mecanização, mostrando os lados positivos.
5º parágrafo	Problematiza a mecanização na realidade local, agora é ela que está falando.
6º parágrafo	Usa argumento contrário à mecanização: “as pessoas acreditam que”, pondo em relevo o pensamento dos trabalhadores que perderão seus empregos.
7º parágrafo	Utiliza novamente argumento que traz posicionamento pessoal, mas agora fala das pessoas que são a favor à mecanização.
8º parágrafo	Apresenta "na minha opinião" – característica de um artigo de opinião. Expôs a visão das duas partes e agora ela se posiciona claramente que é contrária à substituição de trabalhadores por máquinas.
9º parágrafo	Volta com uma outra voz – apresenta argumento de autoridade. Lança voz de um especialista, que vai contra as queimadas.

⁶ De acordo com o material da Olimpíada de Língua Portuguesa, uma questão polêmica gera confronto entre diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema. Capaz de motivar a escrita de um artigo de opinião, ela envolve, necessariamente, um assunto de interesse público, ou seja, uma demanda em que ao menos uma determinada comunidade esteja envolvida, e diferentes soluções ou respostas, cada uma das quais reunindo posições favoráveis e contrárias. Assim, trata-se de estabelecer – e sempre por meio do debate – qual delas deverá ser assumida pela comunidade afetada. (Caderno virtual disponível em:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/etapa/o-que-e-uma-questao-polemica/)

10º parágrafo	Parte para a conclusão, apresentando possíveis soluções: que os donos de usina abrissem mão de parte de seus lucros e dessem melhores condições de trabalho.
11º parágrafo	Conclui o texto, reafirmando a manutenção dos empregos para um sustento digno das famílias.

Fonte: A pesquisadora.

Chamo a atenção dos alunos para que percebam que esse texto tem várias vozes incorporadas: a da escritora, dos moradores, do especialista, da Associação de Produtores de Álcool e Açúcar do Estado do Paraná (Alcopar). O texto vai trazendo essas informações para defender um ponto de vista, sai dos argumentos de senso comum e faz os contrapontos com as vozes dos outros e voz dela, sempre marcando opinião.

Texto VI - *Colheita mecanizada de duas linhas apresenta vantagens*. Reportagem retirada de um jornal informativo distribuído pela própria usina, em que ressalta aspectos positivos da mecanização. Assim como nos outros textos, fizemos discussões, em que, fui instigando os alunos a refletirem o que estava escrito no texto que leram. Trago, a seguir, um trecho dessa discussão:

Amanda: Além da usina o que tem de emprego aqui?

Isabeli- Loja, mercado e lanchonete.

Amanda: E se a usina um dia falir, o que vai acontecer?

Diogo- Acabou o distrito.

Amanda: Não só o distrito, a Cidade também. Então a grande maioria das pessoas daqui dependem de qual renda?

Camila- Da usina.

Amanda: As formas de trabalho no campo estão sendo modificadas em que?

Edson- Tá vindo mais máquinas. E antigamente era mais pessoas.

Amanda: E o que ocorre com isso?

Camila- Desemprego.

Amanda: Por que não pode mais queimar a cana? Tem uma lei que foi implantada para parar as queimadas. O que a queima acarreta de prejuízos?

Camila- Efeito estufa.

Diogo- A fumaça, né, suja toda a cidade além de prejudicar a saúde... os animais acabam morrendo. O solo também. Professora, só de plantar a cana já estraga o solo.

Amanda: Sim, essa monocultura que a gente tem aqui, vocês acham que se for tentar plantar mais alguma coisa depois disso vai conseguir?

Diogo- Não vai, não nasce mais nada...

Amanda: Mas então parando de queimar, vai diminuir tudo isso. Só que qual é o lado negativo de colocar uma colheitadeira?

Diogo- Os empregos acabam.

Amanda: E o que eles fizeram com todo pessoal que estava cortando cana?

Diogo- Plantio. E o resto mandou embora.

Os alunos sabem dos prejuízos que a queima da cana acarreta para o meio ambiente. Camila chega a citar o “efeito estufa” como um exemplo disso. Diogo complementa com problemas locais mais facilmente identificáveis que afetam a população como a fumaça e relata o empobrecimento do solo devido à monocultura. Pelos comentários, podemos perceber, também, uma referência a discursos científicos expressos nas falas dos alunos. Essa discussão

foi incorporada nos artigos de opinião como argumentos de causa e consequência, que serão explorados na seção de análise de dados.

Texto VII - *Fazer curso técnico ou faculdade: o que vale a pena para o empreendedor?* explica as possibilidades de aperfeiçoamento profissional por meio de cursos técnicos que podem ser integrados, concomitantes ou subsequentes ao ensino médio e à faculdade.

Falamos sobre outras formas de especialização que não seja o curso superior, como por exemplo, os cursos técnicos. Expliquei aos alunos suas diversas modalidades, sua duração, Disse a eles que antigamente aqui tinha o curso de Contabilidade e o de Magistério e que hoje há na cidade um curso técnico em Administração ofertado na colégio estadual da cidade. Há também seis faculdades que ofertam cursos de graduação a distância, sendo também uma opção para quem quiser seguir os estudos.

5. A seção seguinte “Pensando a estrutura do artigo de opinião” foi incluída em termos de proporcionar discussões a respeito de aspectos composicionais e estruturais do artigo de opinião.

Texto VIII - *A cidade de campina da mata*. Após a leitura do artigo é apresentando um quadro, contendo questões para poder analisar e refletir a respeito de cada parte do artigo, pensando em melhorias na sua escrita. Fizemos uma leitura geral e depois voltamos a cada parágrafo para observar alguns aspectos que apresentavam problemas, como de coesão e coerência e no uso de argumentos.

6. A última atividade da unidade 2 consistiu em debater e responder de forma oral e escrita as seguintes questões:

Como um jovem pode se preparar para entrar no mercado de trabalho? Que qualidade e competências ele deve ter? / Qual a situação do jovem do distrito que sai em busca do primeiro emprego? Quais oportunidades encontram? / Faça um parágrafo relatando quais as conclusões que tiveram após a conversa.

7. Proposta de produção do Artigo de Opinião: “A dura escolha da profissão e a necessidade de qualificação profissional para os jovens que precisam adentrar no mercado de trabalho”. A proposta será explorada de forma mais consistente no próximo capítulo.

Trago a síntese dos conteúdos ministrados e encaminhamentos desenvolvidos durante a segunda unidade do PL, no quadro a seguir:

Quadro 6- Conteúdos ministrados na unidade 2

Unidade 2: Trabalho	
Data da aula	Conteúdo ministrado

19/11/2018	Explicação dos objetivos e leitura e interpretação de uma tira de Quino.
19/11/2018	Leitura e discussão do texto 1 - "Muito cedo para decidir" de Rubem Alves.
22/11/2018	Explicação sobre os tipos de argumentos questões temáticas e linguísticas sobre o texto.
23/ 11/2018	Correção das questões.
26/11/2018	Leitura do texto 2 - "A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país" e do Texto 3 - infográfico mostrando que quanto menor a escolaridade, maior o desemprego.
26/11/2018	Leitura e discussão do texto "Os desafios do início da carreira profissional.
29/11/2018	Leitura de um artigo de opinião intitulado "Cavaleiros da cana <i>versus</i> mecanização". Releitura, observando as partes que constituem o artigo.
30/11/2018	Término da especificação das partes que compõem o artigo lido na aula anterior e discussão referente ao impacto da queima de cana na usina da região.
03/12/2018	Leitura de um trecho de um jornal informativo da usina falando sobre a implantação das máquinas na colheita e do texto: "Fazer um curso técnico ou faculdade: o que vala a pena para o empreendedor?"
03/12/2018	Leitura do artigo de opinião: "A cidade de Campina da Mata". Reescrita do artigo pensando em mudanças que atendam ao gênero proposto.
06/12/2018	Explicação sobre os conectivos no texto argumentativo.
07/12/2018	Escrita do artigo de opinião.
10/12/2018	Escrita do artigo de opinião.
10/12/2018	Entrega e comentário das produções textuais.

Fonte: A pesquisadora.

Em síntese, nessa seção, discorri a respeito das atividades, discussões e como foi realizado o desenvolvimento do PL em sala de aula. Na seção 3.3, elaboro uma análise a partir das produções escritas da Carta de Reclamação e do Artigo de Opinião propostos ao final das unidades 1 e 2, respectivamente.

3.3 Monitorando e DESCRREVENDO os efeitos da ação: Análise das produções

Como justifiquei anteriormente, optei por não analisar os textos resultantes da primeira proposta de produção da Unidade 1 e, dessa forma, o *corpus* da análise é constituído por 20 textos (2 textos escritos de cada aluno), sendo eles compostos pelos gêneros: Carta de Reclamação e Artigo de Opinião.

Analisei as produções, observando primeiramente sua estrutura composicional e quanto ela responde à interlocução estabelecida entre mim e os discentes, depois descrevo os tipos de argumento seguindo o quadro descrito no capítulo metodológico desta dissertação, observando as vozes sociais presentes no discurso dos alunos e a qual(is) interlocutor(res) eles se dirigem. As propostas de escrita 1 e 2 serão analisadas separadamente. Trago o recorte da proposta, a transcrição de minha explicação e, em seguida, a análise dos resultados da ação proposta.

3.3.1 Análise da Carta de Reclamação

Após o término da discussão da Unidade 1, foi solicitado que os alunos fizessem uma pesquisa com os moradores do distrito, perguntando-lhes quais os principais problemas do lugar. Os dados foram sistematizados para serem utilizados na escrita de uma Carta de Reclamação, tendo como interlocutor presumido o prefeito da cidade. Dividirei a análise dos textos, iniciando pelo reconhecimento da estrutura composicional e depois as recorrências de tipos de argumentos encontrados nas análises individuais.

As características mais comuns na estrutura composicional do gênero carta, apontadas em diversos manuais de redação, são: local e data, vocativo, objetivo da carta, desenvolvimento, despedida e/ou desfecho, assinatura. A presença do vocativo assinala, na carta, a sua característica discursiva essencial, que é a presença marcada de um interlocutor.

O gênero carta possui um estilo próprio que ainda é determinado pela presença dessa relação discursiva entre locutor e interlocutor. E as outras características são decorrentes dessa relação, como a escolha no tratamento (formal, informal), a presença de determinadas informações relacionadas, por exemplo, à presença ou não do endereço no corpo da carta, telefone, entre outros. Os fatores de condições de produção serão norteados pela função discursiva e pelo interlocutor, nesse caso, eu como interlocutora real e superior e o prefeito como interlocutor presumido, a quem os alunos querem influenciar com sua argumentação.

Proposta de Produção da Carta de Reclamação: Agora que já reconhecemos um pouco da história da nossa cidade, ouvindo nossos pais e avós, lendo textos de circulação local e que foram publicados em outra época, lendo poemas sobre nossa cidade, bem como assistindo um vídeo de circulação nacional, identificamos também problemas locais. Com base nesses reconhecimentos, escreva uma CARTA DE RECLAMAÇÃO, destinada ao prefeito da cidade, mostrando pontos de insatisfação dos moradores e/ou problemas do distrito e pedindo que providências sejam tomadas, a fim de solucionar os problemas e melhorar o bem-estar das

famílias. Você pode também apontar soluções a partir de situações semelhantes em outras cidades.

Na sequência, a transcrição do modo como apresentei esse comando de produção:

Pensando em tudo isso, agora a gente vai iniciar a escrita da carta de reclamação. Então na segunda-feira eu expliquei para vocês que a carta de reclamação, assim como todas as cartas... ela tem que ter um destinatário, você tem que pensar na pessoa para quem você vai mandar, no momento em que a gente pensa isso, a gente tenta adequar também a nossa linguagem, então como aí a proposta é escrever para o prefeito, na hora do vocativo você não vai colocar "e aí beleza?" porque você tem que adequar a linguagem, o tratamento de acordo com a pessoa que você vai mandar... como é o prefeito temos que tratar de uma maneira respeitosa. Então vocês vão colocar local e data, o vocativo, no caso então o destinatário e a partir daí vocês vão sistematizar isso que nós fizemos agora, colocando quais são os problemas enfrentados, quais poderiam ser as possíveis soluções, como que vocês vão argumentar para que ele leia e veja que realmente tem problema e talvez faça alguma coisa para melhorar em algum dos pontos. Então vocês podem usar isso aqui (dados pesquisados), se quiser falar sobre todos, se quiser pegar alguns que acham mais importantes, mais fácil de ser atendido. Vocês vão observar e tentar montar o texto de vocês, direcionado a ele. Questões? Se vocês conhecerem exemplos de cidades que são pequenas também, mas que não tem os mesmos problemas que a gente tem aqui, a gente pode colocar esses exemplos. Dá também para a hora que vocês forem pesquisar, dar uma pesquisada nisso: cidades pequenas que são exemplo de desenvolvimento. O que foi feito nessas cidades? Para possíveis soluções também. Não adianta só reclamar, temos que tentar colocar possíveis soluções que sejam viáveis, que dê pra fazer realmente, e para colocarmos nessa carta. Todos entenderam? Alguma dúvida? Nossa argumentação vai entrar aqui no corpo da carta, o que vamos utilizar para convencer o nosso destinatário a resolver pelo menos algum desses problemas que estão sendo apontados.

É preciso salientar que o comando da questão determina o interlocutor presumido da carta (o prefeito), consequentemente o nível de formalidade a ser impresso na carta, uma vez que se trata de uma interação entre duas pessoas que não se conhecem e o prefeito ser uma autoridade no município. Além disso, o interlocutor deve ser tratado com a formalidade e o respeito que o cargo exige.

Trago, também, a transcrição de como esses comandos reverberaram entre os alunos antes de começarem efetivamente a escrita:

Camila: Posso colocar os principais [argumentos] que eu vou usar no texto?

Amanda: Pode... Mas se quiser já ir escrevendo fica melhor. Imagine que realmente vocês estão mandando para ele. Se identifiquem como estudantes.

Camila: Professora, mas se for mandar uma carta para o prefeito, acho que falta de emprego não tem como ele resolver. Ele não tem como sair nas lojas entregando currículo de todo mundo, né professora?

Amanda: Mas... e dar subsídios para abrir novas empresas?

Diogo: Ô professora, eu vou colocar só três problemas: falta de banco, lotérica e cartório.

Amanda: Nossa os principais problemas do distrito... (ironia)

Diogo: Incentivo ao esporte... não precisa!

Amanda: Não precisa de segurança, de saúde, rede de esgoto?

Diogo: Vai ter que colocar tudo isso aqui, professora?

Amanda: Esse aí é pra você saber quais são e as pessoas que falaram isso... foi a recorrência dos assuntos mais abordados.

Diogo: Tá bom, professora, já entendi!

Camila: Como eu me direciono a ele? Senhor prefeito?

Amanda: Excelentíssimo senhor prefeito.

Camila: Ah professora, sério que é excelentíssimo?

Camila: Primeiro tem que colocar onde mora?

Amanda: Isso, local e data.

Camila: Depois excelentíssimo?

Amanda: Sim, depois o vocativo.

Camila: Tem que pôr a data de hoje?

Amanda: Sim, pode ser.

Observa-se pelos questionamentos que os alunos têm dúvidas em relação ao gênero e ao tema que abordarão e procuram entender melhor como colocar os elementos que estruturam uma carta de reclamação ao prefeito da cidade. Camila, em seu primeiro comentário, mostra que tem ainda uma visão tangencial dos problemas, sem tocar ou reconhecer a questão social do problema. Conforme eles vão perguntando, tento trazer para o centro problemas levantados nas entrevistas. Diogo resiste, no sentido de não querer abordar todos os temas na carta, eu insisto mais uma vez e ele finaliza sua participação com *“tá bom, professora, já entendi”*. Camila tem dúvidas em relação a como se direciona ao seu interlocutor *“Como eu me direciono a ele? Senhor prefeito?”* e acha estranho ter de usar o vocativo excelentíssimo. Os alunos iniciam a escrita, vão trocando informações entre si e lendo uns para os outros. Adiante, é possível perceber que essa interlocução inicial aparecerá refletida na escrita dos alunos. Em relação à estrutura da carta de reclamação explicada nas aulas, podemos encontrar as seguintes recorrências nos textos:

Quadro 7- Estrutura da carta de reclamação

Aluno	Cabeçalho	Vocativo	Corpo da carta
Isabeli	X	X	X
Camila	X	X	X
Nicolly	X	X	X
Diogo		X	X
Kimberly	X	X	X
Eduardo	X	X	X
Edson	X	X	X
Marcos	X	X	X
Fred	X	X	X
Brenda	X	X	X

Fonte: A pesquisadora.

Todos os alunos, com exceção de Diogo que não fez o cabeçalho da carta, apresentaram todos os elementos da estrutura requisitada na explicação da proposta de produção: *“Então vocês vão colocar local e data, o vocativo, no caso então o destinatário e a partir daí vocês vão sistematizar isso que nós fizemos agora, colocando quais são os problemas enfrentados, quais poderiam ser as possíveis soluções, como que vocês vão argumentar para que ele leia e veja que realmente tem problema e talvez faça alguma coisa para melhorar em algum dos pontos.”* Além desses elementos, pedi para que colocassem, posteriormente, uma despedida ao final da carta, sete alunos realizaram a tarefa. Pelos dados apresentados é possível observar que eles não tiveram problemas com a estrutura composicional do gênero carta.

Depois de olhar para aspectos da macroestrutura das cartas de reclamação, a análise a seguir foi realizada no sentido de reconhecer inicialmente tipos de argumentos, para, a partir deles analisar como os alunos negociam com vozes sociais lidas e discutidas no PL. Busquei os argumentos nas cartas, seguindo as tipologias compiladas no Quadro 2. Os números expressos no quadro a seguir revelam a quantidade de cada um dos tipos de argumento encontrados nas 10 cartas analisadas, desta forma:

Quadro 8- Tipos de argumento encontrados nas cartas de reclamação

Tipo de Argumento	Quantidade encontrada nos textos
Autoridade	0
Comparação	0
Exemplificação	3
Princípio	0
Prova	1
Raciocínio lógico (causa e consequência)	15
Senso Comum	8
	TOTAL: 27

Fonte: A pesquisadora.

Pelos dados expostos nesse quadro, podemos observar que há predominância, segundo tipologia apresentada, dos argumentos de causa e consequência (15), seguido por argumentos do senso comum (8) e por argumentos de exemplificação (3). Os alunos exemplificam os problemas, indicam sua causa e trazem a sua opinião, como uma conclusão da carta.

Como uma proposta de agrupar esse tipo de argumento, trago a seguir em um Quadro como apareceram nos textos:

Quadro 9- Argumentos de causa e consequência

Aluno(a)	Causa	Consequência da causa
Brenda	Uso da fossa	causa mal estar a nossa saúde e trás muita barrata.
Brenda	Falta de banco	ter que se deslocar até a cidade para realizar saques, pagamentos.
Camila	E os buracos nas ruas que tapam mais com a primeira chuva parece que o buraco almenta	não tem condições de sair com o carro ou outro meio de transporte sem que não fique desviando dos buracos.
Diogo	Falta de banco	sair do distrito para ir até a cidade, para utilizar serviços bancários.
Diogo	Falta de rede de esgoto;	odor e muitos bichos que acabam saindo das fossas.

Edson	Buracos	que pode levar uma pessoa idosa tropeçar no buraco e cair.
Edson	Falta de rede de esgoto	água está voltando para as casas.
Eduardo	Buracos	tem ruas que nem para passar com o carro dá.
Eduardo	Poucas vezes passam viaturas na cidade	falta de segurança
Isabeli	Muitos moradores falaram que ruas da cidade estão muito esboracadas	e com isso fica difícil de se trafegar, os moradores podem se machucar.
Kimberly	Pouco policiamento	a segurança é bem fraca.
Kimberly	Asfaltos ruins	dificuldades de locomoção.
Marcos	Falta de rede de esgoto	prejudica a saúde
Marcos	Buracos	prejudica a vida útil dos carros
Nicolly	Muitos buracos por toda a cidade	há um risco de ocorrer acidentes, assim como já ocorre, não só com veículos, mas com as pessoas principalmente com os idosos.”

Fonte: A pesquisadora.

Os alunos Camila, Isabeli, Nicolly, Eduardo e Edson expõe o problema dos buracos na cidade como um argumento de causa, porém cada um deles aborda as consequências sob aspectos diferentes.

Camila por exemplo, está preocupada com a dificuldade de locomoção e a possibilidade de algum dos moradores se machucar. Na sequência de seu texto, fica pressuposto também, que a qualidade dos serviços prestados pela prefeitura são ineficientes “E os buracos nas ruas que tapam mais com a primeira chuva parece que o buraco aumenta,”, como consequência “não tem condições de sair com o carro ou outro meio de transporte sem que não fique desviando dos buracos”.

Kimberly também fala de problemas de locomoção, além disso, lembra das pessoas que utilizam cadeira de rodas, que têm ainda mais dificuldades de locomoção devido aos buracos nos asfaltos.

Em relação ao mesmo problema, a aluna Nicolly utiliza como consequência “há um risco de ocorrer acidentes”. Eduardo e Edson utilizam o mesmo recurso argumentativo para falar sobre os buracos, trazendo, porém, consequências distintas: Eduardo comenta a preocupação com os idosos, já Marcos relata que isso prejudica os automóveis.

Diogo pontua, além dos problemas que ele mencionou anteriormente, aqueles elencados pelos moradores nas entrevistas, fazendo uma enumeração separada por vírgula: “falta de banco, lotérica, cartório, rede de esgoto, falta de emprego, segurança, saúde e lazer”, e recorre a argumentos de causa e consequência, para explicitar os problemas. Causa: falta de banco; consequência: sair do distrito para ir para a cidade, para utilizar serviços bancários. Causa: falta de rede de esgoto; consequência: odor e muitos bichos que acabam saindo das fossas, além disso, buracos geram incômodo aos moradores, mas não traz nenhum esclarecimento sobre o problema. Retomo a fala de Diogo “*Ô professora, eu vou colocar só três problemas, falta de banco, lotérica e cartório*”, portanto ele segue a ideia inicial e a enumeração aparece apenas para cumprir o que sugeri no momento da explicação.

Marcos e Brenda retratam a falta de rede de esgoto, colocando sua maior consequência como sendo prejudicial à saúde e Brenda comenta também, que, as fossas trazem muitas baratas e, por isso, solicita a rede de esgoto; a falta de banco resulta em ter que se deslocar até a cidade para realizar saques, pagamentos.

Conforme Fiorin (2017), no argumento de causa e consequência, a tese ou conclusão é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência dos dados. O conceito de causa e consequência para a argumentação visa apresentar, por meio de exemplos, quais os motivos que geram um problema que é discutido.

O recurso utilizado pelos alunos foi transformar os problemas relatados pelos moradores em argumentos de causa e agregar a eles uma consequência, a fim de mostrar as dificuldades enfrentadas no distrito e convencer o interlocutor, no caso o prefeito como interlocutor presumido, a melhorar a qualidade de vida e trazer soluções para os problemas apontados.

Podemos observar que em sete textos, os buracos foram apresentados como argumento de causa e consequências. Isso ocorreu porque este é o problema talvez mais visível e que afeta e incomoda a população, considerando as consequências citadas pelos alunos. Depois disso, vem a falta de rede de esgoto “as fossas trazem mau odor, entopem, trazem insetos e até mesmo a volta de água para dentro das casas”. Por fim, em 2 textos, foram citadas a falta de banco e de segurança, referente ao primeiro, “a população já se acostumou a ter que se locomover até a cidade para fazer a maioria das coisas”, e quanto à segurança, “mesmo que não haja policiamento suficiente, ainda é um distrito muito calmo, por isso não muito citada essa questão”.

A segunda maior recorrência de tipos de argumento foram os argumentos de senso comum, que podem ser observados no quadro a seguir:

Quadro 10- Argumentos do senso comum

Aluno	Tema	Argumento
Isabeli	Segurança	maior policiamento.
Kimberly	Segurança	maior policiamento.
Camila	Buracos	revisão do recapeamento asfáltico periodicamente.
Nicolly	Falta de saneamento básico	por ser uma “obrigação” e algo necessário para todos nós moradores.
Kimberly	Segurança	pois tem pouco policiamento, e o pouco que tem não faz a ronda diariamente.
Eduardo	Segurança	eles reclamaram que poucas vezes passam viaturas na cidade.
Eduardo	Segurança	uma delas é colocar mais viaturas em nossa cidade.
Eduardo	Saúde	colocar, médicos e atendentes melhores, para atender os cidadãos bens, com competência e com respeito.

Fonte: A pesquisadora.

Os argumentos reconhecidos como de senso comum aparecem nas conclusões dos textos e em alguma medida também poderiam ser vistos como sendo uma consequência, ou seja, a cidade tem problemas e essas seriam possibilidades de resolução desses problemas, como podemos visualizar nos textos de Eduardo e Camila. Eduardo utiliza argumentos locais em relação à sua proposta para melhorar a segurança “uma delas é colocar mais viaturas em nossa cidade”; e, para a saúde, “colocar, médicos e atendentes melhores, para atender os cidadãos bens, com competência e com respeito”. Camila também segue a mesma linha argumentativa e solicita que se tomem providências “o mais breve possível” e finaliza a carta com sugestões de possíveis soluções, utilizando argumentos como o aumento de policiamento e a revisão do recapeamento asfáltico periodicamente.

O argumento do senso comum é aquele que invoca princípio genérico, indiscutível, conhecido por toda a sociedade, como por exemplo, o aumento de policiamento seria a solução para a segurança. Entretanto, de uma perspectiva de letramentos e pelos dados analisados até aqui, é possível perceber tratar-se de reivindicações locais, ou seja, problema X exige resolução Y.

Como terceiro tipo de argumento mais recorrente na Carta apareceu o argumento de exemplo, como mostra o Quadro 10 a seguir.

Quadro 11- Argumentos de exemplificação

Aluno	Argumento de exemplo
Camila	pois um dos entrevistados foi ao posto com pressão baixa e chegando lá pediram para o mesmo voltar uma outra hora como se não fosse nada grave.
Eduardo	um dos entrevistados falou que foi medir a pressão, e a atendente falou, para voltar depois.
Marcos	a polícia passa no máximo 2 vezes na semana parece que só estão preocupado com veículo.

Fonte: A pesquisadora.

Camila argumenta que o posto de saúde precisa ter mais remédios e melhor atendimento e, para comprovar essa afirmação, utiliza um argumento de exemplificação: “pois um dos entrevistados foi ao posto com pressão baixa e chegando lá pediram para o mesmo voltar uma outra hora como se não fosse nada grave”. De igual forma, Eduardo, para relatar os problemas com a saúde, reclama da falta de médico e do mau atendimento, utilizando um argumento de exemplificação: “um dos entrevistados falou que foi medir a pressão, e a atendente falou, para voltar depois”, na sequência, o aluno expõe seu julgamento sobre o assunto “quem tem pressão alta tem que ser atendido na hora.” É possível verificar que nesses trechos os alunos incorporaram uma fala pronunciada durante o momento em que estávamos discutindo e fazendo o levantamento, na aula, dos problemas apontados pelos moradores. Por isso a importância de deixar também, que os alunos troquem informações em sala de aula.

Os argumentos de exemplificação consistem no relato de um pequeno fato que pode ser real ou fictício. Esse recurso argumentativo é amplamente usado quando a tese defendida é muito teórica e carece de esclarecimentos com mais dados concretos. Não é o caso do texto dos alunos, pois sua utilização é feita para incluir a voz dos moradores que foram entrevistados, criando assim um coro de vozes que sustenta as reivindicações que estão sendo feitas, como forma de convencer o interlocutor a resolver os problemas apresentados pela comunidade. Alunos posicionam-se como porta-vozes da comunidade, negociando com as vozes das entrevistas realizadas. Alguns alunos utilizam um tom de cobrança, outros de apelo emocional, em um diálogo com o interlocutor presumido, solicitando melhoras para o distrito.

Por fim, trago o quadro com o único argumento de prova encontrado nos dez textos:

Quadro 12- Argumentos de prova

Aluno	Argumento de prova
Nicolly	no dia 29/06/ 2017 teve um envio de viaturas para a cidade, utiliza a conjunção adversativa “porém” argumenta que as viaturas só aparecem por lá quando há algum roubo.

Fonte: A pesquisadora.

Nicolly é a aluna que traz um argumento de prova. Para abordar o tema da falta de segurança, utiliza um argumento retirado de uma notícia veiculada no site da prefeitura, no dia em que os levei até o laboratório de informática para pesquisarem dados na internet. Essa foi a única aluna que traz um dado dessa pesquisa que realizaram.

Uma análise dos tipos de argumentos mostra assim, por um lado, que há uma ausência de diferentes tipos de argumentos, de argumentos de autoridade, por exemplo, mesmo eles tendo realizado pesquisa e investigação em diferentes fontes, como mostrado na análise da seção anterior deste Capítulo, as quais poderiam resultar em argumentos importantes para a sustentação das reivindicações que estavam sendo feitas. Dos tipos de argumento elencados no Quadro 2, não foram utilizados pelos alunos argumentos de autoridade e de comparação. A autoridade, nesse caso, talvez tenha sido considerada pelos alunos a voz deles e a dos próprios moradores, que vivem no dia-a-dia as dificuldades mencionadas nas entrevistas.

O argumento de comparação poderia ter sido construído, a partir de um dos momentos em que falo na explicação: *“Se vocês conhecerem exemplos de cidades que são pequenas também mas que não tem os mesmos problemas que a gente tem aqui, a gente pode colocar esses exemplos. Dá também para a hora que vocês forem pesquisar, dar uma pesquisada nisso. cidades pequenas que são exemplo de desenvolvimento. O que foi feito nessas cidades? para possíveis soluções também. não adianta só reclamar, temos que tentar colocar possíveis soluções que sejam viáveis, que dê pra fazer realmente para colocarmos nessa carta.* Os alunos poderiam ter comparado com outras cidades, porém, essa fala não teve efeito na escrita da Carta.

Por outro lado, os dados mostram que os alunos trouxeram para seus textos problemas identificados por eles e os trazidos pelos moradores da cidade. Os alunos conseguiram trazer a sua realidade para a Carta, as vozes sociais dos moradores em um movimento de desterritorialização de saberes, posicionando-os como autoridades no reconhecimento de problemas e se posicionando como autoridade capaz de sugerir soluções para os problemas, uma das características de um projeto de letramento. Além disso, desenvolveram suas Cartas de Reclamação de acordo com a proposta esperada, apresentando-a na macroestrutura textual de uma carta.

Em relação à interlocução, os alunos também marcam o interlocutor presumido no corpo da carta. A primeira forma de identificação do interlocutor foi feita por meio do vocativo. Houve a presença do vocativo “Excelentíssimo” em (7) e “Senhor prefeito” em três textos. O uso dessas duas formas foi influenciado por exemplos utilizados por mim em sala de aula e traduzem um tratamento respeitoso e formal para com o interlocutor, o qual foi questionado de certa forma por Camila quando iniciaram a escrita da Carta.

O gênero carta requer que o interlocutor, marcado inicialmente pelo vocativo, seja o interlocutor com quem o locutor vai dialogar, mesmo que a distância, no decorrer do texto. Espera-se que esse interlocutor seja interpelado no decorrer da carta por meio de marcas linguístico-discursivas as mais diversas.

Isabeli, antes de expor os problemas citados, dirige-se ao interlocutor presumido em um tom de cobrança, “**gostaríamos de saber** das possíveis obras que foram iniciadas e até então não finalizadas”. Essa aproximação, em forma de questionamento, chama-o a responder aos questionamentos que estão sendo feitos na carta.

Nicolly, por sua vez, posiciona-se como porta-voz dos moradores do distrito: “estou aqui escrevendo essa carta, para fazer o relato de algumas reclamações feitas pelos moradores do distrito”. O tom valorativo utilizado na carta é o de cobrança por melhorias e responsabilização do prefeito pelas obras que não estão sendo feitas: “**o Senhor** e sua equipe fazem a reforma, no período de eleição, e depois que passa esse período vem o desleixo”. Em relação à falta de saneamento básico, dirige-se ao prefeito de uma forma crítica: “se for para começar uma obra e não terminar, **nem comece**, pois obras dessa maneira tem de haver começo e fim, por ser uma “obrigação” e algo necessário para todos nós moradores.” O discurso, nesse caso, é quase levado ao nível da oralidade, onde a aluna externa todo seu descontentamento em relação às obras inacabadas no distrito. Mesmo referindo-se ao prefeito como “senhor”, acaba trazendo um discurso menos formal, quando assume essa posição de defensora dos direitos dos moradores.

Já o aluno Diogo, quebra a formalidade quando se dirige ao interlocutor como você “estamos escrevendo essa reclamação para **você**” e, em seguida, tenta convencer, utilizando um apelo ao dirigir-se ao interlocutor: “**que o senhor** olhe com mais carinho para o nosso distrito”. A alternância entre o tratamento mais ou menos formal mostra que o aluno oscila, mas que no momento da cobrança recoloca o interlocutor em sua posição formal de alguém que responde pelo município.

Kimberly apresenta-se como moradora e aluna do colégio, para trazer maior credibilidade e validar a sua voz, como vinda de alguém constituída e com direitos de questionar

e exigir do interlocutor prefeito mudanças. Ela cita também que foram feitas pesquisas e discussões a respeito do tema, o que confere caráter científico e respalda dando maior força argumentativa. Nos trechos: “gostaríamos de saber a respeito do saneamento básico”, “queremos saber o motivo dessas obras terem parado” e “esperamos que possa analisar cada problema, e assim apresentando uma possível solução”, a aluna utiliza a verbos na primeira pessoa do plural, para reforçar o coro de vozes (moradores) da qual é representante e, assim como Isabeli, chama-o a responder aos questionamentos e atender aos pedidos da população.

Eduardo dirige-se cinco vezes ao interlocutor presumido no corpo da carta, chamando-o de senhor. A primeira referência se dá quando, no início da carta expõe problemas citados pelos moradores “que queriam que **o senhor** desse um jeito para resolver esses problemas”. Quando fala da falta de segurança, utiliza um recurso de apelo emocional ao interlocutor: “e **o senhor** sabe como, é bom se sentir seguro”.

No fim da carta faz nova referência ao interlocutor “Certamente **o senhor** vai saber o que fazer”, o advérbio “certamente” confere confiança em relação às atitudes que serão tomadas pelo interlocutor, e a conjunção adversativa “mas” introduz um argumento de força contrária: “mas vou falar algumas coisas que **o senhor** pode tentar mudar”. Trata-se de uma estratégia utilizada pelo aluno, com a qual ele não tira a autoridade do interlocutor e, ao mesmo tempo, ele apresenta propostas de solução para os problemas apontados, como por exemplo, na última interpelação “**o senhor** também poderia, colocar, médicos e atendentes melhores”.

Brenda inicia a carta comentando que falará sobre alguns problemas do distrito e recorre a um apelo emotivo “peço que depois de ler **o senhor** pense com carinho na situação que vivemos”. O tom valorativo que usa para interpelar o interlocutor muda no decorrer da carta que é finalizada em um tom de cobrança: “**Senhor Prefeito** peço que honre com o seu cargo pois foi o povo que te elegeu para melhorar nosso Distrito” o modo incisivo como expõe sua argumentação final difere do que estava sendo utilizado no restante da carta.

Camila, quando vai explicar o propósito de escrita no início da carta “pois entrevistamos algumas pessoas e queria **lhe** informar”, marca do interlocutor prefeito e demonstra uma tentativa de manter esse diálogo desde o início do texto. Além disso, reveste sua voz com as vozes dos entrevistados. Essa estratégia permite uma maior aproximação com o segundo destinatário, e funciona como estratégia argumentativa, uma vez que, criando aproximação, sem, no entanto, ferir a formalidade que o gênero e a situação requerem, o locutor apresenta-se mais persuasivo, aproximando-se do seu interlocutor. No final, após expor os problemas, mesmo que implicitamente, cobra melhorias ao interlocutor. “espero que mude essa situação o mais breve possível”.

Edson inicia sua carta com o vocativo Senhor prefeito e, em seguida, repete-o no corpo da carta. Depois de expor de maneira muito breve os problemas apresentados no distrito, dirige-se novamente ao interlocutor presumido, o prefeito, mas dessa vez utiliza o pronome você “eu espero que você resolva todos esses problemas que estão tendo no distrito”. Assim como Diogo, há uma oscilação de tratamento, uma vez que inicia formalmente e termina de uma forma bastante informal.

Os dados revelaram-nos os que o interlocutor presumido está marcado, nas cartas, predominantemente, de duas formas: 1) pelo vocativo; 2) por pronomes no corpo da carta. A presença das marcas linguísticas utilizadas pelos alunos para se referirem ao interlocutor, ao longo da carta, mostra que eles conseguiram lidar com essa perspectiva de gênero discursivo, pois, além de construir argumentos e incorporar as vozes sociais, como foi analisado anteriormente, ainda construíram essas relações dialógicas com o interlocutor presumido, no caso o prefeito.

Com relação ao interlocutor real e superior, eles respondem a mim, que estou presente no processo dialógico e buscam dar conta das indicações do comando. Preocupam-se em mostrar o que escreveram, em busca de correções e adequações de suas cartas tanto ao comando de produção, quanto às minhas expectativas enquanto leitora e avaliadora. Quando os alunos vão terminando de escrever, chamo-os individualmente para que façam a leitura e posteriormente faço comentários, sugestões e algumas perguntas, que alguns incorporam nos textos, outros não.

3.3.2 Análise dos Artigos de Opinião

A proposta de escrita dos Artigos de Opinião surgiu após o trabalho com a Unidade 2 do PL, na unidade que trata dos temas mercado de trabalho e futuro. Os objetivos com a unidade foram: discutir sobre a escolha profissional e sua relação com o futuro; pensar nas possibilidades de trabalho local onde vivem; reconhecer vozes dentro do texto; usar conectivos; ler e escrever artigos de opinião.

Nesta subseção, explicitarei os pontos de interação e responsividade encontrados nos textos dos alunos em relação aos textos de apoio lidos e discutidos na unidade, bem como às discussões realizadas em sala e, por fim, um discurso recorrente a respeito das condições econômicas, enraizado na comunidade.

Proposta de produção do Artigo de Opinião: Em função da leitura dos textos motivadores e dos conhecimentos, posicionamentos ou vozes sociais reconhecidas sobre o tema ao longo das aulas, como a voz do mercado, da economia, escreva um artigo de opinião sobre “A dura escolha da profissão e a necessidade de qualificação profissional para os jovens que precisam adentrar no mercado de trabalho”. Leve em conta a sua realidade de jovem que está em fase de se inserir no mercado de trabalho e a realidade de sua cidade, as vagas de emprego ofertadas, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Esse comando foi apresentado por mim da seguinte forma:

A gente leu alguns textos sobre isso, vocês têm um conhecimento sobre... façam mais alguma pesquisa em casa para responder: “A dura escolha da profissão e a necessidade de qualificação profissional para os jovens que precisam adentrar no mercado de trabalho”. Pensem, aqui no contexto que a gente vive, o que eu preciso para ter um emprego? Qual o emprego que é disponível? O que eu tenho que fazer para me qualificar, eu consigo fazer isso aqui? Eu tenho que sair pra fora para ter isso? É só aqui na nossa região que está difícil ou aqui ainda tem muito emprego e outros lugares não têm? Vocês podem fazer pesquisas nesse sentido, para incorporar essas vozes nos textos de vocês... apresentando proposta de intervenção.

Para a produção textual desse texto - Artigo de Opinião - foi apresentado um volume maior de material prévio para leitura e discussão. Houve uma predominância de argumentos de senso comum, como mostra o Quadro 13 a seguir.

Quadro 13- Tipos de argumentos encontrados no artigo de opinião

Tipo de Argumento	Quantidade encontrada nos textos
Autoridade	0
Comparação	0
Exemplificação	2
Princípio	0
Prova	2
Raciocínio lógico (causa e consequência)	0
Senso Comum	19
	TOTAL: 23

Fonte: A pesquisadora.

Não apareceram em suas produções nem argumentos de prova nem de autoridade, mas argumentos do senso comum, os quais serão listados nos quadros a seguir, separados por temas. Isso pode ter ocorrido porque os alunos seguiram o comando para essa produção que os orientou da seguinte forma: "Leve em conta a sua realidade de jovem que está em fase de se inserir no mercado de trabalho e a realidade de sua cidade, as vagas de emprego ofertadas, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos".

No quadro a seguir, os argumentos relacionados à necessidade de qualificação profissional, nos quais fica evidente que alguns alunos, no caso Camila e Marcos, se marcam como parte do grupo que reivindica, por exemplo, usando a primeira pessoa do plural, e outros não, falam de jovens de um modo geral, usando terceira pessoa, mas são argumentos ou afirmações mais generalizadas e, posteriormente, no próximo quadro, argumentos do senso comum de circulação local, entendendo a usina como maior fonte geradora de empregos.

Quadro 14- Senso comum 1: Necessidade de qualificação

Aluno	Argumentos do senso comum
Camila	A necessidade que nós jovens temos de ingressar no mercado de trabalho é grande mais para isso precisamos nos qualificar.
Nicolly	Mas os jovens devem sair de sua zona de conforto, e irem em busca de cursos e terem uma qualificação maior para que consigam um emprego até mesmo melhor do que desejam.
Kimberly	A qualificação profissional deve ser vista como um dos principais fatores para aqueles que estão buscando uma colocação no mercado de trabalho.
Isabeli	Alguns jovens não querem trabalhar na usina, eles fazem faculdade, estudam em cidades vizinhas e com isso conseguem empregos bem melhores, para isso é preciso se dedicar, pois trabalhar e estudar ao mesmo tempo não é nada fácil.
Isabeli	É bom lembrar que todos jovem poderia se dedicar aos estudos e fazer cursos técnicos, etc. É importante sempre procurar melhorar estudar, se qualificar para sempre estarmos preparados para tudo
Nicolly	Essas empresas procurarem pessoas experientes.
Nicolly	Pois, está difícil para todos. Mas os jovens devem sair de sua zona de conforto, e irem em busca de cursos e terem uma qualificação maior para que consigam um emprego até mesmo melhor do que desejam
Marcos	Mais se não fizermos um ensino superior não tem como conquistar tudo o que queremos.
Marcos	Mas eles têm que pensar no futuro fazer uma faculdade um pouco mais para frente vai que um dia a usina quebra ou se ele for mandado embora podem ir fazendo cursos sempre em busca de melhorar.
Fred	A faculdade é um meio para ter uma vida melhor.
Brenda	Eles têm que terminar seus estudos prestar um vestibular e buscar um curso para poder trabalhar em algo melhor e fazer o que gosta.

Fonte: A pesquisadora.

A aluna Isabeli, mostra por meio de seu argumento, que tem consciência de que o distrito não oferece oportunidades de crescimento profissional e educacional. A possibilidade de ascensão social ser ligada ao nível educacional do indivíduo é um discurso enraizado socialmente, em consonância com as ideias apresentadas pela aluna, bem como a visão de que a qualificação possibilitaria o reenquadramento profissional do trabalhador, caso a usina venha

a encerrar as atividades. A dependência econômica da indústria canavieira na região é tal que acaba por moldar as crenças dos alunos em relação à finalidade do preparo técnico-educacional. Finaliza o texto, com o adjetivo “é importante”, referindo-se à necessidade de estudo e qualificação profissional.

De igual forma, Marcos recorre ao uso de argumento do senso comum, em relação à necessidade de qualificação profissional e posiciona-se como ciente da realidade local e quer extrapolar as convenções sociais. Para que não seja mais um participante deste sistema, recorre ao argumento: “mais se não fizermos um ensino superior não tem como conquistar tudo o que queremos” e desabafa que se arrepende de não ter estudado mais no passado.

Eduardo relaciona que os estudos levam as pessoas a “ser grande na vida” e ressalta que, mesmo assim, os moradores precisam ir para outra cidade: “que poderá ter um bom futuro”. As opções são tão poucas e os alunos têm consciência disso que Eduardo termina o texto com letras em caixa alta para dar ainda maior destaque de que a ascensão ocorrerá “LONGE DESSA CIDADE”.

Os argumentos do senso comum expressos, respectivamente por Isabeli, Marcos e Nicolly, apresentam uma aproximação com o texto base “A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país”, o que pode ser observado na referência à necessidade de qualificação, mesmo que o mercado de trabalho no momento não esteja absorvendo mão-de-obra, devido à crise financeira que o país enfrenta. Ideais discutidas na reportagem citada, especificamente no trecho: “Não estar no mercado de trabalho pode ser encarado como uma situação conjuntural, e pode ser, portanto, passageira. Porém, não estar estudando, ou mesmo se qualificando tecnicamente, produz um efeito estrutural: quando, e se, a economia e o mercado de trabalho tiverem se recompostos, por volta de 25 milhões dos nossos jovens não estarão preparados e isto será um fato”.

Pelo posicionamento expresso nos argumentos, é visível o discurso da meritocracia, evidenciando o posicionamento de que o esforço pessoal seria o suficiente para quebrar as barreiras que os impedem de estudar, se qualificar e mudar aquela realidade, deixando de lado a condição de vantagem que alguns grupos sociais têm em relação aos demais.

Muitos alunos concluíram seus textos reafirmando a necessidade de qualificação profissional. Além de reportar discursos que foram discutidos em sala de aula, referentes ao artigo de opinião “A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país”, os argumentos do senso comum apontam para discursos hegemônicos, trazidos pelos textos e presentes também localmente, e na instituição escolar.

Há falta dos tipos de argumentos reconhecidos em princípio como sendo de autoridade em muitos contextos escolares. Todavia, os alunos se inserem no discurso e se posicionam em relação a sua realidade no que diz respeito à inserção no mercado de trabalho localmente. Embora não tragam "o argumento de autoridade", com citação talvez de uma voz de autoridade, eles se constituem nesse gênero, a voz de autoridade, inclusive porque o comando os leva a isso. Além disso, trazem para seus textos vozes sociais, reconhecendo ideologias dessas vozes, como o da meritocracia,

No quadro a seguir, trago outra recorrência temática dos argumentos do senso comum retirados dos artigos de opinião dos alunos, ressaltando a usina como a maior fonte de geração de empregos da região:

Quadro 15- Senso comum 2: Usina como maior fonte de geração de empregos

Aluno	Argumentos do senso comum
Isabeli	Aqui temos uma usina de cana de açúcar, onde a maioria da população trabalha.
Camila	No distrito da minha cidade existe uma grande empresa que oferece várias vagas de emprego.
Diogo	O meu exemplo também não é fácil, moro em um Distrito pequeno, com uma população de quatro mil habitantes, como um local pequeno, não há tantas oportunidades de emprego, ficamos limitados a Usina.
Eduardo	Outro caso é a Usina, que é a única que contrata pessoas, mas com passar do tempo as coisas mudaram um pouco, pois estão colocando máquinas no lugar dos trabalhadores, e por conta disso muitos estão perdendo seus serviços.
Edson	Para os jovens de minha região quando terminam a escola a maioria vão trabalhar na usina, porque é a forma mais rápida de entrar no mercado de trabalho, mais é muito sofrido e ganha pouco dinheiro.
Marcos	[...] e a usina que praticamente sustenta a cidade e região.
Fred	A oferta de trabalho da região é praticamente movida a cana de açúcar, desde sua plantação até sua transformação em açúcar e álcool gerando diversos empregos na indústria e na área rural.
Brenda	No nosso distrito a usina e o frango são as duas oportunidades de trabalho que temos se não tiver um estudo completo ou por ter optado a fazer uma faculdade ou um curso profissionalizante.

Fonte: A pesquisadora.

Há recorrência do discurso social, fortemente disseminado na comunidade que considera a “usina como maior fonte de geração de empregos” e aparece em todos os textos. Os alunos citam em termos de constatação, alguns até de forma desolada, que a usina paga pouco, mas que é a forma mais rápida de entrar no mercado de trabalho.

Como professora, pude perceber que esse discurso está impregnado na fala dos jovens, que, muitas vezes, afirmam com resignação que não precisam estudar, pois seu futuro será trabalhar na usina, outros ainda abandonam a escola por não compatibilidade entre os turnos de emprego e estudo.

Pelos argumentos apresentados, é possível verificar que eles têm consciência de que o trabalho, muitas vezes, é pesado e não tem boa remuneração, mas devido a poucas expectativas que o distrito oferece, acabam aceitando, pois isso lhes fornece o meio de subsistência e realiza o sonho da maioria, principalmente dos garotos, que é comprar um carro ou uma moto.

A ocorrência dos argumentos de prova está presente em dois textos, como pode ser verificado no quadro a seguir:

Quadro 16- Argumentos de prova

Aluno	Argumentos de prova
Nicolly	De acordo com o texto, “A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país” há dados específicos trazidos pelo IBGE e PNAD de números estatísticos, de pessoas que não estão matriculadas, que pararam os estudos, e até mesmo que não cursou ensino fundamental temos números dos famosos nem “nem- nem” nem trabalha nem estuda.
Edson	Para alguns que não completou os estudos fica pior para a entrada no mercado de trabalho. Com os dados do IBGE que mostram os jovens que não terminou os estudo e que só matricularam.

Fonte: A pesquisadora.

Os argumentos de provas concretas são aqueles que trazem consigo a documentação de fatos irrefutáveis, que comprovam aquilo que é transmitido por meio do enunciado, de forma a não se ter dúvidas sobre a sua veracidade. Os dois alunos tentam fazer uso de argumento de prova, porém descrevem as pesquisas sem citar de fato os números comprobatórios.

Como visto nos excertos do Quadro 16, apenas Nicolly e Edson fizeram uma tentativa de utilização de argumentos de prova em seus textos, por meio de dados estatísticos em conformidade com a reportagem - "A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país" - tendo o trecho a seguir como referência: *“Confirmando os dados que o Banco Mundial usou para, especificamente, falar dos problemas do mercado de trabalho para os jovens brasileiros, e que eu havia reproduzido em alguns dos artigos, eis que são publicadas informações relevantes pelo IBGE, constantes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), e que foram divulgadas no dia 18/05 último. Os dados divulgados da PNAD-Contínua têm como base o ano de 2017 e mostram alta de 5,9% no número de jovens, entre 15 e 29 anos de idade, que não estudam nem trabalham ou se qualificam. São os chamados 'nem-nem.'”*

Os alunos remetem o discurso e fazem referência direta ao texto, citando órgãos como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) e o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra dos Domicílios Contínua); porém só citam as fontes sem chegar a de fato a problematizar e apontar os dados das pesquisas.

O último tipo de argumento encontrado foi o de exemplificação, observado em dois textos:

Quadro 17- Argumentos de exemplificação

Aluno	Argumento de exemplificação
Diogo	No meu caso é mais difícil, pois não tenho como voltar atrás por diversos outros problemas”, “O meu exemplo também não é fácil, moro em um Distrito pequeno, com uma população de quatro mil habitantes, como um local pequeno, não há tantas oportunidades de emprego”.
Marcos	como um amigo que eu tenho, ele não conseguiu terminar seus estudos e hoje ele está passando veneno.

Fonte: A pesquisadora.

Dois alunos recorrem à exemplificação para relacionar a proposta de produção com a realidade local. Diogo utiliza um argumento de exemplificação, para demonstrar que, para pessoas que moram em lugares menores e com menos oportunidade de emprego, a qualificação profissional é mais difícil.

Cita seu exemplo pessoal para reforçar o argumento de que a escolha profissional para quem mora em lugares pequenos deve ser bem pensada pois, muitas vezes, essas pessoas têm que se deslocar para cidades maiores para cursar uma graduação, como é o caso de quem mora no distrito, se quiser estudar numa universidade de forma presencial, tem que mudar-se ou fazer o deslocamento de 160km entre ida e volta todos os dias. Muitos deles, mesmo que consigam uma vaga em uma instituição pública, não têm recursos para o transporte.

Marcos, para afirmar que quem não estuda tem menos chances de um emprego “bom”, usa o argumento de exemplificação: “como um amigo que eu tenho, ele não conseguiu terminar seus estudos e hoje ele está passando veneno”.

É possível observar que a incorporação de vozes sociais está presente quando os alunos respondem a questões que foram discutidas em sala e dialogam com os textos de apoio lidos e discutidos, transformando-os em argumentos de causa e consequência.

Quadro 18- Argumentos de causa e consequência

Aluno	Causa	Consequência
Eduardo	Pois estão colocando máquinas no lugar dos trabalhadores, [...]	e por conta disso muitos estão perdendo seus serviços.
Kimberly	Com as implantações de máquinas as usinas tem mais lucros	mas menos empregos pois as máquinas podem fazer os serviços que os trabalhadores faziam.

Fonte: A pesquisadora.

Esses argumentos foram construídos em relação ao texto: “Colheita mecanizada de duas linhas apresenta vantagens” e, como se trata de um texto institucional, o conteúdo vai de encontro com os anseios da empresa. As discussões realizadas em sala versaram sobre os prejuízos que essa mecanização da lavoura acarretou, como o aumento de desemprego.

Os alunos conseguiram perceber que o texto de apoio ia de encontro aos objetivos da empresa e sua geração de lucros, a voz social portanto da empresa, e que, em contrapartida, muitas pessoas perderiam seus empregos. Mesmo sem fazer referência direta ao texto, apresentaram contra-argumentos e incorporaram essa voz nas discussões e trouxeram opiniões dos colegas a respeito do tema, refutando essa voz institucional da usina presente no texto de apoio. Como exposto no posicionamento de Eduardo: “Na minha opinião, essas máquinas diminuí os serviços dos trabalhadores, e dando lucro para os donos, pois estão tirando alimentos da boca das crianças pois seus pais foram substituídos pelas grandes máquinas, e a única alternativa é ir embora para outra cidade em busca de emprego e acaba deixando suas famílias”.

A seguir, apresento o último quadro de argumentos que discorrem sobre a problematização da escolha da carreira profissional, trazida na crônica "Muito cedo para decidir", é encontrada em dois textos que trazem para discussão referência ao seguinte trecho: “Pois dentro de poucos dias vai acontecer com nossos adolescentes coisa igual ou pior do que aconteceu com o Gandhi e a mulher dele, e ninguém se horroriza, ninguém grita, os pais até ajudam, concordam, empurram, fazem pressão, o filho não quer tomar a decisão, refuga, está com medo.” “Tomar uma decisão para o resto da minha vida, meu pai! Não posso agora!” e o pai e a mãe perdem o sono, pensando que há algo errado com o menino ou a menina, e invocam o auxílio de psicólogos para ajudar [...]”. O Quadro 19 apresenta os excertos dos artigos de opinião onde apareceram os discursos do texto mencionado:

Quadro 19- Argumentos vivenciais

Aluno	Argumento Vivencial
Diogo	Todos os jovens entre 16 e 18 anos começam a pensar que trabalho vão querer exercer quando forem adultos. A escolha nem sempre é fácil, pois essas escolhas podem afetar seu futuro para sempre, uma escolha como

	essa demanda muita maturidade, porque tudo é muito novo, o jeito é experimentar, caso não goste é só trocar.
Nicolly	Na sociedade, há uma grande pressão sobre os jovens em questão de suas escolhas de formação e trabalho, pressão também feita pelos pais. Que na qual, faz com que esses jovens, façam uma escolha não cabível com o que eles querem para si.

Fonte: A pesquisadora.

As vozes trazidas pelos alunos têm um conteúdo/sentido vivencial. Assim, muitos alunos utilizam as vozes que mais estão relacionadas às suas experiências pessoais, outros incorporam, mesmo que não explicitamente, as vozes dos textos lidos e discutidos no PL e as discussões realizadas em sala de aula. Por esse motivo, entendemos que os seus discursos se caracterizam pelo diálogo contínuo de diferentes vozes, com as quais tiveram contato. Suas palavras são carregadas de ideologias, que revelam avaliações em relação a certas vozes, ao mundo e às suas práticas cotidianas, sendo a língua inseparável do seu conteúdo ideológico.

A avaliação de julgamento, advinda a partir do uso de vozes, demonstra o posicionamento do aluno em relação ao lugar em que vive, sua posição de cidadão enquanto reclamador dos direitos alheios, sua visão de oportunidades de trabalho e de futuro, mantendo ou não diálogo com diferentes discursos que circulam na sociedade. Desse modo, justifica-se o PL e a concepção de letramento como prática social, ou seja, procura observar-se a reação dos alunos diante de vários textos referentes à comunidade, sua constituição e organização e oportunidades de trabalho no local.

Em referência aos trechos destacados no Quadro 19, classifiquei-os como argumentos vivenciais. Parece tratar-se de uma tentativa de trazer a pressão que vivem ou viveram em um argumento que contextualiza a argumentação, como uma forma de apresentar um argumento pessoal em uma escrita própria de texto argumentativo.

O mesmo acontece quando a aluna Camila menciona a criação de vagas de estágio para a inserção do jovem no mercado de trabalho, pode-se perceber o discurso do texto "Os desafios do início da carreira profissional", principalmente ao trecho "Outra possibilidade para ingresso nas organizações torna-se possível através das vagas para estagiários que podem estar inclusive cursando os últimos anos. Em tempos de crise aumenta ainda mais a preferência das empresas em contratos desta modalidade." Como pode ser observado na análise a seguir:

A aluna inicia o artigo com uma afirmação sobre a necessidade de qualificação profissional: "A necessidade que nós jovens temos de ingressar no mercado de trabalho é grande mais para isso precisamos nos qualificar". De igual forma, apresenta a ideia de que o

ensino superior é um meio de ascensão social: “mas para um salário melhor um curso superior sempre é muito importante.”

O diálogo com o texto "Os desafios do início da carreira profissional" se apresenta no trecho: *Vagas para estagiários podem ser uma boa opção para quem quer ingressar no mercado de trabalho, garantindo conhecimento atualizado, apresenta baixo custo financeiro para a empresa contratante.* Este argumento poderia ser classificado como uma solução para o problema exposto na introdução do artigo, que é a necessidade de ingressar no mercado de trabalho.

Na conclusão, no trecho “mesmo com qualificação às vezes você não é contratado pela profissão mas hoje em dia na minha cidade ou emprego que estiver disponível nós aceitamos”, Camila apresenta contradição em relação aos argumentos expostos anteriormente, uma vez que trabalhadores qualificados estariam aceitando qualquer função, ante baixa capacidade de absorção de mão de obra do mercado de trabalho local. Mas isso aponta para um diálogo com a discussão realizada na sala de aula, no sentido de que mesmo pessoas recém-formadas ainda encontram barreiras para adentrar ao mercado de trabalho.

Em síntese, os dados desta seção apresentaram como os alunos dialogaram com vozes dos textos trabalhados e pontos específicos de aproximação dos discursos lidos e debatidos em sala de aula, que foram incorporados nos artigos de opinião. A heteroglossia se deu nas formas de argumentos hegemônicos, alguns presentes nos textos discutidos, como a necessidade de qualificação profissional como meio de ascensão social, e discursos locais que trazem a Usina como fonte geradora de empregos, mas também de única possibilidade de entrada ao mercado de trabalho.

Mesmo a maioria não tendo apresentado argumentos de prova ou autoridade, que seria esperado em um artigo de opinião escolar, os textos dos alunos foram compostos por inúmeros discursos sociais locais, que trouxeram as vozes deles e dos moradores, constituindo-os como argumentos de autoridade, já que eles vivem os problemas são autoridades para falar sobre isso.

O gênero discursivo artigo de opinião está no agrupamento dos gêneros da ordem do argumentar, de acordo com Uber (2008), pelas características que lhe são peculiares: a discussão de assuntos ou problemas sociais controversos, buscando chegar a um posicionamento diante deles pela sustentação de uma ideia, negociação de tomada de posições, aceitação ou refutação de argumentos apresentados. O discurso argumentativo presente no artigo de opinião, tem como finalidade a persuasão ou convencimento do interlocutor, com intenções de que ele compartilhe uma opinião ou realize uma determinada ação.

Na proposta de produção, não ficou marcado um interlocutor presumido, nem um contexto de circulação do gênero. Portanto, os alunos responderam ao comando em que precisavam discorrer sobre a escolha da profissão e a necessidade de qualificação. O interlocutor real, continuou sendo eu, como professora leitora/avaliadora imediata no contexto de produção.

A fim de responder ao comando de produção, todos os alunos, apresentaram o distrito onde vivem como pequeno e sem muitas oportunidades de emprego. Com o propósito de convencer o interlocutor com os argumentos, considerados como do senso comum, em uma perspectiva argumentativa, que a necessidade de qualificação é imprescindível para quem almeja “empregos melhores”, alguns problematizam ainda que, por morarem num local pequeno, mesmo com qualificação, as oportunidades são limitadas, forçando os jovens a buscar emprego e estudos em outras cidades.

Há algumas marcas linguísticas que aparecem nos artigos de opinião de Isabeli que faz uma pergunta direta ao interlocutor presumido, para comprovar que a necessidade é importante “Pois imaginarão se são mandados embora ou se a usina acabar o que eles vão fazer?” Mostra ainda essa dependência econômica em relação à usina.

Camila ao iniciar o artigo com “a necessidade que nós jovens temos de ingressar no trabalho” mostra a criação de um interlocutor presumido para seu texto, ela escreva para outros jovens que podem estar passando pelas mesmas dificuldades que ela. Ela dá “dicas” a esses interlocutores “vagas para estagiários podem ser uma boa opção para quem quer ingressar no mercado de trabalho”.

Brenda também constrói o interlocutor presumido como sendo jovens, o que fica marcado linguisticamente principalmente nos trechos: “Diante de tantas possibilidades e das constante mudança dentro do mercado de trabalho, ter que escolher a profissão dos nossos sonhos” e “por isso não podemos desistir, temos que lutar sempre pelos nossos pais e nossa família”. Os demais alunos construíram seus textos em terceira pessoa do plural, não ficando explícito um interlocutor presumido.

Após a análise das produções dos alunos quanto aos argumentos utilizados, as vozes negociadas em seus textos e a relação com os interlocutores, faço, na próxima seção, algumas considerações a respeito de como avalio o desenvolvimento do PL.

3.4 AVALIANDO os efeitos da ação: Discussão dos resultados

O último passo da pesquisa-ação consiste em avaliar os efeitos da ação empreendida para solucionar um problema. Pensando nos objetivos propostos para a Unidade 1, acredito que consegui atingir os dois primeiros objetivos que eram: resgatar observações, conhecimentos e sentimentos dos alunos sobre o lugar onde vivem e possibilitar um novo olhar sobre este lugar. Os alunos não somente interagiram como agentes, sujeitos do conhecimento nas discussões em aulas, mas constituíram os moradores como autoridades para apontar problemas e eles para darem soluções para esses problemas. Ocorreu assim uma desterritorialização dos lugares de saberes, conforme colocam Félix e Zironi (ano), em relação ao projeto de letramento. Muitas vezes, por estarmos inseridos num lugar há tanto tempo, acabamos acostumados com tal realidade e deixamos de questionar certas coisas. Os textos e discussões realizadas em sala suscitaram reflexões com os alunos em relação ao lugar onde moram.

Em relação ao terceiro objetivo - identificar questões polêmicas locais - isso também foi possível devido ao exercício de entrevista com os moradores que relataram problemas no distrito e a proposta da carta de reclamação que requeria dos alunos um posicionamento de defesa, portando-se como porta-vozes dos moradores. A meu ver o quarto objetivo - relacionar informações gerais com locais - não foi atingido, pois os textos de apoio enfatizaram muito a questão local, não permitindo que os alunos traçassem um paralelo com outras realidades, algo que ocorreu na Unidade 2. Por fim, o último objetivo - produzir uma carta de reclamação - avalio que todos os alunos conseguiram cumprir esta tarefa, marcando bem o interlocutor presumido, no caso o prefeito, e se constituindo como aluna e moradora, no caso de Kimberly, para reclamar por melhorias no distrito. Eles apresentaram algumas dúvidas no início da escrita, como por exemplo, quando Camila me pergunta sobre a forma de se dirigir ao prefeito, mas não apresentaram reclamações e negativas para escrever o texto. Eles tinham o que reivindicar ao prefeito e fizeram isso constituindo a interlocução e dialogando com diferentes discursos, especialmente locais. Assim, embora os textos não tenham apresentado aqueles "argumentos de autoridade" escolares, em um sentido da perspectiva textual, apresentaram um gênero e se posicionaram dentro de uma cadeia discursiva. (BAKHTIN, 1997)

Na Unidade 2, a seleção dos textos de apoio ficou mais ampla, forneci textos de diversos gêneros, dentre eles, reportagem, infográfico, artigos de opinião, textos informativos, quadros. As temáticas iam desde aspectos globais, como as dificuldades de escolha da profissão e a necessidade de qualificação profissional, até texto de circulação local falando de mecanização na área rural e oportunidades de emprego locais. É muito importante selecionar bem os textos,

pois a escolha desses elementos possibilitou que os alunos retomassem e se posicionassem em relação a várias vozes sociais, como a da usina. Dessa forma, considero que a estruturação da segunda unidade conseguiu corresponder ao propósito do trabalho de considerar os gêneros discursivos como dialógicos e a comunicação como em rede.

Podemos observar, pela análise, que os alunos conseguiram incorporar em seus artigos de opinião os discursos presentes nos textos e nas discussões feitas em sala. Porém, como estávamos no final do ano, tive pouco tempo para explorar melhor alguns conceitos e não consegui oportunizar aos alunos um momento de leitura junto a mim, visto que foram entregues as primeiras versões.

Em relação aos objetivos propostos na unidade 2, também considero que a coletânea de textos de apoio selecionada e as discussões realizadas em sala permitiram cumprir os dois primeiros objetivos, que foram: discutir sobre a escolha profissional e a sua relação com o futuro; pensar nas possibilidades de trabalho no local onde vivem. Quanto ao objetivo - reconhecer vozes dentro do texto - como foi um exercício muito novo para eles, considero que foi cumprido parcialmente. Essa identificação apareceu mais no texto institucional da usina que falava sobre a mecanização das lavouras, no qual eles puderam reconhecer a voz institucional e posicionar-se contrários a ela. Ressalto a relevância de continuar o trabalho com o reconhecimento das vozes sociais, pois, todo texto, mesmo que não explicitamente, traz vozes para defender a posição daquele que enuncia.

O objetivo - explorar os conectivos - não foi realizado devido ao pouco tempo de aula. Por fim, o último objetivo - ler e escrever artigos de opinião - considero ter conseguido, os alunos exploraram o tema solicitado, incluindo aspectos locais e globais em seus discursos. Eles se posicionaram e posicionaram o texto dentro de uma cadeia enunciativa.

Avalio ainda, quanto à Unidade 1, que ocorreram algumas falhas em termos de estruturação e elaboração do PL. Em relação à primeira proposta de escrita, não ter delimitado um gênero prejudicou tanto a escrita dos alunos quanto o momento de análise. Eles tiveram maiores dificuldades, talvez por falta de comandos específicos a serem seguidos, pois apenas “falar suas impressões sobre o lugar onde vive” ficou vago. Produziram uma tradicional Redação Escolar - “a redação, geralmente, é trabalhada para atender a uma tarefa proposta pelo professor, circunscrita ao espaço da sala de aula e que desconsidera os contextos sociocomunicativos extra instituição escolar” (MARCHUSCI, 2005, p.139). A redação, criada pela e para a escola, tem sentido e circula quase que exclusivamente nesse contexto, cumprindo a função de objeto de ensino. O leitor presumido nesse caso também é o professor; o objetivo da produção é pedagógico; e o contexto de circulação é predominantemente a sala de aula. A

forma como foi solicitada, acabou indo na contramão do intuito deste trabalho. Por isso, a opção por não analisá-la.

Outro ponto a se pensar no trabalho foi a forma como a seleção dos textos de apoio acabaram não contribuindo para a escrita dos alunos. Não oferei nenhum texto argumentativo e os textos não mostravam nenhum aspecto a ser reclamado, para o caso da Carta de Reclamação. Talvez por isso que, majoritariamente, na argumentação construída nas cartas de reclamação, apareceram os argumentos referentes à pesquisa realizada com os moradores. Não desconsidero os textos trazidos, pois acredito que eles sejam muito importantes para que os alunos reflitam sobre o lugar onde vivem, sua história. Penso que, para complementar essa unidade, poderia ter trazido exemplos de cartas de reclamação.

Nesta última seção, avaliei os resultados de minha ação por meio do PL, apontando alguns pontos nos quais considero ter obtido êxito e outros em que faria adequações. Encerro agora este capítulo e trago outras reflexões nas considerações finais.

CONCLUSÃO

Atuante como professora de Língua Portuguesa na escola *lócus* da pesquisa, desde o ano de 2015, fui percebendo, ao longo do tempo, a insegurança dos alunos em realizar produções textuais escritas, especialmente em relação à produção de textos argumentativos. Diante disso, surgiu a proposta de trabalhar com a escrita de textos argumentativos sob uma perspectiva sociocultural, levando em consideração o local em que vivem os alunos.

Deflagrada a necessidade de uma proposta de intervenção na sala de aula que contribuísse para melhorar a produção escrita, o desenvolvimento de um projeto de letramento foi escolhido como alternativa para a prática pedagógica e para responder à pergunta de pesquisa: Como alunos ressignificam a argumentação e as práticas de escrita escolares? A fim de respondê-la, retomo, a seguir, os objetivos específicos e procuro respondê-los a partir dos resultados da pesquisa.

Quanto ao primeiro objetivo específico - a) analisar como, por meio de argumentos, negociam vozes sociais com práticas escolares propostas pelo Projeto de Letramento - em relação à escrita da Carta de Reclamação, os dados mostraram que utilizaram 15 argumentos de causa e consequência; 3 argumentos de exemplificação e 8 argumentos do senso comum. Estes foram apresentados assumindo posicionamentos diferenciados, o uso dos pronomes pessoais “nós” e “eles” utilizados nos textos, demonstram que alguns alunos se incluíram nos argumentos, em consonância com as vozes dos moradores e o outros não se incluíram nos argumentos apresentados como pode se perceber no exemplo do texto de Eduardo quando vai elencar os problemas do distrito: “eles citaram algumas coisas como segurança”.

A carta de reclamação é considerada um texto persuasivo, pois o interlocutor tenta convencer o receptor da mensagem a encontrar uma solução para o problema apontado na carta. Por este motivo, recorreram aos argumentos de causa e consequência, explicitando os problemas (causa) e as consequências deles no dia-a-dia da comunidade. Reforçaram a argumentação por meio de exemplos, trazendo o relato de um dos moradores entrevistados. Os argumentos pautados no senso comum, utilizados pelos alunos, referem-se a discursos socialmente aceitos, como para melhorar a segurança é necessário maior policiamento, ecoando discursos já-ditos do senso comum.

Foi possível identificar componentes textuais que estruturaram a sequência argumentativa da carta de reclamação produzida pelos alunos. São eles: 1) Indicação do propósito da carta; 2) utilização dos argumentos de causa e consequência e exemplificação para

discorrer sobre os problemas; 3) justificativa por meio de argumentos do senso comum para convencimento de que a sugestão é adequada; 4) indicação de sugestões de providências a serem tomadas.

De acordo com o resultado apresentado, por meio da escrita dos alunos, considerando as particularidades individuais de cada um deles, pude perceber que todos conseguiram responder aos comandos da proposta e organizar argumentatividade, marcando o interlocutor no caso da Carta de Reclamação, se constituindo como sujeitos do seu dizer e marcando suas reivindicações dentro de uma cadeia enunciativa.

Os dados mostraram que os alunos trouxeram para seus textos as vozes dos moradores. A maior parte dos argumentos são da comunidade, assumindo uma espécie de voz coletiva para a reivindicação. Essas vozes advêm de uma atividade realizada durante as aulas do PL, em que os alunos entrevistaram moradores, perguntando a eles quais os principais problemas do distrito. Alunos posicionam-se como porta-vozes da comunidade, trazendo as vozes das entrevistas realizadas para elaboração da sua voz, da cobrança por exemplo. Alguns alunos utilizam um tom de cobrança, outros de solicitação, em um diálogo com o interlocutor presumido, solicitando melhoras para o distrito.

Em relação ao segundo objetivo específico - Identificar como estabelecem diálogos com interlocutor(es) - a primeira marca que faz referência ao interlocutor se dá na presença do vocativo, mas os alunos conseguiram estender essa referência também para o corpo da carta, de modo que estabelecem o diálogo com o interlocutor presumido, por meio de referências como senhor e você, sem perder de vista a interlocutora real, que sou eu como professora.

A análise realizada nos Artigos de Opinião apontou para a recorrência do uso de 19 argumentos do senso comum e, em quantidades iguais, 2 argumentos de exemplo, prova e causa e consequência e vivenciais, sendo possível verificar que, mesmo com uma oferta variada de textos de apoio, os alunos não retomaram os discursos em forma de argumentos de prova ou autoridade.

Em uma perspectiva dialógica da teoria bakhtiniana, entretanto, que concebe como importantes as vozes sociais que engendram os discursos, a vida e, consequentemente, o próprio ser humano, no artigo de opinião, é possível verificar que os alunos dialogam com os textos de apoio apresentados em sala. Dois alunos os articulam como argumentos de autoridade, o restante ecoa as discussões de forma mais pessoal, mas todos incorporaram as vozes advindas do texto de apoio a seus discursos, elaboraram seus discursos a partir de seus conhecimentos de mundo, que inevitavelmente refletem discursos outros.

As recorrências apresentadas nos artigos de opinião versaram sobre os seguintes temas: apresentação do lugar onde vivem, falta de oportunidades no mercado de trabalho local, dificuldade na escolha da profissão e necessidade de qualificação profissional. Apresentaram o lugar onde vivem, adjetivando-o como um lugar pequeno, e alguns alunos problematizaram que o distrito não oferece oportunidades nem de qualificação profissional, nem de diferentes oportunidades de emprego, vindo daí o argumento do senso comum mais utilizado nos artigos: a usina como principal fonte de geração de empregos no local. Essas vozes estão fortemente presentes no discurso da comunidade, por se tratar de uma realidade local, por isso presente em todos os textos.

Alguns deles relataram que, no local, as pessoas com menos escolaridade estão sujeitas a serviços na roça. A partir disso, os alunos apresentaram o segundo tipo de argumento do senso comum que, para ter melhor desenvolvimento profissional, é necessário a qualificação e capacitação por meio dos estudos. Trouxeram essas vozes de textos como “A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país”.

Mesmo faltando elementos esperados para um artigo de opinião, os alunos obtiveram êxito em uma ação de trazer para o texto escrito a sua realidade, o seu lugar social. Olhar do ponto de vista do aluno, que estava em uma ação de inserir a sua reivindicação nos textos escolares, é diferente de um olhar escolar e ou acadêmico para análise da argumentação ou da participação em práticas letradas escolares. Foi possível reconhecer avanços na trajetória de argumentação desses alunos. Nos artigos de opinião, alunos, como Diogo e Isabeli, trouxeram angústias pessoais elaboradas em um discurso argumentativo escolar.

Quanto ao segundo objetivo, como não havia um interlocutor presumido marcado, muitos deles preferiram escrever o texto na terceira pessoa do plural, respondendo à proposta de produção e às minhas expectativas como interlocutora real. Isabeli e Brenda, por meio do uso da primeira pessoa do plural, criam um interlocutor presumido: jovens que estão passando por esse processo de escolha profissional. Percebo agora que houve a falta de um interlocutor presumido marcado na proposta de produção, o que poderia ter norteado melhor a escrita dos alunos.

Retomando assim o objetivo geral - compreender como alunos constroem a argumentação em gêneros discursivos escolarizados, nos textos resultantes de um projeto de letramento -, afirmo que, a partir de uma oportunidade de leituras variadas sobre um tema conhecido pelos alunos, foi possível ampliar em um trabalho coletivo os modos de os alunos refletirem sobre situações relacionadas a si e ao lugar em que moram, levando-os a posicionamentos mediante à realidade que os constitui. Os alunos procuraram, embora talvez

não com tipos de argumentos valorizados muitas vezes pelo letramento escolar, atender às propostas de produção textual solicitadas, articulando-as com tema, interlocutor e posições sociais assumidas, especialmente, com a vida vivida localmente. Observei que, nas duas propostas, a trajetória percorrida de leitura e discussão dos textos de apoio refletiram na argumentação dos alunos, que trouxeram essas vozes para suas produções.

Ao finalizar minha experiência, chego à conclusão de que vale a pena investir em projetos de letramento. Acredito que a forma como o trabalho foi realizado apresentou resultados positivos para o ensino e a aprendizagem, pois o PL proporciona a possibilidade de olhar para as necessidades e interesses dos alunos, em especial para o contexto em que estão inseridos. Quando se tira o foco do professor como detentor do conhecimento e prioriza-se as interações e aquilo que de alguma forma faça sentido para o aluno, percebo que há um maior engajamento e uma responsividade maior àquilo que está sendo proposto. Ressalto, porém, que para que apresente resultados a médio e longo prazo, o PL deve ser empreendido de uma forma contínua e não apenas em um trimestre.

Em termos de contribuições, espero que o desenvolvimento de práticas pedagógicas na escola que promovam a participação social ou o protagonismo dos alunos, por meio de (re)posicionamentos em práticas de letramento escolares, pondo em relevo o contexto local e o caráter agentivo dos alunos com a escrita, possibilitem repensar o discurso de *déficit* e a crise da escrita existentes na esfera escolar por uma perspectiva que toma os letramentos como práticas letradas situadas socioculturalmente. Trabalhar com a pesquisa-ação, trazer um aspecto da vida da comunidade para a sala de aula, avaliar o que se faz, não é fácil. Ao colocar tanto os gêneros discursivos quanto temáticas locais para constituir o PL, espero ter contribuído de uma forma a lançar um novo olhar para o ensino de escrita em nossas escolas.

Devemos atentar que o PL não é algo pronto a ser aplicado em qualquer situação e contexto didático, mas sim uma possibilidade pedagógica que precisa ser elaborado localmente considerando às necessidades e os perfis dos alunos, podendo ter seu percurso e atividades modificados ao longo do projeto. Acrescentaria também a importância do contato com as vivências extraescolares, os letramentos que acontecem fora do contexto escolar para que o projeto contemplasse práticas de letramento locais.

Em relação à formação de professores, considero que a pesquisa contribuiu no sentido de mostrar a importância da reflexão sobre a ação do professor-pesquisador. Muitas vezes, quando estamos inseridos no contexto de sala de aula com carga-horária semanal de 20, 40 ou até 60 horas, acaba não sobrando tempo para que possamos refletir sobre a prática docente. Defendo neste trabalho que é fundamental que a prática dos professores se dê em uma

perspectiva sociocultural, reflexiva e crítica, por isso teoria e prática são inseparáveis e nosso acervo teórico/prático deve ser alvo de constante reelaboração/ aperfeiçoamento. A pesquisa-ação, nesse sentido, promove a oportunidade de pensarmos em um problema e nos debruçarmos sobre ele a fim de propor soluções e, seu movimento cíclico, permite que as ações sejam desenvolvidas, melhoradas e modificadas quantas vezes necessário. A importância desse distanciamento e avaliação do que foi positivo e negativo, permite-nos, além de avaliar o resultado que os alunos apresentaram, avaliar o fazer do professor. Não podemos reduzir a docência a técnicas, mas sim criar conhecimentos a partir de nossa própria prática, desde que haja uma reflexão sobre ela.

Por isso precisamos que essas possibilidades, como trabalhar por meio de PLs e ser um professor-pesquisador, tornem-se parte de políticas públicas que as possibilitem na prática docente, como afastamento remunerado para estudos, formações continuadas mais sólidas, mais programas que permitam a intersecção de universidade e educação básica, caso contrário, a necessidade de reflexividade se torna um mero discurso e mais uma vez a “culpa pelo fracasso” acaba recaindo no aluno e no professor.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. R. de. **Vozes de julgamento como pontos de argumentação na produção escrita de alunos do ensino médio**: abordagem sociodiscursiva e sociossemiótica, 2013. 194 f. Dissertação Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.
- ALMEIDA, A. F. Da experiência vivida à crítica escrita: Os saberes cotidianos e os seus sujeitos como parâmetros da produção textual e reflexão dos fenômenos sociais. **Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo**, São Paulo, ano 1, v. 1, n. 1, 2013, p.99-111.
- ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: **NICOLAIDES**, Christine et al. (orgs.). Política e políticas linguísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013a. p. 93-116.
- AQUINO, J. L. de. **Ensino de argumentação em eventos de letramento**. 2018. 214f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Edição – 2006 – HUCITEC.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4.ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008.
- _____. **Teoria do romance I: A estilística**. (Tradução Paulo Bezerra). São Paulo: Editora 34, 2015.
- BARTON, D.; HAMILTON. La literacidad entendida como practica social. In: ZAVALA, Virginia; NIÑO-MURCIA, Mercedes; AMES, Patricia (Orgs.) **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004, p. 109-140.
- BELOTI; JUNG. “Interlocutor professor”: discursos de escrita e reescrita de professores em formação inicial. **SIGNÓTICA**, Goiânia, V. 29, N. 2, p. 377-402, jul./dez. 2017.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Postulados do paradigma interpretativista. In: **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 31-40.
- BRAGANÇA; BALTAR, M. Novos estudos do letramento: conceitos, implicações metodológicas e silenciamentos. **Imagens da Educação**, v. 6, n. 1, p. 3-12, 2016.
- BRITTO, R. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1985, pp.109-119.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1): Ago./Dez. 2011, p. 268-280.

BUNZEN, Clécio. Os Significados do Letramento Escolar como uma Prática Sociocultural. In: VÓVIO, Cláudia L.; SITO, Luanda; GRANDE, Paula B. (Org.). **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2010. P. 99-120.

CAMERON, D. et al. Introduction. **Researching Language**: Issues of power and method. London: Routledge. 1992. p. 1-28.

Censo escolar 2018. Disponível em: <https://www.escol.as/223601-tereza-cristina-c-e-c-ef-m>

CITELLI, A. **O texto argumentativo**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

COOK-GUMPERZ, J. (1991) Alfabetização e escolarização: uma equação imutável? In: COOK-GUMPERZ, J. (org.) **A construção social da Alfabetização**. Trad. Dayse Batista. Cap. 2, p. 27-57. Porto Alegre: Artes Médicas.

CORADIM, J. N. **Ciclos reflexivos alternativos**. 2015. 348 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CRESWELL, J. W. Designing a Qualitative Study. In: ____ **Qualitative Inquiry & Research Design: choosing among five approaches**. 2nd ed. Thousand Oaks, London and New Delhi: Sage Publications, 2007. p. 35-52.

ENGEL, G. I. **Pesquisa-ação**. Educar em Revista, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FÉLIX, T; ZIRONDI, M. Projetos de Letramento, Sequências Didáticas e Práticas de Letramento: instrumentos (inter)mediadores para a organização do trabalho do professor. **X SEPECH** - Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas, 2014, Londrina. Anais [do] X Seminário de Ciências Humanas [livro eletrônico], 2014. p. 505-516.

FERREIRA, M. dos S. **Argumentação em artigo de opinião: uma proposta metodológica para o ensino da produção textual**. 2015. 111f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras -PROFLETRAS) –Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

FERREIRA, T.G. **Produção de textos escritos no ensino fundamental: o ensino-aprendizagem do artigo de opinião**. 2015. 129 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras.

FIAD, R. S. Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 86-99, 2017.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2017.

- FRANCO, C. C. C. **A educação dialógica no ensino de produção de textos em língua portuguesa**. 2015. 173 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza.
- FRANCO, M. A. S. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- FRUICISCHET, M. N. Refletindo sobre pesquisa-ação. **Faz Ciência Francisco Beltrão V.J** V'Oi p. 167-176 1999.
- FREITAS, E. M. L. **Produção escrita: o artigo de opinião no desenvolvimento da capacidade argumentativa no 9º ano**. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Universidade de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras - PROFLETRAS, Garanhuns.
- GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **Delta**.v.31 – especial, p. 1-34, 2015.
- GARCEZ, L. H. do C. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2010.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GUBA, E. G., & LINCOLN, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), **Handbook of qualitative research** (pp. 105-117). Thousand Oaks, CA: Sage.
- JATOBÁ, E. **A Educação no Campo: o processo de implantação do Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina**. Paranaíba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/50214/R%20-%20E%20-%20ELIANE%20DA%20SILVA%20JATOBA.pdf?sequence=1>
- JUNG, N. M.; SILVA, R.C.M; PIRES SANTOS, M. E. Etnografia da linguagem como políticas em ação. **Calidoscópio** – v. 17, n. 1, janeiro-abril 2019.
- JUNG, N. M.; SEMECHECHEM, J. A. Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v.6, n.2 (17-37), jul-dez, 2009.
- KLEIMAN, A. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 375-400, jul./dez. 2010.
- KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. (orgs). **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2016.
- LEAL, T. F.; MORAIS, A. G. **A argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LILLIS, T. **Ethnography as Method, Methodology, and "Deep Theorizing"**: Closing the Gap Between Text and Context in Academic Writing Research. *Written Communication*; p. 25;353, 2008.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

LOPES-ROSSI, M. A. G.(Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté, SP: Cabral Editora; Livraria Universitária, 2002.

MARCUSCHI, B. Redação Escolar: características de um objeto de ensino. **Revista da Faced**, nº 09, p. 139-155, 2005.

MARINHO, M. As palavras difíceis chegaram: a entrada de grupos tradicionais no universo da escrita acadêmica. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

MELO, B. O. R. de. **Letramento e apropriação do gênero textual carta de reclamação no contexto da educação de jovens e adultos**. 2009. 288 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza.

MELO, J. R.B. **Vozes sociais em construção**: dialogismo, bivocalidade polêmica e autoria no diálogo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais. 2017. 454f. Tese de doutorado (Linguística e língua portuguesa) Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.

NAIDITCHF, F. **Pesquisa - ação**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F.DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

OLIVEIRA, L. M. L de. **Argumentação via projeto de letramento**. 2017. 104f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - Profletras/NAT) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. M. A. M.; SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2014.

PAIVA, V. L. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005.

PASSARELI, L. M. G. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. 1ªed. São Paulo: Telos, 2012.

PIZZOL, V. *et al.* O sentido do trabalho de campo nas pesquisas etnográficas em educação: reflexões sobre as concepções teóricas e a produção acadêmica. Publicações dos anais dos resumos e dos trabalhos completos do II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO; VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO.2016.

PLATÃO SAVIOLI, F. & FIORIN, J. L. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

RAMPTON, B.; MAYBIN, J.; ROBERTS, C. Methodological foundations in linguistic ethnography. Working Papers in **Urban Language & Literacies**. Paper 125, London, 2014.

REIS, S. Reflexões sobre uma jornada com destino à pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 1, p.101-118, 2006.

REIS, S.; EGIDO, A. A. Ontologia, epistemologia e ética como determinantes metodológicos em estudos da linguagem. In: REIS, S. (Org.) **História, políticas e ética na área profissional da linguagem**. Londrina: Eduel, 2017. p. 227-250.

RIBEIRO, S.C. R. **Projetos de letramento**: uma proposta para a ressignificação da produção escrita na escola. 2015. 484f. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Assis.

ROSSETO, E. A. **Impactos da Modernização da Agricultura na Paisagem Rural de Colorado**. Maringá: Trabalho final de conclusão da disciplina de Geografia para certificação do Programa de Desenvolvimento Educacional, 2010.

SANTOS, E. P.; FILHO, F. A. O plurilinguismo no gênero comentário online: encontro e confronto entre muitas vozes sociais. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 2, art. 16, p. 301-317, abr./jun. 2014.

SANTOS, I. B. de A. **Projetos de letramento na educação de jovens e adultos**: o ensino da escrita em uma perspectiva emancipatória. 2012. 312 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal

SCHLATTER, M. O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento. **Calidoscópio** Vol. 7, n. 1, p. 11-23, jan/abr 2009.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193- 217.

SILVA, N. A. G da. **Letramento escolar**: da oralidade à produção escrita argumentativa. 2015. 167f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

SOUZA, A. G. de. A importância dos projetos de letramento para o ensino -aprendizagem colaborativo. **Cadernos do CNLF**, vol. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

SOUZA, J. M. A. **O uso do celular na escola**: a implementação de um projeto de letramento nos anos finais do ensino fundamental.2015. 171f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

STREET, B. Dimensões “Escondidas” na Escrita de Artigos Acadêmicos. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 541-567, jul./dez. 2010.

_____. **Letramentos sociais:** Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno, São Paulo: Parábola editorial, 2014.

_____. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Brasil, n. 8, p. 465-488, aug. 2006. Disponível em: <http://revistas.usp.br/flp/article/view/59767>>. Acesso em: 31/05/2018.

_____. **What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice.** © 2003 Current Issues in Comparative Education, Teachers College, Columbia University, ALL RIGHTS RESERVED Current Issues in Comparative Education, Vol. 5(2).

TINOCO, G. M. A. DE M. **Projetos de letramento:** ação e formação de professores de língua materna. 2008. 254 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

TORQUATO, C. Interculturalidade, políticas de letramento e ensino. In: CARVALHO, A. D. (org.) **Interculturalidade e educação, encontro de pessoas e povos.** Porto: Edição Afrontamentos, 2013, p.75-89.

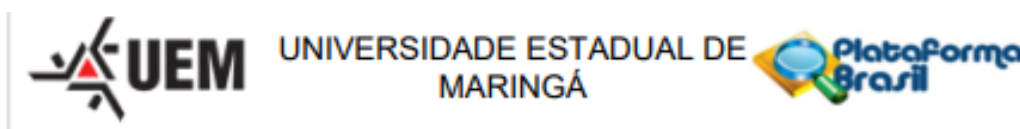
TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

UBER, T. de J. B. Artigo de opinião: estudos sobre um gênero discursivo. Artigo apresentado em conclusão ao PDE, realizado entre 2007 e 2008. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_terezinha_jesus_bauer_uber.pdf

VECCHIA, A. D.; JUNG, N. M.; PETERMANN, R. Interculturalidade e poder na produção de um artigo de opinião no ensino médio integrado. **Revista Entrepalavras**, v. 9, p. 297-323, 2019.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: letramento acadêmico, identidade e poder no ensino superior. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; DE GRANDE, P. **Letramentos:** rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em Linguística Aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 71 – 95.

ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Letramento escolar: Por que alunos do Ensino Médio têm dificuldades com a argumentação?

Pesquisador: Neiva Maria Jung

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 95417518.8.0000.0104

Instituição Proponente: CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.894.746

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar a (re)negociação de identidades sociais de alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma Escola do Campo, na produção de textos argumentativos escritos em um Projeto de Letramento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Participarão do estudo 30 estudantes do ensino médio. Para a implementação da pesquisa em sala de aula propõe-se uma pesquisa-ação. Para geração de dados, serão utilizados vários instrumentos, tais como: anotações de campo, produções de texto, rodas de conversa, gravações de aulas, questionários. De acordo com Fiad (2017), a concepção de letramento como prática social é dependente do contexto social e os estudos realizados nessa perspectiva são etnografias da linguagem que possibilitam o reconhecimento de práticas situadas. A etnografia da linguagem contribuirá para análise das ocorrências reais, levando em conta a interferência da ação social no

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4597

Fax: (44)3011-4444

E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 2.894.746

cenário escolar. Recorreremos à investigação do cotidiano escolar para entender padrões e características do posicionamento dos alunos na escrita em sala de aula, podendo indicar uma variedade rica de práticas de letramento locais, que muitas vezes são desconsideradas por agências externas. Outra fonte de dados será a aplicação de um Projeto de Letramento, que culminará uma produção escrita, envolvendo gêneros da esfera argumentativa. Vale ressaltar que em um projeto de letramento prioriza-se a necessidade real dos alunos, partindo sempre de alguma questão de interesse deles e de sua realidade suscitando, assim, ações que envolva atividades de leitura e escrita situadas em sentidos diferentes daqueles usualmente aplicados na escola. Por fim, analisar os dados a fim de verificar como alunos (re)agiram ou (re)elaboraram a argumentação em uma prática letrada situada a partir de um projeto de letramento. O orçamento previsto é de 250 reais, com financiamento próprio, e o cronograma está exequível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto devidamente preenchida e assinada, em anexo. TCLE em forma de carta convite, em anexo. Instrumento de pesquisa em anexo. Autorização do diretor da escola e do Núcleo regional de Educação em anexo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1167445.pdf	06/08/2018 13:36:57		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_assentimento.pdf	06/08/2018 13:32:59	Amanda Regina Bughi	Aceito
Outros	questionario_alunos.pdf	18/07/2018 17:45:31	Amanda Regina Bughi	Aceito
Outros	Autorizacao_NRE.pdf	18/07/2018 17:44:43	Amanda Regina Bughi	Aceito

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG, sala 4

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4597

Fax: (44)3011-4444

E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 2.894.748

Folha de Rosto	Folha_Rosto_Letramento_Escolar_Amanda.pdf	14/07/2018 09:53:33	Neiva Maria Jung	Acelto
Outros	Autorizacao_diretor.pdf	02/07/2018 13:50:01	Amanda Regina Bughi	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisa_completo.pdf	02/07/2018 10:19:13	Amanda Regina Bughi	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MARINGÁ, 14 de Setembro de 2018

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

ANEXO II – AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA EMITIDA PELO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO



Governo do Estado do Paraná
Secretaria de Estado da Educação
Núcleo Regional de Educação de Maringá



PROTOCOLO N ° 15.277.421-4

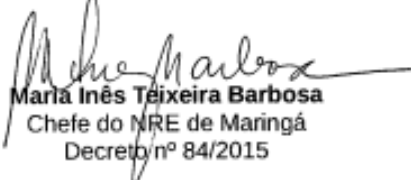
Maringá, 22 de outubro de 2018.

Prezado (a) Diretor (a):

Declaramos que este Núcleo Regional de Educação está de acordo com a condução do projeto de pesquisa intitulado "Letramento escolar: Por que alunos do Ensino Médio têm dificuldades com a argumentação?" da aluna Amanda Regina Bughi, do curso de pós-graduação em Letras - área de concentração: Estudos Linguísticos, em nível de Mestrado, da Universidade Estadual de Maringá-UEM, para realização de pesquisa com alunos do segundo ano do ensino médio da cidade de Colorado/PR, pertencentes à Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, sob a orientação da Prof. Dra. Neiva Maria Jung.

A presente pesquisa deve seguir a Resolução 466/2012 (CNS) e o Decreto nº 7037, de 2009.

Atenciosamente,


Maria Inês Teixeira Barbosa
Chefe do NRE de Maringá
Decreto nº 84/2015

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (Mestrado e Doutorado)
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E ESTUDOS LITERÁRIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES

Caro Responsável/Representante Legal,

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação de seu filho(a) na pesquisa intitulada “Letramento escolar: Por que alunos do Ensino Médio têm dificuldades com a argumentação?” que faz parte do curso Pós-Graduação em Letras (mestrado) e é orientada pela professora Neiva Maria Jung da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é investigar a (re)negociação de identidades sociais de alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma Escola do Campo, na produção de textos argumentativos escritos em um Projeto de Letramento. Para isto a participação de seu filho(a) é muito importante, e ela se dará da seguinte forma em sala de aula, em dia e horário estabelecidos, será desenvolvido um Projeto de Letramento, o qual, englobará leitura de textos, discussões temáticas e produção textual. As aulas também serão gravadas; será aplicado também um questionário que aborde questões acerca do tema discutido. Informamos que poderão ocorrer riscos como desconforto, timidez e retração dos discentes durante as aulas, previsíveis durante a gravação. Mas isso será contornado proporcionando aos participantes um período de ambientação com o equipamento de gravação (câmera e captador de som). Não são riscos ou desconfortos inaceitáveis à participação no estudo, lembrando que os dados serão sigilosos, estando disponíveis somente para análise do pesquisador. Os nomes dos participantes não serão divulgados, utilizando-se pseudônimos, quando necessário. Quanto ao material gravado, serão utilizados apenas os áudios transcritos, com o cuidado de não mostrar o rosto dos participantes, em publicações e discussões acadêmicas. Gostaríamos de esclarecer que a participação de seu filho(a) é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou à de seu filho(a). Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade, sua e a de seu (sua) filho(a) os registros gravados ficarão arquivados no banco de dados do grupo de pesquisa LEIAM. Os benefícios esperados alcançarão tanto a escola quanto a comunidade em que ela está inserida, pois uma pesquisa sobre as identidades negociadas na produção de textos argumentativos identificará as demandas de letramento que têm os sujeitos no determinado contexto, localizando espacial e temporalmente as práticas de linguagem e letramento de cada participante, fornecendo indicativas para um ensino de Língua Portuguesa, adequado à realidade da população local.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo que meu(inha) filho (a) participe VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Professora Neiva Jung.

Assinatura ou impressão datiloscópica

Data:.....

ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO ADOLESCENTE

Eu _____, li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste documento DE ASSENTIMENTO INFORMADO. Tendo sido totalmente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima, desde que meu pai/mãe (responsável) concorde com esta participação.

Assinatura ou impressão datiloscópica

Data:.....

Eu, Amanda Regina Bughi, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominada.

Assinatura do pesquisador

Data:.....

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Amanda Regina Bughi
Endereço: Avenida Parigot de Souza, 89, CEP 86690-000, Colorado-PR
Contatos:
(44) 999257865
Amanda_bughi@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:
COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.
Av. Colombo, 5790. UEM-PPG-sala 4.
CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444
E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (Mestrado e Doutorado)
ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E ESTUDOS LITERÁRIOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES

Caro aluno(a),

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada Letramento escolar: Por que alunos do Ensino Médio têm dificuldades com a argumentação?” que faz parte do curso Pós-Graduação em Letras (mestrado) e é orientada pela professora Neiva Maria Jung da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é investigar a (re)negociação de identidades sociais de alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma Escola do Campo, na produção de textos argumentativos escritos em um Projeto de Letramento. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma em sala de aula, em dia e horário estabelecidos, será desenvolvido um Projeto de Letramento, o qual, englobará leitura de textos, discussões temáticas e produção textual. As aulas também serão gravadas; será aplicado também um questionário que aborde questões acerca do tema discutido. Informamos que poderão ocorrer riscos como desconfortos, timidez e retração dos discentes durante as aulas, previsíveis durante a gravação. Mas isso será contornado proporcionando aos participantes um período de ambientação com o equipamento de gravação (câmera e captador de som). Não são riscos ou desconfortos inaceitáveis à participação no estudo, lembrando que os dados serão sigilosos, estando disponíveis somente para análise do pesquisador. Os nomes dos participantes não serão divulgados, utilizando-se pseudônimos, quando necessário. Quanto ao material gravado, serão utilizados apenas os áudios transcritos, com o cuidado de não mostrar o rosto dos participantes, em publicações e discussões acadêmicas. Gostaríamos de esclarecer que a sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade, os registros gravados ficarão arquivados no banco de dados do grupo de pesquisa LEIAM. Os benefícios esperados alcançarão tanto a escola quanto a comunidade em que ela está inserida, pois uma pesquisa sobre as identidades negociadas na produção de textos argumentativos identificará as demandas de letramento que têm os sujeitos no determinado contexto, localizando espacial e temporalmente as práticas de linguagem e letramento de cada participante, fornecendo indicativas para um ensino de Língua Portuguesa adequado à realidade da população local.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,..... declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Professora Neiva Maria Jung.

impressão datiloscópica

Data:..... Assinatura ou

Eu, Amanda Regina Bughi, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

_____ Data:.....
Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Amanda Regina Bughi

Endereço: Avenida Parigot de Souza, 89, CEP 86690-000, Colorado-PR

Contatos:

(44) 999257865

Amanda_bughi@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. UEM-PPG-sala 4.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3011-4444

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICE III – PROJETO DE LETRAMENTO - UNIDADE 1: O LUGAR ONDE VIVO

Objetivos da unidade:

- Resgatar observações, conhecimentos e sentimentos dos alunos sobre o lugar onde vivem.
- Possibilitar um novo olhar sobre o lugar onde os alunos vivem.
- Identificar questões polêmicas locais.
- Relacionar informações gerais com locais.
- Produzir uma carta de reclamação.

Para início de conversa...

Vamos ler o poema “Cidadezinha” de Mario Quintana:

Cidadezinha
(Mario Quintana)

Cidadezinha cheia de graça... Tão
pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça... Sua
igrejinha de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas, Não
param nunca nem um segundo... E fica a
torre, sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido, Sem
pouso fixo (a triste sina!) Ah, quem
me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

b

Mario Quintana, in: *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005.

1. Qual é o tema do poema?

2. Como você imagina a cidade descrita: grande ou pequena? Movimentada ou tranquila? Com a igreja de qual tamanho?

3. Estabeleça um paralelo entre a cidade descrita no poema e a sua.

4. As palavras no grau diminutivo utilizadas no início do poema, refletem apenas o tamanho da cidade? Justifique.

5. Quais são os sentimentos do eu-lírico em relação à cidade?

6. Quais são seus sentimentos em relação à cidade em que vive?



Imagem 1: Distrito.



Fonte: Google Maps (2018).

Conhecer, entender, respeitar e preservar as raízes e a origem de um povo, comunidade ou uma região é, acima de tudo, garantir a esse povo a condição de existir e proteger a sua identidade, valorizando e cultivando a sua história local, facilitando o entendimento e a inserção no contexto histórico não só regional, mas também nacional.

O entendimento e o conhecimento da história local têm o poder de nos fazer reconhecer como agentes participativos e transformadores do local onde vivemos. O entendimento das origens e raízes, como membros de uma comunidade ou um grupo social faz com que possamos nos sentir realmente agentes participativos do processo histórico.

O que você sabe sobre a história do lugar onde vive? O que seus pais, avós ou parentes contam sobre ele?

Vamos conversar com eles sobre fatos dos dois locais?

A seguir, leremos alguns textos retirados de duas revistas datadas do ano de 1982 e 1994, distribuídas para a população de que trazem dados de nossa colonização, pioneiros, construções, fotos, etc.

Texto 1

DISTRITO

Em 1949 teve início a formação do Distrito. Entre seus primeiros moradores destacamos: José Queiróz Vieira, Giocondo Franquini, João Gonçalves Primo, Alvaro Colete, Emilio Colete, Luiz Faquinete, Egidio Faquinete, Rubens Zanqueta, Mario Gonçalves Primo, Antonio Joaquim dos Santos, Iwao Koyama, Jorge Nacamura, Sadao Takigami, Tamaki Miyamoto, a família Miyamura, família Omori, Otaviano Marroni, Domingos Marroni, Ernesto Marroni, José Ferreira Bispo, Francisco Domingues, Pedro Machado da Silva, Herminio Tolentino, Valter Piffer, Herminio Marata, Irmo Marata, Adelino Adão Gordim, João Gomes Pereira, Alvino Borges Ferreira, Família Gill, Antonio de Freitas, José Atanasio, Tertulino Pinto da Silva, e tantos outros que trabalharam incansavelmente para o desenvolvimento de

Hoje destaca-se como um dos mais populosos e progressistas da região.

Conta com ruas arborizadas, praças e todos os benefícios necessários. O comércio é bastante diversificado. Uma subagência (Banestado). Posto de Saúde, Telefone, Delegacia, Uma cancha de Esportes e a nova Igreja Matriz N. S. Aparecida. Têm no vereador Mario Gonçalves Primo seu representante na Câmara Municipal. Destacamos em Alto Alegre, distante por apenas 3 km, da sede, a Fazenda Junqueira, empresa agropecuária na qual está instalada a Destilaria



Pioneiros e autoridades



Primeira Igreja



Primeira Escola

Texto 2

DISTRITO

LOCALIZAÇÃO:

Latitude: 22°48'

Longitude: 51°52'

CLIMA:

Tropical úmido, Mesotérmico

SOLO:

Latossolo Vermelho-escuro: 1.495 Hectares - 46%

Podzólico Vermelho-escuro: 1.332 Hectares - 41%

Areias Quartzosas: 358 Hectares - 11%

Terra Roxa Estruturada: 65 Hectares - 2%

ÁREA TERRITORIAL:

Área estimada: 32,5 km²

POPULAÇÃO	1991 CENSO/IBGE	30/09/94 ESTIMATIVA
URBANA.....	1.991	2.265
RURAL.....	480	360
TOTAL.....	2.471	2.625

ELEITORES:

Inscritos: 1.656

Votaram em 03/10/94..... 1.367

A COLONIZAÇÃO

A colonização teve início em 1949, num processo semelhante ao de Colorado.

Os pioneiros chegaram, derrubaram as matas para plantio de lavouras, principalmente café, e construíram suas casas. Ao mesmo tempo em que se formavam as propriedades rurais, foram surgindo os primeiros estabelecimentos comerciais e residenciais, que deram origem à comunidade urbana.

No local denominado "Barra Funda" foram instalados a primeira serraria e o primeiro "armazém".

Mais famílias foram chegando e construindo suas casas, a primeira igreja, a segunda igreja, a primeira escola, até chegar ao que é hoje o Distrito

CRIAÇÃO DO DISTRITO

Pela Lei municipal nº 49, de 21 de setembro de 1962, na gestão do prefeito Arcílio Franquini, foi criado "oficialmente" o Distrito



Pioneiros não identificados



"Puxadores de Toras"

1955 Irmãos Osvaldo, Olivio e Orlando Murega

Texto 3

DISTRITO



Olivio Marega, Teté e Mário Primo.

Mário Gonçalves Primo chegou em [redacted] no ano de 1.951, com os pais, João Gonçalves Primo e Josefina Pelarim. Foram Morar na Fazenda Fuganti (atual Fazenda Junqueira). O pai era "tirador de toras", e Mário, com 14 anos na época, teve seu primeiro emprego na serraria da fazenda. Segundo ele, "na Barra Funda já haviam um armazém e duas serrarias, uma pensão, um bar e uma farmácia; e próximo ao centro tinha umas oito casas". De 1.952 a 1.957, "mais ou menos", foi LOCUTOR de um serviço de Alto-falante, instalado num armazém. Em 1.959 casou-se com Lourdes Faquinete Gonçalves. Foi vereador em duas legislaturas: 73/76 e 77/83.

A PRIMEIRA ESCOLA

"O salão do clube da comunidade japonesa de [redacted], serviu como escola durante uns quatro anos, até que na gestão de Jerônimo Ribeiro foi construído o Grupo Escolar Tereza Cristina, onde fui professor em 1.961 ou 1.962", lembrou Mário Primo.

IGREJA CATÓLICA - CONSTRUÇÃO

A atual Igreja é a quarta construída em [redacted]. Em 1.975 foi demolida a terceira, e construído o salão paroquial, onde várias festas e promoções foram realizadas para arrecadar fundos destinados à construção da Igreja. Foi concluída em 1.982, com a ajuda da comunidade e "verbas vindas da Alemanha", solicitadas pelo Padre Amauri.



Terceira Igreja Católica, em construção 1957/1958.

Lançamento da Pedra Fundamental da 4ª Igreja.



"IGREJA ATUAL"

O CORREIO

Segundo Mário Primo, de 1949 a 1953, em uma casa de madeira coberta com "tabuinhas", funcionou uma "agência de correios", sob a responsabilidade de José Queiroz Vieira, o Teté.



Após ler esses recortes da nossa história, vamos acessar o site da Prefeitura Municipal para observar as notícias apresentadas e também pesquisar dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para saber números da população local atualmente.

Responda:

- a) De que modo foi construída nossa cidade? Em que ano?

- b) A nossa cidade é predominantemente urbana ou rural? Por quê?

- c) Que mudanças ocorreram ao longo dos anos em nossa cidade?

- d) Em que aspectos nossa cidade pouco mudou?

- e) E quanto ao número de habitantes, aumentou ou diminuiu?

- f) Ao longo do tempo, quais foram as ocupações de seus habitantes?

- g) E em relação aos espaços de lazer, o que mudou e o que permaneceu ao longo dos anos?

- h) Há saneamento básico no bairro onde você mora?

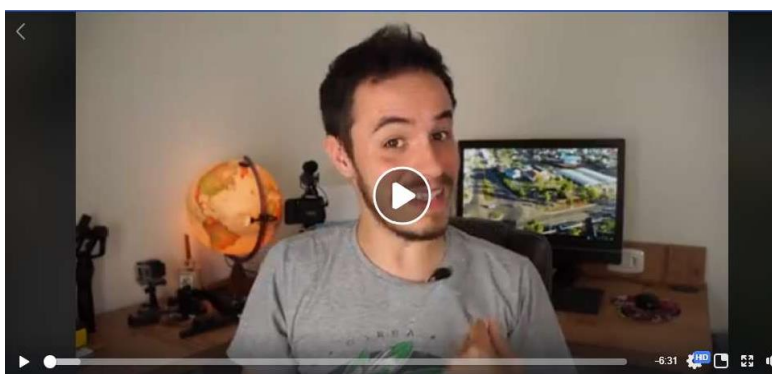
- i) Há coleta sistemática do Lixo? Há coleta seletiva ou reciclagem do lixo?

- j) As ruas de seu bairro possuem calçamento?

- k) É constante a presença de viaturas da polícia para a garantia da segurança dos moradores?



Veremos agora um vídeo do jornalista e Youtuber Diogo Elzinga, que traz algumas informações sobre a cidade, e já possui mais de 100 mil visualizações. No vídeo ele comenta sobre dados históricos, costumes da população, a usina e também sobre o Rodeio.



Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=fkouJKWd3l8> > Acesso em: 18/10/2018.



Discutindo sobre o que vimos e ouvimos...

Devido à Festa do Peão, festa tradicional e muito popular na região e também conhecida por pessoas de diversos estados do Brasil, há alguns estereótipos que foram criados em relação à nossa população. Um exemplo citado no vídeo pelo jornalista é “Dizem que a criançada de lá já nasce montada em cima de boi e de cavalo”. Como morador você enxerga a si e a todos as outras pessoas daqui dessa forma? Seria isso uma forma de violência simbólica?

O que é violência simbólica?

Para Pierre Bourdieu, sociólogo francês, os seres humanos possuem quatro tipos de capitais, são eles: 1) o capital econômico, a renda financeira; 2) o capital social, suas redes de amizade e convívio; 3) o cultural, aquele que é constituído pela educação, diplomas e envolvimento com a arte; 4) capital simbólico, que está ligado à honra, o prestígio e o reconhecimento. É através desse último capital que determinadas diferenças de poder são definidas socialmente. Por meio do capital simbólico, é que instituições e indivíduos podem tentar persuadir outros com suas ideias. A violência simbólica se dá justamente pela falta de equivalência desse capital entre as pessoas ou instituições. O conceito foi definido por Bourdieu como uma violência que é cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem a pratica, sem que, frequentemente, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo.

Henrique Nascimento. Entenda o que é violência simbólica. Disponível em:

< <https://www.uninassau.edu.br/noticias/entenda-o-que-e-violencia-simbolica> > Acesso em: 18/10/2018.



Leitura de produções locais

Entre os anos de 2007 e 2010, tivemos um projeto literário intitulado “Concurso Literário” em que estudantes e pessoas da comunidade poderiam inscrever seus poemas no concurso, estes posteriormente seriam avaliados por uma banca e os escolhidos eram publicados em uma coletânea distribuída gratuitamente na cidade. Leremos a seguir, alguns poemas que mostram a visão dos autores sobre o lugar onde vivemos:

Cortadora de Cana
Cícero Mariano
Acordo bem cedo,
Preciso trabalhar.
Tenho que ir para o corte de cana
Não posso me atrasar.
Se descuido perco o ônibus, como irei
trabalhar?
Preciso me apressar!
Preciso preparar minha marmita,

Senão fome vou passar E
não vou aguentar...

Mas, antes tenho que deixar
tudo pronto,
Tenho que me apressar,

As crianças vão para a escola
Os menores na creche vão ficar...
Como dói meu coração,
Vem na mente preocupação...
Só Deus pode meus filhos guardar!
Tenho que trabalhar,
O sol ardendo vou enfrentar,
Mas preciso, meus filhos, ali entrar.

Como é doloroso, perdi meu marido, ele
faleceu tão novo!
Não posso ficar sem trabalhar, quem vai nos
sustentar?
Surgiu então o corte e cana
É duro, mas quem necessita,
não reclama,
Encara a peleja com seu drama,
Pois, por meus filhos vou lutar!
Tenho que me apressar,
Lá vem o transporte rural,
Colegas esperam ansiosos,
Como todos os dias
É a mesma correria,
Mas é prazeroso,
Pois vamos em busca de pão... Preciosa é
nossa sina, no corte da cana,
Trabalhamos com prazer,
Esse é nosso dever,
Sou deles a guarda, a guarida...
Não importa o que eu tenha que

Chegamos no campo de trabalho,

Nossas ferramentas pegamos,
Vamos ao canavial.
Meu corpo está no trabalho,
Mas meu coração de mãe não sossega, Meu
pensamento navega
E vem novamente a lembrança,
Como estão minhas crianças? A
preocupação é total
Preciso me concentrar,

Deus, guarde meus filhos!
Para que a eles não aconteça nenhum mal.
Como as horas demoram a passar!

Preciso relaxar
Até o dia encerrar
Quando volto para o meu lar, E
meus filhos abraçar.
Quando com emoção,
Alívio meu coração
E isso me satisfaz...
Sou mãe, sou pais, meus filhos são minha vida.

passar! Amanhã começarei tudo de novo,
não importa.
Graças a Deus que existe essa “porta” Que
é o corte de cana,
Pois quem quer trabalhar
Não reclama, Eu preciso
trabalhar!

Cana

Cristiane de Oliveira

Pego-me ali sentado,
 Mourão de Cedro,
 Curioso a observar,
 O gado sereno a pastar.
 Pasto seco;
 Que tristeza me dá!
 Olho em volta da fazenda, Só
 vejo cana a nos cercar, Choro
 calada,
 Sem lágrimas
 Derramar.
 Pergunto-me, onde está?
 Onde está o campinho, Que
 nas tarde de domingo Íamos
 brincar?
 Não há mais!
 Existiam casas ali,
 Grandes pomares!
 -Hoje onde estão?
 Tudo o que se vê agora é cana.
 Progresso, opção para quem
 Quer lucrar sem ter que se preocupar.
 Cadê a mangueira
 Que tão doces frutos nos dava?
 Fornecia sua sombra como descanso,
 No meio do pasto que eu costumava
 Antes cavalgar?

Em pouco tempo em cana também

Irá virar;
 Mas no coração permanecem as
 Lembranças
 Da vida, corrida, sofrida, feliz,
 Que por sobrevivência me desfiz.
 Após um duro dia de trabalho,
 Choro calada,
 A vida era sofrida.
 Muito exigia! Mas era feliz.
 Hoje pouco se exige. Estou tão triste!
 Fazenda antes leiteira e cafeeira,
 Agora tem apenas um pasto cercado por
 cana,
 Vejo que nada mais aqui se pode plantar.

Tudo aqui ficou,
 Foram sonhos, lembranças
 De um passado distante,
 Aonde brindei o fim da colheita.

Com muito suor,
 Brindo agora num cálice de
 Lágrimas, um contrato onde deixo
 De ser produtor, passo de agricultor para ser de
 imediato,
 Um arrendatário...
 E ao contrário de muitos, o faço
 Com muita dor,
 Mas, um último ar vim buscar!

Minha cidade
Ruth Santos Pereira

Lugares lindos, lugares acabados, Plantação
de cana por todos os lados. Pessoas
amigáveis, outras com enormes curiosidades
Mas nada que não exista em outras cidades.

Movimento moderado, ônibus no ponto
parado,
Trabalhadores cansados, loucos para serem bem
pagos.
Lojas enfeitadas, esperando o pagamento
chegar,
Cidade sem recursos, sem ter onde o
dinheiro gastar.

A escola é bem movimentada.
Alunos estudando, outros contando piadas.
Alguns pensam no futuro, contentes, Outros
nem pensam no futuro e nem no presente.

Cidade bastante religiosa, Seja
evangélica, seja católica, Cidade
às vezes parada,
Mas até que para alguns, maravilhosa.

Como toda cidade, tem pobreza;
Como todo lugar, tem nobreza;
No campo da política tem destreza,
Todos se conhecem com clareza.

O ar poluído, um cheiro horrível!
Permanente,
Fica na gente.
Não é um lugar ruim demais,
Depende do gosto dos habitantes locais.
Como todo lugar, tem problemas;
Como todo lugar, tem dilemas.
Mas é claro que existem coisas boas,
A cidade são os habitantes que fazem.
Pessoas competentes
Cidade boa e excelente! Por
isso me sinto contente,
Sou apaixonado!

Minha terra
Janaína Danieli Lima
Eu nasci na Cidade E
aqui quero ficar,
Pois aqui há coisas maravilhosas
Que devemos apreciar.
O rodeio
É sempre uma sensação,
Quando o peão entra na arena,
Bate forte o coração.

Na usina
Muita gente vai trabalhar
Para garantir o sustento E o
açúcar fabricar.

O povo é sonhador,
Trabalhador e solidário, Ajuda
sempre que pode Todos que
não têm trabalho.
Nos cafezais da região
Muitas famílias dão duro
Para conseguir um bom sustento E
dar aos filhos um bom futuro.

Ser católico ou evangélico
Eis aqui a questão,
Somos o que queremos ser
Com Jesus no coração.
Aqui tínhamos um padre,
Que nos deixou contente,
Seja sempre o "Dom Dirceu",
Presente em nossas mentes.
Com tanta beleza E
muita simpatia,
Colorado será para sempre A
terra da alegria.

Dos lugares onde já fui, Das
cidades onde passei,
Colorado é o lugar
Que jamais esquecerei.

Na última estrofe do poema “Minha cidade”, Ruth Santos diz que a cidade tem problemas, mas também tem coisas boas. Vemos também a menção à paisagem de cana-de-açúcar que toma conta de nossa região.

Agora é sua vez!



A exemplo dos escritores locais, escreva um texto apresentando suas impressões sobre o lugar onde vive.

A seguir, faremos uma pesquisa com os moradores para verificar quais os principais problemas da cidade apontados por eles. Os temas mais comentados serão utilizados para fazer uma carta de reclamação às autoridades municipais.

Sistematizando os dados

Número de pessoas entrevistadas: _____

Principais problemas apontados:

Proposta de produção!

Agora que já reconhecemos um pouco da história da nossa cidade, ouvindo nossos pais e avós, lendo textos de circulação local e que foram publicados em outra época, lendo poemas sobre nossa cidade, bem como assistindo um vídeo de circulação nacional, identificamos também problemas locais. Com base nesses reconhecimentos, escreva uma CARTA DE RECLAMAÇÃO, destinada ao prefeito da cidade, mostrando pontos de insatisfação dos moradores e/ou problemas do distrito e pedindo que providências sejam tomadas, a fim de solucionar os problemas e melhorar o bem-estar das famílias. Você pode também apontar soluções a partir de situações semelhantes em outras cidades.

APÊNDICE IV – PROJETO DE LETRAMENTO – UNIDADE 2: TRABALHO**Objetivos:**

- Discutir sobre a escolha profissional e a sua relação com o futuro.
- Pensar nas possibilidades de trabalho no local onde vivem.
- Reconhecer vozes dentro do texto.
- Usar conectivos.
- Ler e escrever artigos de opinião.

Para início de conversa...



Fonte: Quino (2003, p. 374, tira 3).

Escolher uma profissão torna-se uma necessidade em determinada época de nossas vidas, e os jovens têm grande dificuldade em fazer essa opção, principalmente porque o número de profissões aumenta cada vez mais e o mercado de trabalho torna-se cada vez mais exigente e competitivo. Nesta unidade, discutiremos essas questões, atreladas à realidade local.

Responda ao questionário a seguir, para que possamos refletir a respeito de algumas considerações iniciais:

1. Qual a importância do trabalho para você?

2. Que profissão gostaria de exercer ou escolheu para seu futuro?

3. Você já trabalha? Qual tipo de serviço exerce?

4. Você considera que o distrito em que vive oferta condições de crescimento profissional?

5. Em sua opinião, os conteúdos ensinados na escola contribuem para sua formação pessoal? O que deveria ser modificado?

6. Você se sente preparado para prestar concurso vestibular e Enem?

7. Você tem a intenção de cursar uma graduação?

8. Haveria algum impedimento de cursar uma graduação. Se sim, qual (ais)?

9. Quais são suas expectativas em relação ao futuro?



Todo texto traz a voz daquele que enuncia, que fala, mesmo quando sua presença não está textualmente marcada. Há sempre um “eu” por trás de qualquer discurso, mas, além dele, podem ser evocadas diversas vozes, que trarão seus próprios discursos: a de outros autores, a da cultura geral, a do senso comum. Isso ocorre quando o autor dá a palavra a outros enunciadores por concordar ou discordar de seus discursos. Para Bakhtin, filósofo da linguagem, o conceito de ‘voz’ é uma espécie de consciência que fala ou se revela no discurso, sendo carregada de um juízo de valor, de uma visão do mundo, decorrente da natureza ideológica e dialógica da linguagem.

Nos textos que serão lidos a seguir, além de discutir a temática, identificaremos também quais são as vozes presentes neles e de qual perspectiva estão sendo enunciados.

Texto 1

Muito cedo para decidir Rubem Alves

Gandhi se casou menino. Foi casado menino. O contrato foram os grandes que assinaram. Os dois nem sabiam direito o que estava acontecendo, ainda não haviam completado 10 anos de idade, estavam interessados em brincar. Ninguém era culpado: todo mundo estava sendo levado de roldão pelas engrenagens dessa máquina chamada sociedade, que tudo ignora sobre a felicidade e vai moendo as pessoas nos seus dentes. Os dois passaram o resto da vida se arrastando, pesos enormes, cada um fazendo a infelicidade do outro.

Vocês dirão que felizmente esse costume nunca existiu entre nós: obrigar crianças que nada sabem a entrar por caminhos nos quais terão de andar pelo resto da vida é coisa muito cruel e... burra! Além disso já existe entre nós remédio para casamento que não dá certo.

Antigamente, quando se queria dizer que uma decisão não era grave e podia ser desfeita, dizia-se: “isso não é casamento!”. Naquele tempo, sim, casamento era decisão irremediável, para sempre, até que a morte os separasse, eterna comunhão de bens e comunhão de males. Mas agora os casamentos fazem-se e desfazem-se até mesmo contra a vontade do Papa, e os dois ficam livres para começar tudo de novo...

Pois dentro de poucos dias vai acontecer com nossos adolescentes coisa igual ou pior do que aconteceu com o Gandhi e a mulher dele, e ninguém se horroriza, ninguém grita, os pais até ajudam, concordam, empurram, fazem pressão, o filho não quer tomar a decisão, refuga, está com medo. “Tomar uma decisão para o resto da minha vida, meu pai! Não posso agora!” e o pai e a mãe perdem o sono, pensando que há algo errado com o menino ou a menina, e invocam o auxílio de psicólogos para ajudar... Está chegando para muitos o momento terrível do vestibular, quando vão ser obrigados por uma máquina, do mesmo jeito como o foram Gandhi e Casturbai (era esse o nome da menina), a escrever num espaço em branco o nome da profissão que vão ter. Do mesmo jeito não: a situação é muito mais grave. Porque casar e descasar são coisas que se resolvem rápido. Às vezes, antes de se descasar de uma ou de um, a pessoa já está com uma outra ou um outro. Mas, com a profissão não tem jeito de fazer assim. Pra casar, basta amar.

Mas na profissão, além de amar tem de saber. E o saber leva tempo pra crescer.

A dor que os adolescentes enfrentam agora é que, na verdade, eles não têm condições de saber o que é que eles amam. Mas a máquina os obriga a tomar uma decisão para o resto da vida, mesmo sem saber.

Saber que a gente gosta disso e gosta daquilo é fácil. O difícil é saber qual, dentre todas, é aquela de que a gente gosta supremamente. Pois, por causa dela, todas as outras terão de ser abandonadas. A isso que se dá o nome de “vocação”; que vem do latim, *vocare*, que quer dizer “chamar”. É um chamado, que vem de dentro da gente, o sentimento de que existe alguma coisa bela, bonita e verdadeira à qual a gente deseja entregar a vida.

Entregar-se a uma profissão é igual a entrar para uma ordem religiosa. Os religiosos, por amor a Deus, fazem votos de castidade, pobreza e obediência. Pois, no momento em que você escrever a palavra fatídica no espaço em branco, você estará fazendo também os seus votos de dedicação total à sua ordem. Cada profissão é uma ordem religiosa, com seus papas, bispos, catecismos, pecados e inquisições.

Se você disser que a decisão não é tão séria assim, que o que está em jogo é só o aprendizado de um ofício para se ganhar a vida e, possivelmente, ficar rico, eu posso até dizer: “Tudo bem! Só que fico com dó de você! Pois não existe coisa mais chata que trabalhar só para ganhar dinheiro.”

É o mesmo que dizer que, no casamento, amar não importa. Que o que importa é se o marido — ou a mulher — é rico. Imagine-se agora, nessa situação: você é casado ou casada, não gosta do marido ou da mulher, mas é obrigado a, diariamente, fazer carinho, agradar e fazer amor. Pode existir coisa mais terrível que isso? Pois é a isso que está obrigada uma pessoa, casada com uma profissão sem gostar dela. A situação é mais terrível que no casamento, pois no casamento sempre existe o recurso de umas infidelidades marginais. Mas o profissional, pobrezinho, gozará do seu direito de infidelidade com que outra profissão? Não fique muito feliz se o seu filho já tem ideias claras sobre o assunto. Isso não é sinal de superioridade. Significa, apenas, que na mesa dele há um prato só. Se ele só tem nabos cozidos para comer, é claro que a decisão já está feita: comerá nabos cozidos e engordará com eles. A dor e a indecisão vêm quando há muitos pratos sobre a mesa e só se pode escolher um.

Um conselho aos pais e aos adolescentes: não levem muito a sério esse ato de colocar a profissão naquele lugar terrível. Aceitem que é muito cedo para uma decisão tão grave. Considerem que é possível que vocês, daqui a um ou dois anos, mudem de ideia. Eu mudei de ideia várias vezes, o que me fez muito bem. Se for necessário, comecem de novo. Não há pressa. Que diferença faz receber o diploma um ano antes ou um ano depois?

Em tudo isso o que causa a maior ansiedade não é nada sério: é aquela sensação boba que domina pais e filhos de que a vida é uma corrida e que é preciso sair correndo na frente para ganhar. Dá uma aflição danada ver os outros começando a corrida, enquanto a gente fica para trás.

Mas a vida não é uma corrida em linha reta. Quando se começa a correr na direção errada, quanto mais rápido for o corredor, mais longe ele ficará do ponto de chegada. Lembrem-se daquele maravilhoso aforismo de T. S. Eliot: “Num país de fugitivos os que andam na direção contrária parecem estar fugindo.” Assim, Raquel, não se aflija. A vida é uma ciranda com muitos

começos. Coloque lá a profissão que você julgar a mais de acordo com o seu coração, sabendo que nada é definitivo. Nem o casamento. Nem a profissão. E nem a própria vida...

Rubem Alves. “Estórias de quem gosta de ensinar — O fim dos vestibulares”, editora ArsPoetica — São Paulo, 1995, pág. 31.



Após termos lido e discutido a respeito das ideias defendidas no texto, agora responderemos algumas questões envolvendo o tema do texto e, também a análise linguística.

1. Quais ideias são defendidas no texto?

Observe no quadro os possíveis tipos de argumentos que podem ser utilizados para defender um ponto de vista e responda à questão 2.

Argumentos	Explicação
De autoridade	Ajuda a sustentar sua posição, lançando mão da voz de um especialista, uma instituição de pesquisa considerada autoridade no assunto, etc.
De exemplificação	Relata um fato ocorrido com ele ou com alguém para dar um exemplo de como aquilo que ele defende é válido.
De provas	Comprova seus argumentos com informações incontestáveis, dados estatísticos, fatos históricos, acontecimentos notórios.
De princípio ou crença pessoal	Refere-se a valores éticos ou morais supostamente irrefutáveis
De causa e consequência	Afirma que um fato ocorre em decorrência de outro.

02 - Assinale abaixo o único recurso argumentativo que NÃO foi utilizado no texto.

- a) Exemplificação.
- b) Citação de falas alheias.
- c) Argumento de autoridade.
- d) Interpelação ao receptor.

03 - Só NÃO se pode inferir do texto que a

- a) decisão profissional satisfatória demanda maturidade e conhecimento de opções.
- b) obrigação de tomar decisões precocemente, as quais afetarão a vida futura, é não só um engano como uma temeridade.

- c) aproximação entre sagrado e profano está presente no texto por meio de comparações.
 d) escolha profissional e a conjugal encontram-se em um mesmo patamar de importância.

4. Com base no texto, assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa:

- () O autor critica certa banalização na escolha da profissão, decorrente da pressão imposta pelo ritmo acelerado da sociedade moderna.
 () O autor faz uso do padrão linguístico socialmente considerado modelar por se dirigir formalmente aos pais de jovens em fase pré-vestibular.
 () A ironia é um recurso usado pelo autor para expressar seu ponto de vista acerca da decisão profissional.
 () O casamento, na atualidade, apresenta o mesmo caráter inexorável de que era revestido no passado. Assinale a alternativa com a sequência correta.

- a) V – F – V – F c) F – V – V – V b) V – V – V – V d) V – F – F – F

05- Leia o trecho abaixo e analise as proposições. “Naquele tempo, sim, casamento era decisão irremediável, para sempre, até que a morte os separasse, eterna comunhão de bens e comunhão de males.”

I - A expressão para sempre refere-se tanto ao substantivo casamento, quanto à expressão adverbial “naquele tempo”.

II - Em “eterna comunhão de bens e comunhão de males” há um trocadilho entre bens e males, já que bens tanto pode se referir a objetos materiais quanto a valores morais.

III - O termo “sim” entre vírgulas é uma marca de oralidade, portanto as vírgulas podem ser suprimidas.

IV - No trecho “... até que a morte os separasse...” a expressão até que indica um limite temporal. Estão corretas apenas:

- a) I e II. c) II e III. b) II e IV. d) III e IV.

06 - Assinale a opção em que todas as palavras destacadas retomam um termo ou uma oração já citado anteriormente no texto.

a) “Em tudo isso o que causa a maior ansiedade não é nada sério: é aquela sensação boba que domina pais e filhos de que a vida é uma corrida e que é preciso sair correndo na frente para ganhar.”

b) “Saber que a gente gosta disso e gosta daquilo é fácil.”

c) “Pois, por causa dela, todas as outras terão de ser abandonadas. A isso que se dá o nome de ‘vocação’; que vem do latim, vocare, que quer dizer ‘chamar.’”

d) “Um conselho aos pais e aos adolescentes: não levem muito a sério esse ato de colocar a profissão naquele lugar terrível.”

07. Releia o terceiro e o nono parágrafos, eles apresentam uma linguagem cheia de certeza com afirmações categóricas. Identifique em cada parágrafo uma marca linguística que confirme isso.

Texto 2

A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país

Os dados divulgados da PNAD-Contínua têm como base o ano de 2017 e mostram alta de 5,9% no número de jovens, entre 15 e 29 anos de idade, que não estudam nem trabalham ou se qualificam.

Elisabete Adami Pereira dos Santos, professora da PUC-SP

Continuo no propósito de falar sobre o grande problema do desemprego que afeta principalmente os jovens em nosso país, conforme o que disse nos três últimos artigos aqui nesta coluna. Porém, a relação desse desemprego com a educação, ou melhor com a falta dela, é concreta, real, e reverbera a crueldade.

Confirmando os dados que o Banco Mundial usou para, especificamente, falar dos problemas do mercado de trabalho para os jovens brasileiros, e que eu havia reproduzido em alguns dos artigos, eis que são publicadas informações relevantes pelo IBGE, constantes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), e que foram divulgadas no dia 18/05 último.

Os dados divulgados da PNAD-Contínua têm como base o ano de 2017 e mostram alta de 5,9% no número de jovens, entre 15 e 29 anos de idade, que não estudam nem trabalham ou se qualificam. São os chamados “nem-nem”.

Esse aumento elevou o número para 11,1 milhões de pessoas nessa faixa etária, representando, portanto, quase 23% do universo total da faixa que é de 48,5 milhões de pessoas.

O aumento se deveu mais pelos que estavam no mercado de trabalho porque o número dos que não estudam permaneceu estável. Continuamos ou não abrindo oportunidades para os jovens ou expulsando-os do mercado.

O número não ter crescido em função dos que não estudam não deve servir de alento, pelo contrário. Temos, no total, 25,1 milhões de jovens, que não estavam matriculados, em 2017, em qualquer tipo de curso de ensino regular, pré-vestibular, técnico de nível médio ou de qualificação profissional, mas também não haviam concluído uma graduação, ou seja, ainda tinham o ensino superior incompleto.

Voltando a um dos temas de um dos meus artigos aqui: uma coisa leva a outra, que leva a outra, que volta à uma. Não estar no mercado de trabalho pode ser encarado como uma situação conjuntural, e pode ser, portanto, passageira. Porém, não estar estudando, ou mesmo se qualificando tecnicamente, produz um efeito estrutural: quando, e se, a economia e o mercado de trabalho tiverem se recompostos, por volta de 25 milhões dos nossos jovens não estarão preparados para ele, e a impiedade será um fato.

Marques, Cláudio. A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país. **Estadão.** 26 de maio de 2018. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/radar-do-emprego/a-crueldade-do-mercado-de-trabalho-para-os-jovens-do-pais/>.

Texto 3



Fonte: G1. <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/desemprego-e-maior-entre-jovens-mulheres-e-trabalhadores-sem-ensino-superior.ghtml>

Texto 4

Os desafios do início da carreira profissional

Especialista apresenta dicas para o ingresso no mercado profissional

André Prado*

O início da vida profissional pode ser difícil para alguns jovens. Se for questionado nas salas de aulas do país quem está à procura de um emprego ou quem quer ser dono de seu próprio negócio, parte considerável escolherá primeira opção. Acontece que o mercado de trabalho não é mais o mesmo e a automação tem diminuído parte das vagas disponíveis.

O sonho de diversos formandos ou recém-formados desejosos de ingressar principalmente em multinacionais, indústrias ou instituições renomadas tem ido por água abaixo em muitos casos. A estrutura das conceituadas corporações não consegue absorver a quantidade de profissionais lançados no mercado. Muitos desejam devolver uma carreira nestas organizações, mas poucos conseguem passar pelo exigente crivo proposto. No entanto, no mercado de trabalho ainda existe de tudo um pouco.

Algumas vagas disponíveis nas empresas ainda são disputadas por competência, entretanto ainda existem organizações no mercado de trabalho que contratam pelo QI, que, ao invés de significar Quociente de Inteligência, sugere o popularizado termo “Quem Indica”. Quando a contratação ocorre por indicação dentro de um processo seletivo, algumas vezes, candidatos com bons currículos passam por várias etapas, mas depois ficam sabendo que alguém indicado angariou a vaga. Lamentavelmente isto ainda ocorre em algumas empresas. Inclusive é crescente o número de organizações que não concede um retorno com informações ao candidato sobre os motivos pelos quais não foi escolhido.

Cabe ressaltar que nem sempre alguém indicado será capaz de atender o perfil desejado pelas corporações. Porém ainda existem organizações que adotam a indicação como meio de seleção. Em contrapartida, aqueles que conseguem ingressar nas corporações por competência, além de um processo seletivo acirrado pela quantidade de candidatos, acabam se deparando com uma série de reivindicações para preencher os requisitos da vaga.

Uma boa parte das empresas tem extrapolado nos níveis de exigências, mas assim procedem para selecionar os melhores talentos. Porém, é bom lembrar que nem sempre o candidato que apresenta as melhores qualificações curriculares será o que apresentará melhores resultados na execução prática das tarefas. Portanto, é preciso verificar durante o prazo de experiência como o novo colaborador se comporta e como age diante dos desafios atribuídos. Está certo que o prazo de experiência dependendo da função não é longo o suficiente para avaliar diversas competências e habilidades do contratado, mas é possível conceder uma visão.

Outra dificuldade para os que ingressam no mercado de trabalho é a tão desejada experiência. Entretanto, se nenhuma empresa der oportunidade, como um profissional poderá adquirir experiência?

A questão de se exigir experiência pode ser algo complicado, pois dependendo da empresa que um profissional tenha trabalhado anteriormente, a experiência adquirida pode até ser prejudicial ao invés de benéfica. Afinal, nem sempre o que foi uma experiência útil no passado pode ser de bom proveito para produzir uma boa solução para o presente. Analisando por outra ótica, o fato de contratar profissionais sem experiência pode permitir à empresa treinar este profissional de acordo com a sua cultura organizacional, exigindo obviamente que este novo colaborador tenha o espírito empreendedor, seja dinâmico, inovador e traga soluções.

Abraçando oportunidades

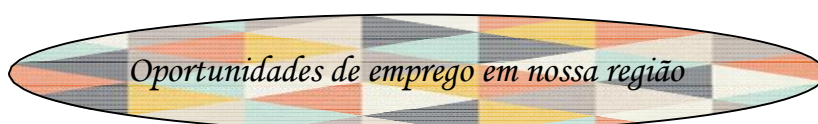
Uma boa opção para ingressar no mercado de trabalho pode ser se engajar no serviço voluntário. Além de dignificante o voluntariado permite em geral uma ocupação nobre permitindo ao voluntário adquirir experiência em algumas atividades que podem ser úteis para a sua área de formação.

Outra possibilidade para ingresso nas organizações torna-se possível através das vagas para estagiários que podem estar inclusive cursando os últimos anos. Em tempos de crise aumenta ainda mais a preferência das empresas em contratos desta modalidade. Isto ocorre em função de que estagiários podem estar mais atualizados em termos de conhecimento, apresentam baixo custo financeiro e podem se esforçar muito para permanecer na organização. Existem ingressantes neste sentido que embora não tenham muita experiência prática, em pouco tempo começam a desenvolver o papel de um profissional. Dependendo da empresa, alguns estagiários têm a chance de contratação antes do final do término do contrato.

Outra oportunidade criada por algumas empresas é a contratação de trainees, recém-formados que recebem treinamento para ocupar posições organizacionais. A área comercial também oferece vagas com oportunidades para o bom aprendizado profissional.

De toda maneira, independente da escolha que um recém-formado resolva ingressar no mercado de trabalho, é preciso muita dedicação, afinco e capacitação. Estes são fatores fundamentais para o desempenho das atividades e manutenção do emprego.

Prado, A. Os desafios do início da carreira profissional. **Canção Nova**. 16 de maio de 2017. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/brasil/os-desafios-do-inicio-da-carreira-profissional/>.



A cidade e o distrito contam com comércio de pequenos e microempresários no setor do comércio de roupas, calçados, produtos agrícolas, supermercados, padarias. Além de prestação de serviços como madeireiras, oficinas mecânicas, eletricitistas, pedreiros, etc. E também funcionários do setor público municipal e estadual.

Porém, a base da economia em nossa região está na geração de emprego pela Usina e, segundo dados apresentados no site da empresa, ela gera 5500 empregos diretos e 18600 indiretos.

Em um levantamento realizado para elaboração do Projeto Político Pedagógico PPP da escola, dados mostram que, 45% dos pais, e 34% das mães trabalham na Usina.

As cidades da agroindústria canavieira se tornaram altamente dependentes não apenas do montante total da renda gerada pela produção agroindustrial, bem como dos tributos correspondentes, mas sim de uma fração ínfima da mesma, materializada no salário dos trabalhadores.

As formas de trabalho no campo estão sendo modificadas, com a proibição da queima da palha da cana e a mecanização, houve alterações significativas na relação de trabalho homem e lavoura, o que gera impactos positivos para o meio ambiente, mas temidos por trabalhadores.

A seguir, leremos um artigo de opinião, de uma aluna do município de Tamboara, finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* em 2008.

Cavaleiros da cana *versus* mecanização

Mariane Chelli de Oliveira

O lugar onde vivo é uma típica cidadezinha do interior do Paraná, com uma população de apenas 4.275 habitantes. O formato do município de Tamboara é no mínimo curioso, quase um quadrado perfeito emoldurando uma cidade em miniatura com virtudes e problemas característicos de uma cidade pequena.

Em nosso município e região a cana-de-açúcar é a principal fonte de trabalho; é cortando cana que muitos trabalhadores sustentam suas famílias. Devido ao serviço árduo e estafante, podemos chamá-los de cavaleiros da cana, pois levantam de madrugada, vestem suas armaduras e saem para a luta com a determinação de guerreiros.

Mas ultimamente algo vem lhes tirando o sono: a provável mecanização da colheita de cana. Penso que isso não deveria acontecer, pois é indiscutível que esse tipo de colheita irá ocasionar o desemprego de muitos trabalhadores braçais.

Com a implantação da mecanização, as usinas teriam mais lucros, pois, segundo dados da Alcopar, enquanto um trabalhador colhe em média seis toneladas de cana por dia, uma máquina pode colher seiscentas.

Segundo dados da União dos Produtores de Bioenergia (UDOP), o Paraná ocupa o segundo lugar na produção de cana-de-açúcar. Isso é algo que podemos perceber claramente observando o aumento do plantio de cana em nossa área rural, que, se por um lado, gera muitos empregos, por outro, causa problemas ambientais.

Nesse sentido, os que são contrários ao processo de mecanização da colheita de cana-de-açúcar argumentam que ele tiraria o emprego de muita gente, que em sua maioria possui baixa escolaridade e não conseguiria outro emprego, principalmente com carteira assinada, como o proporcionado pelo corte de cana.

Os que argumentam a favor citam as questões ambientais, pois com o trabalho das máquinas não haveria a necessidade das queimadas dos canaviais que poluem o ar, matam animais e prejudicam a saúde humana, principalmente a dos próprios cortadores de cana que entram em contato direto com a fuligem.

Na minha opinião, os impactos negativos causados pelas queimadas são inegáveis, mas não deveriam servir de justificativa para a substituição de trabalhadores por máquinas. Vale lembrar que o corte da cana sem a prática da queimada não é impossível, pois isso já ocorre quando há o corte de cana para a produção de mudas.

Segundo pesquisa feita pelo engenheiro ambiental Eleutério Languloski, não há motivos que justifiquem técnica, ecológica ou socialmente as queimadas nos canaviais, a não ser para maior rendimento da colheita.

Esse, com certeza, é um impasse difícil de ser resolvido, mas acho que a solução está com os donos de usinas, que poderiam abrir mão de suas margens de lucro, acabando com a prática da queima de cana, pagando uma remuneração mais justa aos seus trabalhadores que produziram menos do que na situação atual e fornecendo-lhes equipamentos de trabalho adequados para sua proteção, visto que na colheita da cana os trabalhadores estariam mais sujeitos à picada de bichos peçonhentos e cortes causados pelas folhas.

Assim, o verde de nossos canaviais continuaria sendo a cor da esperança de nossos cavaleiros, que veem no plantio da cana e na força de seu trabalho a garantia de sustento de suas famílias e o progresso de nossa cidade.

Aluna finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa
Escrevendo o Futuro em 2008, 3º ano do Ensino Médio da
E. E. F. Doutor Dúlio Trevisani Beltrão, Tamboara – PR.

1. Qual a questão polêmica?

2. Qual acontecimento levou a autora a escrever este artigo?

3. Qual a posição dela a respeito da polêmica?

4. Que argumentos ela utiliza para justificar sua posição?

5. A autora propõe alguma alternativa ou uma solução para a polêmica? Se sim, qual?

IMPORTANTE!!!

Ao escrever um artigo de opinião, você deve utilizar argumentos consistentes e bem fundamentados, pois são os mais fortes e convincentes. Devem explicar ao leitor quais as razões que o levaram a tomar determinada posição. Os argumentos devem ser escolhidos de acordo com o público ao qual o artigo é destinado.

Um artigo de opinião costuma trazer diversas “vozes”, isto é, a posição favorável de pessoas que o autor inclui no artigo para sustentar a própria opinião, ou a posição contrária, de outros, à qual se refere porque deseja rebatê-la, chamados de contra-argumentos.

A expressão “voz” não se refere apenas à palavra dos indivíduos. Números, estatísticas, dados quantitativos ou qualitativos também são considerados vozes.

Texto 6

Para minimizar a questão do desemprego, a Usina capacitou seus funcionários para operar no plantio mecanizado.

AGRÍCOLA

Colheita mecanizada de duas linhas apresenta vantagens

Novo sistema comprovou ser compensatório, reduzindo custos e pisoteio de área colhida

Na Usina [redacted], a inovação e busca de novas tecnologias nos setores agrícolas têm sido um desafio constante e, em se tratando de colheita de cana, os esforços têm sido ainda maiores.

Diante da busca em atender as exigências de Normas Regulamentadoras, algumas visitas ao fabricante John Deere foram concretizando a possibilidade de desenvolvimento de colhedoras de cana de duas ruas. Após extenso trabalho, o êxito foi alcançado e um novo sistema foi implantado na Unidade Junqueira em 2010, trazendo vantagens operacionais na redução de pisoteio de área colhida, já que cai pela metade o trânsito quando comparado ao de colheita de uma rua só. Essa redução proporcionou um ganho em torno de 20% nos rendimentos.

Com um planejamento estratégico e tendo em vista os objetivos do grupo com a evolução da atividade, os custos de implantação dos novos equipa-

mentos estão sendo incorporados aos de renovação de frota. Tudo isso exige um trabalho de planejamento, envolvimento e comprometimento em torno dos objetivos, os quais a [redacted] deseja alcançar para continuar competitiva nesse segmento agrícola - e no qual tem se destacado nacionalmente.



Colheita mecanizada com 9422 no A-7. Início da operação no equipamento adaptado.

Plantio mecanizado veio para ficar

A mecanização é uma tendência no cultivo da cana-de-açúcar. As grandes extensões de plantio e o curto período com ótimas condições climáticas têm sido as principais causas da mecanização das operações de plantio. Na Unidade [redacted] este tipo de plantio vem sendo utilizado desde maio de 2011.

Vale lembrar que grande parte da mão de obra que atuava no plantio convencional, foi treinada e hoje atua como operador de máquina no plantio mecanizado. Atualmente, o novo processo é formado por duas plantadoras, avaliadas em R\$ 500 mil cada.

Área a ser colhida: **127.510** ha
colheita mecanizada: 75%
colheita de cana crua: 28%

Área a ser plantada: **34.463** ha
Plantio mecanizado programado: 37%

Moagem total: **9.080.382** ton
Etanol: 301.767.447 L
Açúcar: 922.701 ton
Cogeração de energia: 227.896 MWh

Fertilização: **28.117** ha



Com base nos textos lidos e em seu conhecimento a respeito do assunto, escreva uma resposta argumentativa, de até 15 linhas, à seguinte pergunta: A mecanização nas lavouras de cana-de-açúcar é positiva ou não em relação aos empregos gerados?

Texto 7

Fazer curso técnico ou faculdade: o que vale a pena para o empreendedor?

O que é um curso técnico?

O curso técnico é uma categoria especial do Sistema de Ensino Brasileiro. Ou seja, não é como fazer faculdade. A graduação dá uma visão mais ampla de conhecimento e ajuda a formar não apenas profissionais, mas também pesquisadores, cientistas ou acadêmicos.

Já o curso técnico é de nível médio e pretende formar pessoas para o **mercado de trabalho**. Por meio de conhecimentos teóricos e práticos, prepara o aluno para diversas atividades do setor produtivo. No geral, são muito **mais focados na parte prática**.

É possível fazer curso técnico durante o ensino médio. Dessa forma, o aluno já se forma no ensino médio com habilidades práticas e técnicas para arrumar emprego. Há três formas de cursá-lo:

Integrado: o aluno faz as disciplinas gerais do ensino médio com as do técnico na mesma escola e na mesma época.

Concomitante: o aluno faz o curso técnico e o ensino médio na mesma época, mas em escolas diferentes. Além disso, faz o técnico em um turno e o médio em outro. Só é possível fazer isso em escolas estaduais ou particulares.

Subsequente: o aluno faz o curso técnico quando já está formado no ensino médio, cursando apenas matérias técnicas. Esse complemento dura até dois anos.

Curso técnico X faculdade: fique atento ao investimento

Além de ser mais curto e preparar para o mercado de trabalho de forma prática, o curso técnico exige **menos investimento financeiro**. Fazer faculdade é o sonho de muita gente, mas pode não ser a melhor opção quando a grana está curta.

Há a possibilidade de entrar em universidades públicas, mas muitas costumam ser bastante concorridas. Se o seu objetivo for ingressar em uma dessas instituições, vale a pena pesquisar qual nota você precisaria ter no vestibular ou no ENEM. Será necessário fazer um planejamento de estudos e se dedicar bastante.

Faculdades particulares são mais caras do que cursos técnicos e, como a duração dos cursos costuma ser de pelo menos quatro anos, pense que você terá que investir por um longo período de tempo.

Além disso, muitos cursos de graduação exigem que o aluno faça estágio, que pode ser não remunerado ou pagar pouco. Portanto, planeje-se para isso também.

No futuro, por outro lado, a faculdade poderá trazer maior retorno financeiro, já que **o mercado de trabalho brasileiro tende a valorizar quem tem diploma de ensino superior**. Uma boa opção é fazer um curso técnico, ingressar no mercado de trabalho e cursar uma graduação depois, quando você estiver mais maduro e em melhores condições financeiras.

Com base nos textos lidos, podemos observar que, independente da profissão escolhida, treinamento e aperfeiçoamento profissional são o caminho para o desenvolvimento profissional.

Pensando a estrutura do artigo:

Texto 8

A cidade de Campina da Mata

O lugar onde eu vivo é uma pequena cidade chamada Campina da Mata que é muito legal e sossegada. A mesma tem muitas belezas naturais, belos igarapés, festas locais, comidas típicas, passeios e cachoeiras. É uma cidade conhecida por formar bons trabalhadores, gente que luta para construir seu futuro. Muitos moradores querem que ela continue sempre assim, pequena e tranquila, sem a agitação das cidades grandes. Outros gostariam que ela crescesse mais e oferecesse bons empregos.

Nossos jovens são incentivados desde muito cedo a buscarem alvos, porém nossa querida cidade não consegue oferecer oportunidades de emprego para todos, isso faz enfrentar um sério problema que é o desemprego, com isso ocorre a migração de nossos trabalhadores e junto com eles o sonho de fazer crescer cada vez mais o nosso município.

Além disso, perdemos a oportunidade de dividir momentos felizes de nossas vidas com pessoas que possuem papel importante na família da cada campinense da mata. Os jovens vão embora e largam aqui seus pais, irmãos e avós, é um problema muito triste, se tivesse trabalho aqui mesmo seria bom para todo mundo.

Na minha opinião, deveriam acreditar e investir em nossa cidade, pois temos vontade de fazer crescer o lugar em que vivemos. Assim poderemos ter a certeza de que não teremos mais que nos separar de nossos familiares e, dessa forma construir um lugar para se viver com trabalho e igualdade para todos.

Enfim, vamos orar para que Deus olhe por esta cidade que tem tanta gente boa e trabalhadora que quer construir um futuro melhor para sua família.

Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/a-cidade-de-campina-da-mata/index.html

O artigo precisa de melhorias, para isso, utilizaremos o quadro a seguir, para poder analisar cada parte e sugerir uma forma de reescrita coletiva.

	Texto	Perguntas
Título	A cidade de Campina da Mata	• Esse título é original? • Desperta curiosidade? • Anuncia a questão polêmica? • Instiga o leitor a conhecer o texto?
1	O lugar onde eu vivo é uma pequena cidade chamada Campina da Mata que é muito legal e sossegada. A mesma tem muitas belezas naturais, belos igarapés, festas locais, comidas típicas, passeios e cachoeiras. É uma cidade conhecida por formar bons trabalhadores, gente que luta para construir seu futuro. Muitos moradores querem que ela continue sempre assim, pequena e tranquila, sem a agitação das cidades grandes. Outros gostariam que ela crescesse mais e oferecesse bons empregos.	• O autor indica claramente a questão polêmica? • Usa linguagem adequada para um artigo de opinião? • Relaciona os problemas locais com situações nacionais ou até mesmo internacionais?
2	Nossos jovens são incentivados desde muito cedo a buscarem alvos, porém nossa querida cidade não consegue oferecer oportunidades de emprego para todos, isso faz enfrentar um sério problema que é o desemprego, com isso ocorre a migração de nossos trabalhadores e junto com eles o sonho de fazer crescer cada vez mais o nosso município.	• Que assunto é tratado no segundo parágrafo? • A maneira como as informações estão organizadas, em um só período, sem ponto final, com verbos sem sujeito ajudam a entender a polêmica de que vai tratar? • Por que os jovens dessa cidade em particular são "incentivados desde muito cedo"? Que características relacionadas ao tipo de trabalho dos adultos nesta região levam-nos a incentivar seus filhos a buscar emprego muito cedo? • O que significa exatamente "buscar alvos"? Como seria possível explicar melhor o que o aluno quis dizer com isso? • Que dados poderiam ser citados para provar que a migração para os grandes centros é alta em Campina da Mata? • Que fatos, exemplos ou autoridades poderiam ser citados para fundamentar o argumento de que o aumento da oferta de empregos só é possível com o crescimento das cidades que, com isso, correm o risco de se descaracterizarem? • Quais são as vantagens apontadas pelos moradores que querem que a cidade permaneça pequena?
3	Além disso, perdemos a oportunidade de dividir momentos felizes de nossas vidas com pessoas que possuem papel importante na família de cada campinense da mata. Os jovens vão embora e largam aqui seus pais, irmãos e avós, é um problema muito triste, se tivesse trabalho aqui mesmo seria bom para todo mundo.	• O autor assume uma posição? • Utiliza bons argumentos para sustentá-la? • Há pessoas que não acreditam que a migração seja um problema? • Será que todos os moradores pensam da mesma forma ou alguns podem levantar contra-argumentos à posição do autor do texto? • Como seria possível refutar os contra-argumentos dos que pensam de forma diferente?
4	Na minha opinião, deveriam acreditar e investir em nossa cidade, pois temos vontade de fazer crescer o lugar em que vivemos. Assim poderemos ter a certeza de que não teremos mais que nos separar de nossos familiares e, dessa forma construir um lugar para se viver com trabalho e igualdade para todos.	• O autor acrescenta outros tipos de argumentos para fortalecer sua posição? • Expande a discussão, relacionando a migração local em busca de empregos a aspectos nacionais ou globais?
5	Enfim, vamos orar para que Deus oihe por esta cidade que tem tanta gente boa e trabalhadora que quer construir um futuro melhor para sua família.	• Como leitor, você ficou convencido pelos argumentos do autor? • Conclui o texto enfatizando a posição dele?

Atividade extraída da oficina 13 dos cadernos virtuais das Olimpíadas de Língua Portuguesa. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/etapa/reescrita-em-grupos/index.html



Converse com colegas de outras salas que já trabalham e aqueles que querem se inserir no mercado de trabalho, procurando responder às seguintes questões:

1. Como um jovem pode se preparar para entrar no mercado de trabalho? Que qualidade e competências ele deve ter?

Faça um parágrafo relatando quais as conclusões que tiveram após a conversa.

Proposta de produção!

Em função da leitura dos textos motivadores e dos conhecimentos, posicionamentos ou vozes sociais reconhecidas sobre o tema ao longo das aulas, como a voz do mercado, da economia, escreva um artigo de opinião sobre **“A dura escolha da profissão e a necessidade de qualificação profissional para os jovens que precisam adentrar no mercado de trabalho”**. Leve em conta a sua realidade de jovem que está em fase de se inserir no mercado de trabalho e a realidade de sua cidade, as vagas de emprego ofertadas, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

APÊNDICE V: PRODUÇÃO DOS ALUNOS

Isabeli

Unidade 1

Produção 1

Moro em (distrito) desde de que nasci toda a minha família também mora aqui, a onde eu moro é bem, tranquilo tem muita gente trabalhadora e muita gente curiosa.

Aqui é bem pequena, as pessoas não saem muito na rua, preferem ficar em casa, o cheiro não é muito agradável, temos pouca opção de mercado e lojas. Tem pouca opção de trabalho a maioria da população trabalha na Usina. As ruas são bem esboracadas e não temos saneamento básico. Enfim gosto muito daqui e não pretendo me mudar para outra cidade.

Produção 2

Distrito 8 de novembro de 2018

Excelentíssimo Prefeito Marcos Mello,

Venho atravez desta carta fazer algumas reclamações sobre o distrito. Em conversa com outros moradores e em sala de aula, discutimos alguns problemas que poderiam ser solucionados, e gostaríamos de saber das possíveis obras que foram iniciadas e até então não finalizadas. Muitos moradores falaram que ruas da cidade estão muito esboracadas, e com isso fica difícil de se trafegar, os moradores podem se machucar. Também falaram sobre a saúde do distrito que está um descaso, eles comentaram que poderia ter mais funcionários com mais competência. E em relação a segurança os moradores falaram que poderia ter mais policiais à noite e de dia.

Espero que possa atender os pedidos da população.

Agradeço desde já.

Unidade 2

O lugar onde moro é bem pequeno, a nossa população é apenas quase 4 mil habitantes, aqui temos uma usina de cana de açúcar, onde a maioria da população trabalha. Aqui a maioria dos jovens que já completaram seus 18 anos começam em trabalhar em serviços rurais na usina, já os jovens que tem o 2º completo conseguem um emprego melhor dentro da Usina trabalhos não tão sofridos. Alguns jovens não querem trabalhar na usina, eles fazem faculdade, estudam em cidades vizinhas e com isso conseguem empregos bem melhores, para isso é preciso se dedicar, pois trabalhar e estudar ao mesmo tempo não é nada fácil. É bom lembrar que todos jovem poderia se dedicar aos estudos e fazer cursos técnicos, etc, pois imaginarão se são mandados embora ou se a usina acabar o que eles vão fazer? É importante sempre procurar melhorar estudar, se qualificar para sempre estarmos preparados para tudo.

Camila

Unidade 1

Produção 1

Aqui em (distrito) tem poucos lugares para sair, se divertir falta um pouco de lazer.

É uma cidade pequena com pessoas curiosas e fofoqueiras isso é um incômodo. a cidade que eu morava era maior tinha movimento praça mais movimentada, já aqui que bem parada.

As pessoas que moram aqui há algum tempo se acostumou com o baixo movimento. Aqui não tem muito emprego tem que buscar fora, mas aqui tem a famosa Usina conhecida por muitos.

Aqui todos se conhecem, é até um pouco de incomôdo mais são boas pessoas.

Produção 2

Distrito 8 de novembro de 2018

Excelentíssimo Senhor Prefeito, Marcos Mello

Venho através desta carta apontar alguns problemas que tem em nosso Distrito, pois entrevistamos algumas pessoas e queria lhe informar. Em nosso distrito falta segurança. A segurança está precária, na saúde falta remédios um bom atendimento pois um dos entrevistados foi ao posto com pressão baixa e chegando lá pediram para o mesmo voltar uma outra hora como se não fosse nada grave.

A rede de esgoto que muitas pessoas reclamam porque só prometem e nunca cumprem. E os buracos nas ruas que tapam mais com a primeira chuva parece que o buraco aumenta, não tem condições de sair com o carro ou outro meio de transporte sem que não fique desviando dos buracos. Temos mais problemas mas o mais citados foram estes. Espero que mude esta situação o mais breve possível.

Na segurança pode abrir uma delegacia para que se que alguns PMs de guarda vigiando os redores da cidade para que a segurança melhore. Tapar os buracos, fazer uma revisão todo mês para que as suas sejam melhores para o tráfego diário.

Unidade 2

A necessidade que nós jovens temos de engessar no mercado de trabalho é grande mais para isso precisamos nos qualificar. Na minha cidade tem poucas opções de trabalho, as que a não precisa de um curso superior, mas para um salário melhor um curso superior sempre é muito importante.

Vagas para estagiários podem ser uma boa opção para quem quer ingressar no mercado de trabalho, garantindo conhecimento atualizado, apresenta baixo custo financeiro para a empresa contratante.

No distrito da minha cidade existe uma grande empresa que oferece várias vagas de emprego, mesmo com qualificação às vezes você não é contratado pela profissão mas hoje em dia na minha cidade ou emprego que estiver disponível nós aceitamos.

Nicolly

Unidade 1

Produção 1

Onde eu moro, um local apreciado por pessoas que vem de longe, de cidade grande. Elogiam-a por ser pequena, ser calma, sem violência, muitas das vezes nem sabiam que esse lugar tinha uma existência, por isso tornando-a uma novidade para muitos.

Para as pessoas que moram aqui, no (distrito), já não tem mais nenhuma novidade, nenhum evento no qual nos chame atenção, pois já virou “rotina”, as pessoas já “enjoaram”. Para muitos não tem necessidade de ficar, preferem ir embora, às vezes por necessidade de ir em busca de emprego. Porque como muitos sabem somos conhecidos por ser distrito de XXX, “Cidade do Rodeio”, e famosa pela Usina, uma indústria de álcool e açúcar.

Basicamente nos anos 2000, havia vários entretenimentos na praça da cidade nos salões e nas ruas, hoje em dia não há mais nada. Assim como há elogios, também há crítica, pela situação que se encontra a cidade, ruas esburacadas, sem rede de esgoto, uma segurança considerada “esquecida”, um local onde todos se conhecem. Digamos, “A vila do Chaves”!.

Produção 2

Distrito, 9 de novembro de 2018

Senhor Prefeito Marcos Melo, estou aqui escrevendo essa carta, para fazer o relato de algumas reclamações feitas pelos moradores do distrito, exemplo, saúde, pois há um descaso nessa parte, o Senhor e sua equipe fazem a reforma, no período de eleição, e depois que passa esse período vem o desleixo. Segurança, no dia 29/06/ 2017 teve um envio de viaturas para XXXX, porém nosso distrito nunca viu, bom vimos, mas só quando tem algum roubo, fora isso não tem viaturas para fazer uma

“ronda” durante dia e noite, pois há uma necessidade para nossa segurança. Rede de esgoto, se for para começar uma obra e não terminar, nem comece, pois obras dessa maneira tem de haver começo e fim, por ser uma “obrigação” e algo necessário para todos nós moradores. Os buracos também é uma reclamação frequente, pois, a muitos buracos por toda a cidade, pessoa reclamam pois há um risco de ocorrer acidentes, assim como já ocorre, não só com veículos, mas com as pessoas principalmente com os idosos.

Nós moradores, gostaríamos que o Senhor tomasse alguma providência, para poder resolver esses problemas

Obrigado pela atenção, espero resposta!

Unidade 2

Fim do Ensino Médio, e agora?

Para os jovens, há uma dificuldade de se inserir no mercado de trabalho. Por essas empresas procurarem pessoas experientes e muitas das vezes acabam não abrindo porta de emprego para os jovens.

de acordo com o texto, “A crueldade do mercado de trabalho para os jovens do país” há dados específicos trazidos pelo IBGE e PNAD de números estatísticos, de pessoas que não estão matriculadas, que pararam os estudos, e até mesmo que não cursou ensino fundamental temos números dos famosos nem “nem- nem” nem trabalha nem estuda.

Na sociedade, há uma grande pressão sobre os jovens em questão de suas escolhas de formação e trabalho, pressão também feita pelos pais. Que na qual, faz com que esses jovens, façam uma escolha não cabível com o que eles querem para si.

Na cidade onde moro os jovens não têm perspectiva de uma boa formação e muitos nem mesmo de terminar os estudos. Veem como oportunidade e opção de trabalho a usina por ser a empresa que gera mais emprego no local, e diante aos jovens o meio mais “fácil”. Para outros, tem o jovem aprendiz que traz uma profissionalização e experiência a mais.

Para menor de 18 anos é bem mais difícil conseguir emprego, pois, não tem experiência em nenhum meio então uma “saída” e opção pegam qualquer emprego que seja proporcional a sua idade e sabem fazer e o que não sabem. Assim, adquirindo experiência.

Enfim todos estão em busca de emprego, seja o que deseja, e o que não deseja. Pois, está difícil para todos. Mas os jovens devem sair de sua zona de conforto, e irem em busca de cursos e terem uma qualificação maior para que consigam um emprego até mesmo melhor do que desejam.

Diogo

Unidade 1

Produção 1

Nasci aqui, cresci aqui e talvez morrerei aqui.

Um distrito como outro qualquer, pessoas boas outras ruins, cheio de bares e igrejas, talvez uma combinação perfeita, alguns bebem para esquecer seus pecados, outros vão à igreja pedir perdão pelos erros cometidos.

Lugar calmo, 1 assassinato por ano o resto é por causas naturais.

Trabalho tem, graças a Usina, acho que sem ela nosso distrito nem existiria.

Produção 2

Senhor Prefeito, nós do distrito, estamos escrevendo essa reclamação para você, pedindo que o senhor olhe com mais carinho para o nosso distrito.

Os problemas descritos pelos moradores são a falta de banco, lotérica, cartório, rede de esgoto, falta de emprego, segurança, saúde e lazer

A falta do banco incomoda muitas pessoas, pelo fato de precisar sair do distrito para ir a XXXX.

Rede de esgoto é um problema grande pelo fato do odor e muitos bichos que acabam saindo das fossas.

Os buracos são um incomodo, já que a maioria das ruas estão em péssimo estado.

Unidade 2

A dura escolha da profissão

Todos os jovens entre 16 e 18 anos começam a pensar que trabalho vão querer exercer quando forem adultos. A escolha nem sempre é fácil, pois essas escolhas podem afetar seu futuro para sempre, uma escolha como essa demanda muita maturidade, porque tudo é muito novo, o jeito é experimentar, caso não goste é só trocar.

Entendo que nem sempre é assim, no meu caso é mais difícil, pois não tenho como voltar atrás por diversos outros problemas, mas mesmo assim preciso pensar bem no que eu quero, todos temos essas dúvidas, mas de alguma maneira todos nós conseguimos saná-las.

O meu exemplo também não é fácil, moro em um Distrito pequeno, com uma população de quatro mil habitantes, como um local pequeno, não há tantas oportunidades de emprego, ficamos limitados a Usina se caso você queira algo diferente, é preciso sair para estudar ou procurar outros emprego fora, ou ficará limitada a um trabalho na usina, passando veneno.

Kimberly

Unidade 1

Produção 1

Minha família mora aqui já alguns anos e comigo não foi diferente, nasci e cresci nesta pequena cidade. Gosto muito de morar aqui, pois acho uma cidade calma mas as vezes acaba sendo calma de mais se tornando um pouco chato.

Quando se trata de diversão aqui não é um dos melhores lugar, as pessoas quando querem fazer algo diferente sempre procuram nas regiões mais próximas.

Em relação a emprego, a maioria da população trabalha na Usina, que já é uma empresa bem antiga, os que não conseguem entrar nela, procuram nos frigoríficos das regiões e nos comércios.

Além de emprego, diversão, aqui também falta saneamento basico, as vezes medicos no posto de saude, melhorar as ruas, etc.

Mas mesmo assim ainda gosto de morar aqui e não penso em ir embora.

Produção 2

Distrito, 08 de Novembro de 2018

Excelentissimo prefeito Marcos Mello,

Sou moradora do Distrito e aluna do Colégio Estadual do Campo Tereza Cristina, e por meio de discussões em sala e pesquisas feitas com outros moradores observamos alguns problemas e que achamos que podem ser solucionados.

De acordo com nossas pesquisas a segurança é bem fraca, pois tem pouco policiamento, e o pouco que tem não faz a ronda diariamente.

Outro tema muito abordado foi a respeito da saúde os médicos do posto de saúde não são bem qualificados e quando precisamos de remédios, nem todos encontramos.

Os moradores também reclamaram da situação dos asfaltos, que alguns bairros é quase impossível de se locomover, e como há pessoas que dependem de cadeiras de rodas para elas se torna mais difícil.

Também gostaríamos de saber a respeito do saneamento básico, em que começaram a ser feito as obras, para fazer os esgotos, e não concluíram, e queremos saber o motivo dessas obras terem parado.

Esperamos que possa analisar cada problema, e assim apresentando uma possível solução.

Agradeço desde já.

Unidade 2

Sou moradora do distrito uma cidade pequena e com poucos moradores. A maioria dos jovens de nossa cidade quando completam 18 anos procuram trabalho na Usina que é a empresa que mais gera trabalho, quando não consegue o emprego dentro da Usina, eles procuram nas cidades vizinhas.

A cada momento que passa o mercado de trabalho se torna mais exigente, assim procurando pessoas qualificadas. A qualificação profissional deve ser vista como um dos principais fatores para aqueles que estão buscando uma colocação no mercado de trabalho.

Nossa cidade não nos fornecem métodos de conseguir uma boa qualificação, se um jovem quiser fazer uma graduação ou um curso técnico tem que procurar nas regiões.

Com as implantações de máquinas as usinas tem mais lucros, mas menos empregos pois as máquinas podem fazer os serviços que os trabalhadores faziam. Por isso é sempre bom ter estudos e ser qualificado conforme as necessidades de hoje, caso um dia a Usina falhe as pessoas estão preparadas para outros tipos de cargos.

Na minha opinião, deveria ter outras empresas que pudessem disponibilizar mais empregos.

Eduardo

Unidade 1

Produção 1

A distrito, é muito pequena não tem muitos habitantes.

O problema do distrito é que o povo é muito fofoqueiro, a cidade também tem muitos buracos que pode até ser difícil de um caderante passar.

O distrito também, não tem muitos empregos, porque se não fosse a Usina toda a população já teria ido embora pra outra cidade, alias algumas pessoas já foram porque é bem difícil arrumar serviço aqui.

Algumas coisa até que mudaram em nossa cidade como a construção de um parque de ginastica e um campinho de futebol, mas o que dá vergonha mesmo é o posto de saúde, porque quando você está doente e vai para ser atendido, não tem médico, aí você tem que ir até XXXX para consultar, isso é um grande defeito do distrito.

No meu ponto de vista o distrito tem que mudar muitas coisas ainda. Uma delas é colocar médicos no posto de saude, arrumar os buracos etc...

Produção 2

Distrito 08 de novembro de 2018

Excelentissimo Senhor Prefeito, sou aluno de uma escola do distrito, e tive um trabalho, de entrevistar algumas pessoas, para falarem da situação do distrito.

A maioria dos entrevistados falaram de alguns problemas, que queriam que o senhor desse um jeito para poder resolver esses problemas, eles citaram algumas coisas como segurança eles reclamaram que poucas vezes passam viaturas na cidade e o senhor sabe como, é bom se sentir seguro, outro problema também é o caso da saúde, a falta de médico aqui é muita sem falar nas atendentes, que não sabem tratar um paciente com educação, um dos entrevistados falou que foi medir a pressão, e a atendente falou, para voltar depois, no meu ponto de vista quem tem pressão alta tem que ser atendido na hora, outro problema é os buracos da cidade, tem ruas que nem para passar com o carro não dá por conta dos buracos.

Certamente o senhor vai saber o que fazer, mas vou falar algumas coisas que o senhor pode tentar mudar, uma delas é colocar mais viaturas em nossa cidade, o senhor também poderia, colocar, médicos e atendentes melhores, para atender os cidadãos bens, com competência e com respeito e também tentar resolver o problema dos buracos.

Espero que o Senhor possa responder essa carta.

Assinado: Aluno.

Unidade 2

O distrito como é uma cidade pequena com pouca população, a cidade fica como a cidade que quase não tem serviço ou melhor falando emprego.

Muitos adolescentes que ficam de maior com 18 anos, não conseguem um serviço imediato, muitos ficam desempregados.

Outro caso é a Usina, que é a única que contrata pessoas, mas com passar do tempo as coisas mudaram um pouco, pois estão colocando máquinas no lugar dos trabalhadores, e por conta disso muitos estão perdendo seus serviços.

Na minha opinião, essas máquinas diminui os serviços dos trabalhadores, e dando lucro para os donos, pois estão tirando alimentos da boca das crianças pois seus pais foram substituídos pelas grandes máquinas, e a única alternativa é ir embora para outra cidade em busca de emprego e acaba deixando suas famílias.

Como no distrito muitos não tem estudos e não conseguem um serviço bom, como um amigo que eu tenho, ele não conseguiu terminar seus estudos e hoje ele está passando veneno.

Aqui em nossa cidade também deveria ter mais cursos para as pessoas que querem ser uma pessoa grande na vida.

Muitas pessoas terminam também seus estudos, mas eles tem que ir embora para outra cidade atrás do seu trabalho que poderá ter um bom futuro, LONGE DESSA CIDADE.

Edson**Unidade 1**Produção 1

No lugar onde eu moro

Eu moro no Distrito,
que tem uma só avenida que liga da
entrada até a saída que dá 10 km
da cidade de XXXX. Aqui
tem, vários mercados, um cartório
farmácias, escolas etc...

Em (distrito) a fonte de renda
é a usina que faz açúcar e álcool
a maioria dos habitantes trabalham
lá.

Aqui não tem muitos empregos, para
quem não quer trabalhar na usina
precisa ir para outras cidades para
procurar uma coisa melhor. Pra quem gosta
de sossego o distrito é a melhor
opção.

Produção 2

Distrito, 8 de novembro de 2018

Senhor Prefeito

Senhor, Prefeito estamos fazendo essa carta de reclamação do distrito por causa de falta de remédios no posto de saúde, as ruas estão cheias de buracos que pode levar uma pessoa idosa a tropeçar

no buraco e cair e também falar sobre a rede de esgoto por que tem muitas casas estão tendo problemas em seu encanamentos, como água que está voltando, para as casas, eu espero que você resolva todos esses problemas que estão tendo no distrito.

Um aluno

Unidade 2

Os jovens depois que termina a escola

Para os jovens está mais difícil para a entrada no mercado de trabalho. Para alguns que não completou os estudos fica pior para a entrada no mercado de trabalho.

Com os dados do IBGE que mostram os jovens que não terminou os estudo e que só matricularam.

Para os jovens de minha região quando terminam a escola a maioria vão trabalhar na usina, porque é a forma mais rápida de entrar no mercado de trabalho, mais é muito sofrido e ganha pouco dinheiro, alguns jovem começa a estudar e fazer uma faculdade no mesmo tempo, mas é muito trabalha no turno A, depois pega uma van e vai estudar em Maringá e muito trabalho mais vai ter um futuro melhor.

Marcos

Unidade 1

Produção 1

Minha cidade é pequena de uma praça só com duas escolas uma grechi 5 mercas com mais ou menos 7 lojas, é uma cidade bem tranqui mas a bastante drogados tem muitas brigas mais em comparação com outros lugares que é bem calmo, sinal de operadora quase nem pega ainda bem que tem o WI-FI prontos, tem um rodeio no município de XXXX as pessoas da região vão pra lá, disseram que o rodeio só perde pro Barreto, continuando na minha cidade, também temos um campo de futebol e um que paga R\$1,50 cada pra podermos jogar 1 hora, a saúde pública não é das melhores não tem tudo que nos precisamos mas se precisa ir para outra cidade eles te levam até o local te orientam eu sei disso porque já precisei muito e ainda preciso, muito reclamam da saúde pública mais eles não entendem e acabo esse texto dizendo que gosto de morar na minha cidade.

Produção 2

Distrito, dia 12 de novembro; excelentíssimo prefeito estou fazendo um trabalho no colégio estadual do campo Tereza Cristina sobre o estado que está o distrito fazendo uma reclamação ao Senhor, então vamos lá, vou começar com a segurança, a polícia passa no máximo 2 vezes na semana parece que só estão preocupado com veículo, a saúde também não é muito boa não tem bom atendimento médico não (...) básicos (...) nem um município, e o emprego está enfalta, não tem também rede de esgoto e isso prejudica a saúde, a muitos buracos isso prejudica a vida útil dos veículos, a falta de entretenimento aos habitantes, a falta de banco e lotérica temos que ir no município para estas coisas, e acabou o incentivo de esporte, o campo foi reformado, mas está descuidado, eu e a população contamos com a sua ajuda para resolver os problemas do distrito. Aguardo sua resposta!

ASS: Mateus Henrique Santos Macedo

Unidade 2

Moro em Distrito pequeno chamado XXX e localizado no de um monte de cana, sem muitas opções de trabalho tem pequenos comércios, frigorífico de aves e bovinos e a usina que praticamente sustenta a cidade e região, incluindo o distrito, os jovens da que são sonhadores assim como eu nos achamos que a usina não é o suficiente para nossas necessidades mais se não fizermos um ensino superior não tem como conquistar tudo o que queremos, mas aqui muitos não quer saber de escola eu me arrependo de não querer no passado. Nos momentos de hoje já ouve muitos cortes de emprego

na usina, os jovens conseguem empregos mais na area rural como herbicida, foguista, vinhaça. Alguns ainda consegue algo melhor depois de um tempo na usina, os jovens muitos saem da escola por conta do trabalho fica cansativo, mas eles tinham que pensar no futuro fazer uma faculdade um pouco mais para frente vai que um dia a usina quebra ou se ele for mandado embora podem ir fazendo cursos sempre em busca de melhorar.

Fred

Unidade 1

Produção 1

É uma cidadezinha pequena com poucos habitantes, cercada de canaviais de cana, é mais movimentada durante o dia do que a noite, já que os moradores daqui a maioria se encarrega dos trabalhos pesados da Usina, é um lugar bem calmo para morar.

Produção 2

Distrito 8 de novembro de 2018

Excelentíssimo Prefeito Marcos Melo venho através desta carta de reclamação relatar alguns problemas do distrito. de acordo com alguns moradores entrevistados a cidade sofre com a falta de saúde segurança algumas ruas estão muito esburacadas não possui rede de esgoto não tem muitas propostas de emprego não possui casa lotérica não tem entretenimentos para a população como lazer.

Unidade 2

A oferta de trabalho da região é praticamente movida a cana de açúcar, desde sua plantação até sua transformação em açúcar e alcool gerando diversos empregos na industria e na area rural mas na parte industrial requer uma qualificação maior de cada funcionário e a parte rural é preenchida com os jovens que estão atrás de emprego independente do serviço rural já que a maioria não possui experiência e nem qualificação adequada para ter um emprego bom na fábrica. Praticamente a população da região trabalha para manter a sua casa e talvez comprar um automóvel para sua locomoção assim tendo uma vida bem simples.

Moro em no distrito com quase 4000 mil habitantes e sua maior produção de renda é a cana de açúcar empregando quase toda a população.

Os jovens só pensam em terminar o Ensino Médio e ir para usina e alguns nem terminão o ensino médio são poucos que tentão fazer uma faculdade para ter uma vida melhor, mas até os que tentão alcançar isso tem muitas dificuldades por causa de sua renda.

Brenda

Unidade 1

Produção 1

Aqui a cidade é muito tranquila, é um lugar que tem menos movimento

Eu nasci em cidade grande, já era acostumada, com a praça lotada, rua mais movimentada, jovens andando, sons de carro

Quando cheguei em (distrito) assustei um pouco, mas não deixa de ser um lugar bom de morar, tem seus defeitos mais tem muita qualidade

Futuramente pretendo ir embora por motivo de estudo e emprego.

Produção 2

Distrito 09 de novembro de 2018

Excelentíssimo Senhor Prefeito, Marcos Mello venho através dessa carta esclarecer alguns problemas do nosso distrito, peço que depois de ler o senhor pense com carinho na situação que vivemos.

Venho através dessa carta relatar alguns problemas do nosso Distrito.

Precisamos de rede de esgoto, porque aqui usamos a fossa, ela causa mal estar a nossa saúde e trás muita barrata etc... Em (distrito) precisamos de Banco e lotérica pois toda vez temos que ir na cidade resolver alguns problemas.

Em questão da saúde esta precisando de melhoras (remédios, atendimento de mais médicos).

Senhor Prefeito peço que honre com o seu cargo pois foi o povo que te elegeu para melhorar nosso Distrito.

Unidade 2

A difícil escolha da profissão

Diante de tantas possibilidades e das constante mudança dentro do mercado de trabalho, ter que escolher a profissão dos nossos sonhos com a dificuldade e o nosso país sofre com a educação.

No distrito muitos jovens por falta de oportunidade, entram na usina para trabalhar na roça para tentar crescer na vida e ter um sustento, poucos conseguem ter sucesso, pois são poucos que conseguem um serviço melhor. No nosso distrito a usina e o frango são as duas oportunidades de trabalho que temos se não tiver um estudo completo ou por ter optado a fazer uma faculdade ou um curso profissionalizante.

Para esses jovens crescer profissionalmente para não depender da Usina e da JBS. Eles têm que terminar seus estudos prestar um vestibular e buscar um curso para poder trabalhar em algo melhor e fazer o que gosta.

Muitos jovens da Cidade e do Distrito que tem condições financeiras melhor vão embora para cidades próximas que tem faculdade para morar para estudar e trabalhar no que sonha.

Outros jovens que não tem condições tenta faculdade pública e paga transporte para obter sua profissão dos sonhos, nem tudo é fácil para jovens que trabalham o dia todo e ainda tem que se locomover para outra cidade todos os dias.

Por isso não podemos desistir, temos que lutar sempre pelos nossos pais e família que apesar acaba sonhando os nossos sonhos.

E por eles desejar algo que eles não teve devemos lutar e conquistar nossos sonhos, nosso trabalho, nossa família e a gente ter uma vida estabilizada e conseguir viver uma vida digna das nossas lutas e todos os dias.